



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO**

DENISE APARECIDA RODRIGUES AMÂNCIO

**DOCILIDADE AMBIENTAL: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NA PROMOÇÃO DE
QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS**

MANAUS – AM

2018

DENISE APARECIDA RODRIGUES AMÂNCIO

**DOCILIDADE AMBIENTAL: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NA PROMOÇÃO DE
QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como exigência para obtenção do Título de Mestre em Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**MANAUS – AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

A531d Amâncio, Denise Aparecida Rodrigues
Docilidade ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos /
Denise Aparecida Rodrigues Amâncio. 2018
140 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Docilidade Ambiental. 2. Affordances. 3. Pressões Ambientais.
4. Bem-estar do idoso. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

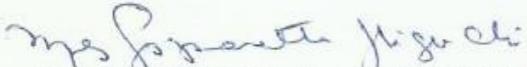
DENISE APARECIDA RODRIGUES AMÂNCIO

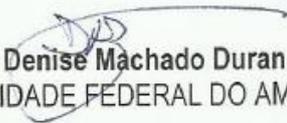
“DOCILIDADE AMBIENTAL: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS”.

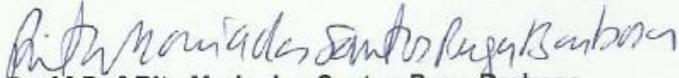
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, **Linha de Processos Psicossociais.**

Aprovado em 8 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Maria Inês Gaspáretto Higuchi
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS


Prof.ª Dr.ª Denise Machado Duran Gutierrez
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS


Prof.ª Dr.ª Rita Maria dos Santos Puga Barbosa
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

AGRADECIMENTOS

Chegar ao “fim” de um trabalho é saber que ele não se constituiu apenas pelo esforço de quem o escreveu, é deixar evidente que neste processo existem aqueles pelos quais tenho muito a agradecer, como dizia o filósofo Antístenes: “*A gratidão é a memória do coração.*”, fato este que recorda quanto é necessário agradecer e quanto foi bom contar com vocês ao longo deste processo. Nestes bastidores houveram apoios, incentivos, colo, ouvidos, fé, persistência e em breves palavras tentar descrever todo o carinho e admiração por vocês. Portanto é difícil ser breve, mas ficará guardado na memória cada momento vivenciado de aprendizado e amadurecimento. Desta forma entendam que entre as palavras, existe um verdadeiro afeto e gratidão. Às minhas pessoas *dóceis*, muito obrigada: Pela aprendizagem, incentivo e direcionamento acerca deste trabalho:

A minha orientadora Maria Inês Gasparetto Higuchi que proporcionou o contato com a pesquisa e com a Psicologia Ambiental, oportunizando crescimento, encorajamento, gentileza, delicadeza na condução desta pesquisa e por todos os momentos de aprendizagem compartilhados, muito obrigada!

Aos meus pais (Geraldo e Darcy) por todo suporte emocional e financeiro, decidir pela pesquisa requer abrir mão de muitas coisas, pai (meu exemplo) não posso esquecer o carinho, sua dedicação em dar o melhor para nossa família, mãe, por seu companheirismo e por ser esta mulher forte que me ensina diariamente, ao meu irmão (Geraldo), obrigada pela compreensão perante os dias difíceis. Amor define.

Ao meu marido Paulo Vinícius, não sei como agradecer a compreensão, companheirismo, afeto, dedicação e por cuidar tão bem de mim, obrigada por estar pronto a me dar a mão, seja na alegria ou na tristeza e por apoiar as minhas decisões, te amo, “*ad aeternum*”.

Aos meus amigos de mestrado, que neste tempo foram pessoas que mais incentivaram, apoiaram e se tornaram irmãos de caminhadas, a vocês Hitalla Fernades (pelas risadas e conselhos e carinho), Rosangela Bastos (inspiração), Andreza (pela força que tem sido), Cássio (companheirismo). Obrigada pelos momentos vividos.

A minha amiga Mayara Ferreira (amor): May, obrigada por ser colo nos dias difíceis, pela presença, afeto e por estar sempre disposta a ajudar. Estarei sempre aqui para o que precisar, obrigada pela sua amizade, companheirismo, risadas e por trazer dias mais alegres e leves em minha vida! Sempre aqui.

Agradeço também a minha amiga Adria de Lima (girassol), por ser uma grande incentivadora, aquela que me apresentou a Psicologia Ambiental antes mesmo do mestrado, condutora no estágio em docência, possibilitando que este processo fosse leve e prazeroso. Obrigada pelos ensinamentos e compartilhamentos acerca da Psicologia Ambiental, como também o carinho, conselhos e amizade diária. A Dayse Albuquerque pelo auxílio na pesquisa de docilidade ambiental, pela parceria, atenção e dedicação a mim e que venham muitas produções e parcerias para nós. A Camilla Félix por ser esta pessoa tão querida e por me dizer que sempre iria dar tudo certo. Obrigada! As amigas de uma vida inteira Karina (mãe da Lara, meu amor), Fabiane, Débora e Silvia, irmãs de uma vida! Não tenho como agradecer este tempo de amizade e apoio!

Agradeço ao Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA), por possibilitar grandes aprendizagens, destaco o curso da Floresta Amazônica e suas Múltiplas Dimensões, pelo qual guardo como um momento rico, gratificante e aos ensinamentos do Ecoethos da Amazônia, sentirei saudades. Espaço este que propiciou amizades e que serão levados no coração: A Elisa Zacarias pelo carinho, Rafael Moreira por ser especial e amigo, Mariana Baldoíno pela escuta, Sigrid Brito pelas trocas “psis” e afeto, como também lembrar os risos juntos com Leonardo, Daniela e Jamilly muito obrigada! Agradeço a Prof.^a Dra. Genoveva (pelos risos e trocas), como também deixo um carinho fraterno a minha amiga Adriana Terra, por momentos compartilhados, escuta e sua amizade que levo no coração, obrigada por tudo!

Falando em aprendizagem agradeço com afeto aos queridos professores do programa de pós-graduação em Psicologia, que colaboraram com meu crescimento acadêmico, pessoal, profissional e ser grata às professoras Rosângela Dutra e Cláudia Sampaio pelas colaborações na aula de qualificação. A professora Adriana Caldeira, por sempre cuidar de nós, sempre nos auxiliando e nos ouvindo, obrigada pelo carinho e afeto.

Aos acadêmicos da Terceira Idade Adulta do Programa Feliz Participa Sempre – U3IA-FEFF/UFAM, sou imensamente feliz pela acolhida de vocês e por ser tão dóceis e amáveis. Esta pesquisa foi muito mais feliz por vocês fazerem parte dela. Aproveito para agradecer a Prof.^a Dr.^a Rita Puga, por ter sido tão solícita em ceder o espaço PIFPS- U3IA-FEFF-UFAM, agradeço por ser sempre muito dedicada e gentil, obrigada pela confiança!

A CAPES, pela bolsa concedida na condução dos estudos. Aos amigos que não citei nomes, mas que sempre foram compreensíveis nos momentos que não estive presente, obrigada pela companhia mesmo que raras, mas que foram fortificantes para que eu

continuasse no objetivo, a vocês agradecerei pessoalmente e obrigada por fazerem parte da minha vida.

E por último, tudo foi possível por causa de uma força maior, a Ele gratidão pela vida e fé em uma nova caminhada, pelo que eu tenho, Obrigada Deus! Feliz sou por ter vocês!

Alfa, ômega, princípio e fim, sim Ele é.

Paciência

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não pára
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa
A vida é tão rara
(..)
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...
Será que é tempo
Que lhe falta para perceber?
Será que temos esse tempo
Para perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara...*

(Lenine e Dudu Falcão)

RESUMO

AMANCIO, D.A.R. Docilidade ambiental: espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, 2018.

As contribuições da docilidade ambiental trouxeram novas perspectivas para os estudos do bem-estar e qualidade de vida entre os idosos. É nesta linha que esta pesquisa está direcionada, a qual teve como objetivo analisar aspectos de docilidade ambiental no uso social de espaços públicos de convivência de idosos em uma instituição na cidade de Manaus-AM. Essa pesquisa de abordagem multimétodos utilizou as técnicas de observação sistemática e participativa, além da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Participaram do estudo 20 idosos considerados membros efetivos do Programa Idoso Feliz Participa Sempre PIFPS-U3IA-FEFF da Universidade Federal do Amazonas- UFAM/AM. Os resultados mostraram que para esses idosos, as políticas públicas e leis vieram fortalecer seus direitos, porém ainda enfrentam diariamente o preconceito de outros segmentos da sociedade. Para esses idosos tais leis ignoram aspectos de facilitação da mobilidade e acessibilidade ao idoso. Dessa forma os programas a eles destinados, muitas vezes são inacessíveis pelas dificuldades enfrentadas no deslocamento pela cidade. Outro fator limitante de sua participação cidadã é a fragilidade da saúde que encontra pouco respaldo das agências de cuidado ao idoso. Uma vez vencidos tais entraves que limitam sua participação, o idoso encontra no programa de convivência compensações das pressões ambientais. Nesse espaço de convivência o idoso encontra possibilidades de restauro das emoções e das dificuldades físicas. Além disso, o espaço de convivência oferece um ambiente físico acolhedor cujas *affordances* promovem aspectos de bem-estar psicossocial, mesmo que não este seja visto como aspecto secundário no programa. É nesse ambiente, mesmo que limitado em suas funções específicas de atendimento ao idoso, que a docilidade ambiental se revela e promove a construção de competências e habilidades para um envelhecimento saudável.

Palavra-chave: Docilidade Ambiental; Affordances; Pressões Ambientais; Bem-estar do idoso.

ABSTRACT

The contributions of environmental docility have brought new perspectives to study of well-being and quality of life among the elderly. It is in this line that this research has the purpose of analyze aspects of environmental docility in social use of public spaces for the coexistence of the elderly in an institution in the city of Manaus-AM. This multi-method approach research used the techniques of systematic and participative observation, as well as the application of semistructured questionnaires. Twenty elderly (16F; 4M), considered members of the Programa Idoso Feliz participa Sempre (Happy Elderly Always Participates program) - PIFPS of the Federal University of Amazonas- UFAM / AM. The results showed that for these elderly people, the policies laws have strengthened their rights, but they still prejudice of other segments of society. For these elderly people, such laws ignore aspects of facilitating mobility and accessibility to the elderly. In this way the programs are often inaccessible by facing the city. Another limiting factor of their participation is the fragility of health that finds little support from health care agencies. The elderly once they have overcome such obstacles that limit their participation, it's normal that they have fewer environmental pressures. In this space the elderly finds possibilities for restoring their emotions and physics. In addition, the living space offers a welcoming physical environment whose affordances promote aspects of psychosocial well-being, even when it is considered minor feature to the program. It is in this environment that it is limited in its specific functions of care for the elderly that environmental docility reveals itself and promotes the building of skills and abilities for healthy aging.

Keywords: Environmental Docility; Affordances; Environmental Pressures; well-being of the elderly

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FEFF – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIFPS – Programa Idoso Feliz Participa Sempre

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNI – Política Nacional do Idoso

U3IA – Universidade da Terceira Idade Ativa

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UnATI – Universidade Aberta da Terceira Idade

WHO – World Health Organization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Campus da Universidade Federal do Amazonas com destaque para o Setor Sul	62
Figura 2. Setor Sul do Campus Manaus - UFAM	62
Figura 3. Recorte do Local de Pesquisa Programa Idoso Feliz Participa Sempre-U3IA-FEFF-UFAM.....	63
Figura 4. Croqui da área física do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM	64
Figura 5. Desenho esquemático do ambiente interno do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM.....	64
Figura 6. Corredor de acesso principal ao prédio do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM no campus da UFAM.....	65
Figura 7. Árvore com sombra.....	66
Figura 8. Bancos de cimento	66
Figura 9. Canteiros floridos em forma de letras na frente do PIFPS	69
Figura 10. Caminho da trilha entre as árvores.....	71
Figura 11. “Praça da Felicidade”.....	73
Figura 12. Espaço da mangueira e frutos caídos (Mangifera indica L.).....	74
Figura 13. Sala de Musculação.....	76
Figura 14. Quadra de esportes e eventos	77
Figura 15. Corredor do prédio do PIFPS	79
Figura 16. Sala dos professores	80
Figura 17. Sala de informática.....	80
Figura 18. Sala de Psicoterapia e espaço de orações.....	81
Figura 19. Salão de Dança.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Distribuição dos idosos em função da escolaridade.....97

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	16
1.1. Sobre o estudo	18
1.2. Método e técnicas do estudo	20
1.3. Organização da dissertação	22
2. O ENVELHECIMENTO E O IDOSO	25
2.1. Aspectos biológicos do envelhecimento	26
2.2. Aspectos psicossociais do envelhecimento	28
2.3. Aspectos socioambientais do envelhecimento	31
2.4. Ser idoso na percepção do idoso	33
2.4.1. Saudabilidade e independência.....	34
2.4.2. Experiência e Maturidade	36
2.4.3. Envolvimento e Atividade	38
2.4.4. Direitos e Respeito	39
2.5. Considerações Finais	42
3. POLÍTICAS PÚBLICAS E CUIDADOS SOCIAIS AO IDOSO	45
3.1. Programas e serviços de cuidado ao idoso	47
3.2. Centros de convivência como espaço e lugar para o idoso	49
3.3. O cuidado proposto pelo PIFPS- U3IA- FEFF-UFAM aos idosos	51
3.4. O cuidado sentido pelos idosos no PIFPS- U3IA-FEFF-UFAM	53
3.4.1. Movimento e Inclusão	53
3.4.2. Ampliação de amizades e suporte afetivo	54
3.4.3. Fortalecimento físico e mental	55
3.5. Considerações Finais	57
4. AS ESPACIALIDADES E SOCIALIDADES DOS IDOSOS NO PIFPS-U3IA- FEFF-UFAM	59
4.1. O ambiente físico externo do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM	62
4.2. Ambiente físico interno no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM	75
4.3. Considerações Finais	83
5. RELAÇÃO IDOSO-AMBIENTE	85

5.1. Dimensão afetiva do lugar.....	87
5.2. Pressão Ambiental e Docilidade Ambiental	90
5.3. Aspectos de pressão ambiental percebidos pelos idosos.....	96
5.3.1. Precariedade de acesso e comodidade no transporte público	98
5.3.2. Fragilidade de saúde na velhice.....	101
5.3.3. Problemas de infraestrutura e insegurança	102
5.4. Aspectos de docilidade ambiental vividos e percebidos pelos idosos	104
5.4.1. Dóceis Affordances	105
5.4.2. Dóceis Acolhidas	107
5.5. Considerações Finais	110
6. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	112
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES.....	130
ANEXOS	135

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A pesquisa aqui desenvolvida está ligada ao número expressivo de idosos na sociedade brasileira e sua crescente relevância às demandas em saúde e principalmente a inclusão nas atividades sociais. A vida com índice de maior longevidade da sociedade atual é uma realidade emergente e requer estudos mais profundos e pesquisas que repercutam em políticas públicas e modos de vida saudáveis. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) nos anos de 2005 a 2015 a população brasileira apresentou crescimento de 58,8% para pessoas com mais de 60 anos e 71,3% para os de mais de 80 anos e desacordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da análise do último Censo de 2010, o Estado do Amazonas possui cerca de 4,5% de idosos, na faixa etária de 60 à 74.

Esse fato nos conduz a relevância de pesquisas com esta demanda que só avança com este crescimento populacional (CLOSS; SCHWANKE, 2012; IBGE, 2010; IBGE, 2016). O Estatuto do Idoso Lei nº 10.741 (BRASIL, 2003), prescreve que este indivíduo tem direito a sua liberdade e respeito, alimentação, direito a saúde, da educação, cultura, esporte e lazer, da profissionalização, do trabalho, normas de proteção, assistência social, habitação, dentre outros benefícios. Além do benefício legal, tem-se que pensar na qualidade do bem-estar de quem envelhece, seja físico, social ou psicológico. De acordo com Küchemann (2012), o aumento da expectativa de vida proporcionou mudanças no cenário brasileiro. Por um lado ocorrem mudanças culturais e avanços obtidos através da saúde como diminuição da fecundidade, diminuição da mortalidade infantil, alimentação saudável e cuidados com o corpo. Por outro lado, aponta para a possibilidade de doenças nos idosos e conseqüentemente tornando-os dependentes de cuidados (KÜCHEMANN, 2012; KARSCH, 2003).

O envelhecimento das pessoas no Brasil ocorre em um contexto de desigualdades sociais, economia frágil, crescentes níveis de pobreza e precário acesso aos setores de saúde. Essas mazelas afetam sobremaneira a qualidade do bem-estar prevista em lei ou requerido como direito humano. Nesse processo de envelhecimento ocorrem mudanças sociais, físicas e psicológicas, muitas vezes não esperadas e não preparadas pelo indivíduo. Envelhecer envolve, portanto, saber envelhecer e enfrentar as vicissitudes dessa condição de vida.

A qualidade de vida inclui assim não apenas o estado de estar envelhecendo, mas também a percepção desses envelhecer, suas expectativas e possibilidades, suas necessidades e limitações. Várias são as propostas para que o indivíduo em envelhecimento tenha suas

necessidades e expectativas alcançadas, porém nem sempre isso está ao alcance de todos indistintamente. Além disso, há inúmeros paradoxos nas políticas públicas, tais como o fato de defender que quem envelhece necessita de autonomia e independência em sua rotina, mas há forte ênfase para que idosos permaneçam em seu ambiente residencial para que garanta a sua saúde (TORRES; ELALI, 2015; PEREIRA *et al.*, 2006). Aparentemente prezando a segurança física, tais políticas limitam a mobilidade desse idoso que precisa de contato social, de amigos, de entretenimento e lazer.

Estudos contemporâneos afirmam que o idoso¹ não é isolado do mundo. Os idosos incorporam em suas ações o mundo que o cerca, seja como produto ou produtor da realidade em que vive (CAVALCANTE; ELALI, 2011). Com vistas a esse pressuposto, a Psicologia ambiental busca estudar as relações recíprocas entre idoso e ambiente. Em outras palavras, ao compreender os idosos é necessário desvelar o espaço e lugar desse idoso, seja no âmbito objetivo ou subjetivo, incluindo elementos do ambiente físico e social como uma unidade indivisível. Como os demais indivíduos em idades diferenciadas, os idosos se constituem com pessoas num determinado espaço físico e social. Estes espaços se tornam significativos e são internalizados e se tornam vínculos de denominam apego ao lugar (ELALI; MEDEIROS, 2011). Esses vínculos são, sobretudo afetivos, com valências positivas.

Na perspectiva da Gerontologia Ambiental, há uma ênfase da relevante necessidade em estudar a relação idoso-ambiente, pois auxilia na gestão de cuidados com idosos e políticas que envolvem o envelhecimento com espaço e lugar de qualidade. Conhecer espaços domésticos e privados, pode nos auxiliar a entender aspectos sobre mobilidade e acessibilidade, segurança e vulnerabilidade dos idosos no espaço urbano. A gerontologia agrega vários temas, dentre estes a docilidade ambiental, que é a relação de competência, relativo a aspectos da funcionalidade biológica (percepção, cognição, habilidades motoras) e sua conexão com as demandas ambientais (pressão ambiental), que interferem na vida deste indivíduo. Outro tema é a proatividade ambiental que refere à situação de indivíduos que não estão inertes às restrições deste ambiente, podendo ter habilidades de enfrentar às adversidades e aperfeiçoar suas competências (BATISTONI, 2014).

Silva et al. (2012), relatam que o bem-estar e a qualidade de vida estão ligados à forma como o indivíduo se percebe nas dimensões física, psicológica e social. O bem-estar é um estado emocional, e de acordo com os autores, as emoções são fatores fundamentais, pois são

¹ Apesar de utilizarmos o termo idoso, isto não nos distancia da ideia de que estamos fazendo distinções de gênero. O fato de utilizar o termo idoso, no masculino, se deve apenas para facilitar a escrita.

estruturas básicas do funcionamento humano. O desequilíbrio nestas emoções afetam diretamente outras condições físicas e sociais do indivíduo. Dessa forma, dependendo da qualidade de como os indivíduos experienciaram suas vidas ao longo do tempo, estes terão maior ou menor possibilidade de enfrentamento da vida e suas nuances.

Cada momento do ciclo de vida de uma pessoa, os enfrentamentos do dia-a-dia são diferenciados e com distintas cargas emocionais. No envelhecimento a compreensão de qualidade de vida está diretamente interligada ao significado do ser idoso. Isso se deve pelo fato das mudanças psicossociais e corporais que o idoso enfrenta como se fosse um declínio de uma vida que teve um auge na adultez. Para Torres e Elali (2015), se a competência de um indivíduo não for compatível às exigências de uma atividade, este se comporta inadequadamente, gerando stress e efeitos negativos, ou seja, quanto menor as habilidades de um indivíduo, menos pressão ambiental este suportará. No entanto, fatores de vulnerabilidade como a velhice, apresentam maior pressão no ambiente sobre o comportamento.

No caso de idosos, as habilidades se relacionam com aptidões psíquicas e sociais, estas em interação com o ambiente, promovem vivências relevantes à qualidade de vida. Portanto, o acesso da habitação saudável, conforto, funcionalidade, prevenção de riscos e mobilidade fazem parte do ponto de vista da docilidade ambiental.

Diante desses pressupostos teóricos e contextuais, este estudo parte de algumas questões norteadoras para estudar o idoso e suas relações afetivas com espaços recreativos, especificamente aqueles voltados à promoção da qualidade de vida de seus usuários e, a partir deste contexto, investigar a relação entre a competência e pressão ambiental, conceitos estes pertencentes a docilidade ambiental e consequentemente observar e analisar as relações afetivas com este ambiente, como também vínculos estabelecidos entre seus usuários.

1.1. Sobre o estudo

Na cidade de Manaus-AM, contamos com alguns espaços de convivência para idosos, tais como o Centro de convivência Estadual do Idoso², no bairro de Aparecida e o Parque do Idoso, pertencente a Fundação de apoio ao idoso Dr.Thomas, no Bairro Nossa Senhora das

² Sites informativos sobre os espaços citados: www.cultura.am.gov.br; doutorthomas.manaus.am.gov.br; www.unati.uea.edu.br/; www.idosofeliz.ufam.edu.br/.

Graças. Ambas atuam com atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais e de educação para a cidadania. Há também aqueles órgãos pertencentes às universidades, como a UnATI-Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e o Programa Idoso Feliz Participa Sempre Universidade na 3ª idade Adulta da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM). A primeira promove integração social e cultural das pessoas na terceira idade em diversas atividades, sendo elas, artísticas, de saúde, de aprendizagem, físicas, entre outras. A segunda e também foco desta pesquisa, promove atividades que procuram integrar esses cidadãos ao cotidiano tornando-os mais ativos, alegres e participativos, assim como a primeira, objetiva atender a aspectos culturais, sociais e atividades físicas, de saúde, entre outras.

Pesquisar idosos implica verificar um público que está em crescimento no país, como também perceber se o ambiente em que estes estão engajados proporciona uma percepção de envelhecimento saudável e em que medida a docilidade ambiental efetivamente se constitui para esses idosos. A pesquisa possui um foco direcionado tanto nos idosos quanto no ambiente que eles convivem, seja no micro espaço do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM quanto no macro espaço da cidade – uma vez que o deslocamento dos diversos pontos urbanos está relacionado com o lugar para onde eles se dirigem. Portanto, as referências de estudo acolhem tanto a dimensão psicossociocultural quanto física. Considera-se que as percepções desses acontecimentos sociais que envolvem o idoso em suas atividades estão inevitavelmente associadas com o ambiente com o qual ele esteja interagindo.

O contexto das relações idoso-ambiente envolve dessa forma, tanto aspectos pessoais, (motivações, aspirações e necessidades), quanto aspectos coletivos (características do grupo do qual faz parte) e vivências históricas (MOSER, 2018). É crucial pensar no idoso levando em conta essas dimensões para compreender de modo mais completo como este lida com sua mobilidade socioambiental. Portanto, a dimensão física é indissociável das demais dimensões. O ambiente físico é o espaço de constituição do ser, então, incluir a dimensão ambiental significa ampliar o conceito do ser psicológico, pois estamos sempre em algum lugar e neles construímos nossas relações. O ambiente físico é o cenário sobre o qual todos os seres e coisas se encontram na sua constituição recíproca, cuja dinâmica é inexoravelmente parte constituinte umas das outras (FISCHER, s/d).

Em resumo, buscando essa complementaridade multidimensional da formação do ser psicológico, o estudo se caracteriza como uma análise da relação dos idosos com os espaços físicos que escolhem para desenvolver atividades cotidianas e lidar com suas necessidades

físicas, sociais e emocionais na busca de um bem-estar integral. Por um lado, esse estudo discorre sobre os conceitos e definições relevantes sobre docilidade ambiental, trazidos pela Gerontologia Ambiental, que inclui um olhar amplo o bastante para verificar como o ambiente físico favorece, ou dificulta, a busca de cidadania e qualidade de vida subjacente na expectativa dos idosos. Por outro lado, o estudo se ancora em conceitos e definições sobre a relação idoso-ambiente, tratados na Psicologia Ambiental para responder os objetivos propostos.

Desse modo, o estudo analisou aspectos de docilidade ambiental presentes num espaço público de convivência de idosos na cidade de Manaus-AM, a partir da identificação dos elementos ambientais potencializadores e inibidores do uso social no espaço de convivência, incluindo a caracterização dos aspectos psicossociais desencadeados a partir dessa vivência, considerando ainda as competências dos idosos no enfrentamento das pressões ambientais para efetivo uso do referido espaço de convivência.

1.2. Método e técnicas do estudo

A pesquisa foi desenvolvida com idosos que participam do Programa Idoso Feliz Participa Sempre - Universidade na 3ª idade Adulta (PIFPS-U3IA) vinculado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM). Esse programa é desenvolvido no Centro de Esportes da Faculdade de Educação Física no Campus Universitário setor sul da UFAM, na área Leste de Manaus-AM. O prédio e quadra tiveram fomento da Prefeitura Municipal de Manaus, que contribui para a construção de amenidades físicas próprias para o programa com idosos. Esse espaço possui quadras cobertas, complexo aquático, sala de musculação e área verde da Faculdade de Educação Física para as atividades letivas.

Para o desenvolvimento deste trabalho é crucial pensar no idoso através de seus contextos sociais, refletir sobre a busca de seu lugar social e vínculos construídos nestes lugares que escolhem para compartilhar suas vivências. A partir dessa perspectiva, apresentam-se inicialmente os conceitos e definições advindos da docilidade ambiental e Gerontologia Ambiental, bem como conceitos e definições sobre a relação idoso-ambiente que incluem a afetividade ambiental, tratados na Psicologia Ambiental.

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, incorporando uma abordagem Multimétodos (GUNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa é definida como aquela que se preocupa com aspectos da realidade e que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e elucidação da dinâmica das relações sociais. Portanto, está preocupada em aprofundar o entendimento acerca de um grupo social. Para contribuir acerca desta definição, Minayo (2015) relata que a pesquisa qualitativa trabalha aspectos da subjetividade que não se pode mensurar ou mesmo generalizar, uma vez que diz respeito a conteúdos específicos dentro de uma historicidade pessoal e coletiva que possui características próprias.

O caráter exploratório visa dar maior afinidade com o problema a fim de esclarecer ou levantar hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Gil (2008), define pesquisa exploratória como aquela que busca desenvolver, esclarecer e alterar ideias, tendo porém menor rigidez no planejamento. Importante citar que através dela se realiza levantamento bibliográfico, entrevistas, coletas de dados e indicam uma visão geral acerca da problemática estudada, proporcionando resultados mais esclarecidos.

Para que esta pesquisa possa descrever uma determinada população ou fenômeno, Gil (2009) chama de pesquisa descritiva juntamente com as exploratórias, as que habitualmente são usadas em pesquisas sociais. A escolha da abordagem Multimétodos (GUNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008), se justifica pela utilização de vários métodos de pesquisas, que são amalgamados para responder a realidade sob estudo de forma integrada. Essa abordagem é comumente empregada em estudos da relação Pessoa-Ambiente e se mostra favorável para esclarecer peculiaridades e características do ambiente em função das pessoas (Centrada no Ambiente) e atributos das pessoas em função do ambiente (Centrado nas pessoas) e ainda na conexão entre pessoa e ambiente.

Nesse estudo utilizou-se de técnicas distintas, mas complementares, como prevê a abordagem multimétodos, cujo principal foco, está na integração para compreender a relação pessoa-ambiente, que são: a observação sistemática e participante além da entrevista semiestruturada. O detalhamento de cada técnica estará descrito no âmbito de cada capítulo, que retrata os respectivos objetivos. Optou-se por essa organização para melhor demonstrar os resultados obtidos em cada capítulo, sendo que estes visam análises independentes, podendo conter alguns dados repetidos durante sua estruturação. Este estudo teve como premissa compreender a relação idoso-ambiente e como ela pode ser estudada atualmente no âmbito da Docilidade ambiental e suas implicações no contexto sócio cultural.

1.3. Organização da dissertação

Esta dissertação se divide em quatro capítulos, onde o primeiro inicia sobre o entendimento de ser idoso ao longo da história, aborda significados importantes da concepção de ser e estar envelhecendo, como também a percepção acerca do que é ser idoso. O segundo capítulo aborda sobre as políticas públicas e quais os cuidados a quem envelhece como também intensificar a importância de programas de centros de convivência voltados para os idosos e como este pode ser satisfatório a quem deles participam.

Em ambos os capítulos, a pesquisa foi realizada a partir da observação participante dirigida à análise social do ambiente. Para Minayo (2015) a observação participante é muito importante para os estudos qualitativos, pois o pesquisador mantém uma relação direta com o espaço social e participa efetivamente do cotidiano social, cultural com o objetivo de entender o contexto, desta forma o pesquisador se coloca no lugar do outro e não fica preso ao rigor técnico. Note-se que aqui não apenas as relações sociais são objeto de observação, mas também onde elas ocorrem e qual o papel do ambiente em determinados comportamentos.

A importância desta análise psicossocial parte da concepção do espaço não ser definido como uma exterioridade, mas sim como um conjunto de matrizes na qual se desenrola a existência dos indivíduos. O ambiente atua sobre o ser humano e este também atua sobre o ambiente, sendo uma relação recíproca (FISCHER, s/d). Aqui serão verificados aspectos psicológicos, sociais e culturais do uso do espaço pelos idosos e demais pessoas que nele estão engajadas. A organização e o uso social daqueles inseridos num determinado espaço, são permeados de comportamento e valores ligados a uma sociedade, portanto o espaço social é definido como um conjunto de comportamentos e relações estabelecidas (espontâneas, programadas e inusitadas), que tem como características variadas ações no interior de uma organização denominada como espaço.

A observação participante permite uma aproximação com os participantes da pesquisa, que a partir da análise descritiva das informações obtidas, é possível estabelecer categorias de uso social do referido espaço pelos idosos e demais pessoas ali inseridas. Esta análise será concomitante com a observação sistemática, pois a partir do momento que se observa o entorno físico, também se percebe as trocas sociais nestes espaços. Dessa forma a descrição se constitui como um relato do cenário onde as relações ocorrem, o desempenho dos indivíduos e grupos que ali estão presentes.

O terceiro capítulo descreve a espacialidade do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM através da observação sistemática do ambiente, sendo registrado detalhadamente o ambiente onde ocorrem as atividades dos idosos. Foi desenvolvido um croqui (desenho esquemático) interno do layout do lugar, que objetivou analisar não só o elemento físico, mas a organização dos elementos construídos e a interação dos idosos nestes espaços (FISCHER, s/d). A organização foi um dos aspectos estudados para verificar a influência que este ambiente exerce no comportamento e isto não significa o lugar físico propriamente dito, mas o papel que é atribuído a este local acerca das relações que se desenvolvem na relação indivíduo e lugar (FISCHER, s/d). A análise descritiva do espaço foi realizada no local durante os dias de disciplinas de extensão dos idosos, em horários alternados pela pesquisadora durante uma semana.

Da mesma forma, considerou-se a organização externa do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, que compreendeu uma dimensão espacial, congregando diferenciações do espaço ordenado em relação aos demais espaços circundantes. Tal caracterização revela tipos de relações ali estabelecidos dentro de um contexto social e físico mais abrangente que é a cidade, a partir dos significados dos diferentes espaços urbanos. Portanto, o reconhecimento do espaço físico, permitiu fazer uma leitura espacial, descrevendo o lugar a partir de sua constituição física, aspectos de mobilidade, características paisagísticas, status socioambiental como espaços valorizados/desvalorizados, entre outros aspectos. Os resultados partem das análises cunhadas por Gibson (1986) acerca das *affordances* e Fischer (s/d) em relação à análise social do ambiente.

A observação sistemática do ambiente fornece importantes subsídios das percepções acerca destes espaços, podendo identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2008; GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A análise do lugar possibilita compreender a plataforma espacial onde ocorrem as socialidades desenvolvidas, aspectos relevantes que proporcionam bem-estar ou não, e fatores de influência e o uso social (FISCHER s/d).

No quarto capítulo o conceito de Docilidade Ambiental (DA) é retomado para problematizar a ligação afetiva e funcional acerca do ambiente estudado. Nesse capítulo a voz dos idosos acerca de suas percepções sobre o ambiente e comportamentos, é apreendida por meio da entrevista semiestruturada. Esta técnica facilita a abordagem, cada questão do roteiro deve fazer parte do esboço do objeto, assim todos os assuntos devem prosseguir de forma que

possam dar sentido e conteúdo para enfatizar as relevâncias pensadas no projeto (MINAYO, 2008; 2015).

Esta técnica seguiu um roteiro prévio (Apêndice A), formulado cuidadosamente para compreender aspectos de vivências e significados atribuídos pelos idosos ao ambiente e suas relações incluindo àquelas características observadas. As entrevistas foram agendadas previamente e foram realizadas nos meses de março e abril de 2018, num intervalo de 25 dias entre a primeira e a última em num lugar tranquilo e reservado, próximo ao PIFPS-U3IA e tiveram uma duração máxima de 25 minutos e foram feitas.

A entrevista audiogravada foi transcrita para uma planilha Excel e posteriormente submetida a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), que consiste em identificar o conteúdo latente das respostas dadas na entrevista. Com a identificação desse conteúdo é possível criar categorias para as respostas, identificando pontos comuns e divergentes nelas. Assim, após a construção das categorias é possível relacioná-las com outros dados obtidos (BARDIN, 2016).

A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas para verificação dos critérios éticos da pesquisa em conformidade com as normas regulamentadoras envolvendo seres humanos do Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/2012. (Anexo 1). O CEP emitiu parecer favorável quanto aos procedimentos éticos para a realização da pesquisa em dezembro de 2017 sob número 2.431.485 (Anexo 1) cujo CAAE é 79107217.9.0000.5020.

Por último, apresentam-se algumas considerações finais com a problematização dos dados obtidos para a realização da pesquisa, a fim de responder o objetivo geral deste estudo.

2. O ENVELHECIMENTO E O IDOSO

(...) “Os grandes empreendimentos não levam a cabo por meio de força ou velocidade ou agilidade do corpo, mas, sim, pela sabedoria, pela autoridade e pelos bons conselhos; e de todas essas qualidades, a velhice costuma não somente não estar privada, mas até ser delas provida com abundância”.

CÍCERO

“Que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem” Bosi (2016, p.18) Esta afirmação compreende, segundo a autora, que o velho sofre opressão por questões institucionais, psicológicas e muitas vezes impostas como uma visão de incapacidade ao idoso, portanto, para a mesma, ser velho na sociedade ocidental urbanizada, significa sobreviver com as adversidades do corpo que não acompanha o ritmo, sobre a memória que encurta, aquele que é impedido e muitas vezes não acata a velhice para si, mas que existe sempre pra o outro.

Além desse contexto sociocultural, Fontaine (2010) relata que existem influências ambientais acerca do envelhecimento, estas ligadas ao grupo de idade, ao período histórico e a história individual. A primeira influência, compreende aos fatores biológicos e ambientais referentes a idade cronológica, ou seja o indivíduo não possui domínio ou controle sobre doenças adquiridas ou idades fixadas por lei ,como a aposentadoria, segundo fator significa os períodos históricos, que são os marcos nas gerações e última influência, os acontecimentos percorridos por cada um, as escolhas inerentes ao humano. A saúde mental, física e um ambiente social são dimensões que podem ser decisivas na forma de viabilizar um envelhecimento digno e saudável, desmistificando a representação de que o envelhecimento é perda da senilidade e a falta de qualidade de vida. Todos esses aspectos constituem indícios de olhares diferenciados sobre o envelhecer e sobre o idoso.

Várias correntes teóricas discorrem acerca do envelhecimento em diferentes bases de pensamento, seja de natureza biológica ou psicossocial. Porém, posturas teóricas mais atuais reconhecem que não há como separar tais dimensões, uma vez que elas coexistem e se mostram em um processo complexo, como fatos históricos, genéticos, culturais e ambientais. Tal multiplicidade constitui o processo do viver envelhecer. Aqui vale ressaltar que os diálogos sobre o envelhecimento avançaram indo ao encontro de uma compreensão mais global do processo (FERRETI, 2016).

2.1. Aspectos biológicos do envelhecimento

Na literatura clássica sobre a velhice e seu contexto, Beauvoir (1970), em sua obra crítica o quanto os idosos eram banidos na sociedade francesa. Em uma das suas citações, a autora relata que a velhice era vista como algo vergonhoso, do qual nem sequer cabia falar. Ser velho, no conhecimento capitalista ocidental, passou a representar mudanças que vão além dos âmbitos biológicos, fato este que engloba a estrutura do ser social. O constructo societário do envelhecimento humano é, para alguns estudiosos, um olhar negativo (BOSI, 2016), uma vez que alguém envelhece e inicia as questões que o limitam em relação ao contexto físico e cognitivo, é a forma que encaminha este indivíduo ao isolamento social e até familiar. Portanto, é a partir disso que surge a imagem negativa do (a) aposentado (a) (RODRIGUES; SOARES, 2006).

Envelhecer inclui questões biológicas pouco glamorosas, é um processo natural que traz consigo mudanças físicas, psicológicas e sociais. Infelizmente, algumas reflexões acerca do idoso, apresentam um olhar pessimista, principalmente por estarem ligadas a morte e doenças. Portanto, refletir neste aspecto do envelhecer significa que o biológico e cronológico se associam e se ligam em torno dos tempos vividos, fator que Brandão e Mercadante (2009) denominaram de *Cronos e Kairós* (momento certo) que reproduzem em aspectos socioculturais.

De acordo com Cruz e Ferreira (2011), a inquietação acerca das incapacidades fisiológicas, ambientais deste indivíduo em sociedade, data séculos de discussões. A velhice e a doença eram vistas como um rompimento do equilíbrio entre os quatro humores, que Hipócrates (460-377 a.C.) denominou de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Outro pensador, Galeno (século II), relata que durante a velhice todas as funções se enfraquecem, portanto é um processo intermediário entre a saúde e doença.

Até o século XVIII a medicina encarava a velhice como uma doença, ou seja, a melhor forma era a prevenção da mesma. De acordo com Brandão e Mercadante (2009) na era moderna, com o avanço das ciências, publica-se, através de *Fischer*, um dos primeiros escritos em geriatria, que visou criticar a visão tão pessimista da velhice. Outro destaque foi *Charcot* (1825-1893), que foi considerado o pai da Geriatria, fundador então deste termo. Os estudos acerca do envelhecimento ganharam força a partir do séc. XX, quando a heterogeneidade da velhice começa a ser vista como algo complexo e de variadas investigações e contextos (CUPERTINO *et al.*, 2007; MORAIS, 2009; ARAÚJO, *et al.*,

2011). Historicamente, a velhice como categoria, se constitui como problema social e político, no entanto tal construção social pode ser problematizada (FELIPE; SOUSA, 2014).

Fontaine (2010), aponta que a velhice bem-sucedida abrange um conjunto de condições, como o histórico de poucas doenças, a manutenção do padrão cognitivo e físico, denominada de velhice otimizada. Isso significa desempenhar recursos internos e externos, e por último, a manutenção de uma ocupação social que propício prazer e bem estar subjetivo. O compromisso social para esse movimento promocional da satisfação em viver dependente das relações sociais e atividades produtivas.

Ainda assim, quando a velhice é vista como mudanças corporais marcantes, com surgimento de doenças, declínio de força e agilidade, esta é incorporada como um momento desagradável e temerário para as pessoas (ARAÚJO *et al.*, 2011). Essas alterações corporais provocam influências sociais e culturais na corporeidade do idoso, impondo direta e indiretamente as questões de beleza, bem-estar e de certa forma exercem uma imagem ideológica, muitas vezes buscando perfeições inexistentes (SANTOS, 2017).

Atualmente o culto ao corpo está cada vez mais evidente, imagens fortemente divulgadas em jornais, revistas, televisão e anúncios, reproduzem a juventude, saúde e beleza dos corpos, que se apresentam como ideal a ser alcançado, muito distante da realidade do corpo envelhecido (BLESSMANN, 2004). E, portanto, o estereótipo de degradação biológica em relação à velhice ainda está presente no imaginário cultural das pessoas. Nesse sentido a velhice e a morte são severas problemáticas dos vivos, independente de classe econômica ou nível cultural do indivíduo (FERNANDES; GARCIA, 2010; ELIAS, 2001).

Uma visão positiva acerca desse declínio das funções biológicas é que o idoso consegue se ajustar com as novas situações da vida, respeitando suas limitações e aprendendo novas formas de ver a vida, mesmo sendo a época que prega um corpo jovem e se rejeita o “velho”. A finitude do corpo como condição humana existencial, embora pouco discutida entre as pessoas, está mais presente no idoso (SANTOS, 2017). Diante desses aspectos biológicos se conjugam formas de relação psicossocial que se estabelecem tanto na forma da pessoa se identificar quanto de ser identificada no grupo social.

2.2. Aspectos psicossociais do envelhecimento

Diversas correntes e teorias procuram explicar algumas questões sociais sobre o envelhecimento, de acordo com o modelo sistêmico. Günther (2011) cita três teorias de relações sociais sobre o envelhecimento: A teoria das provisões sociais de *Weiss*; O comboio das relações sociais de *Kahn e Antonucci* e a teoria da seletividade socioemocional de *Carstensen*. Todas compreendem elucidar a dialética estabilidade- mudança.

A teoria das Provisões Sociais proposta por *Weiss* defende que as pessoas necessitam de seis provisões: a) aliança confiável, b) orientação, c) integração social, d) conexão afetiva, e) apoio e, f) reafirmação. A teoria do comboio das relações sociais proposta por *Kahn e Antonucci* centra seu argumento considerando que as pessoas fazem parte do mesmo grupo (comboio) umas interferem no bem-estar e na saúde global das outras pessoas (GÜNTHER, 2011). Já a teoria da Seletividade Socioemocional proposta por *Carstensen* (1995), afirma que as emoções são mais estabelecidas e reguladas. Esta seletividade aumenta na velhice quando exclusões são feitas ao longo da vida. Estas escolhas muitas vezes significam formas adaptativas que minimizam qualquer risco social ou emocional.

Nogal (2005) cita a colaboração de Erik Erikson, responsável por postular estágios sobre a velhice, estas compreendem fases de crise ou tensão. Porém, para Erikson estas são necessárias para o desenvolvimento do ego. O desespero é um exemplo explicado que causa dor, medo, é indeterminado, mas que é relevante reconhecê-lo como algo que corresponde a um equilíbrio de vida. Esta fase corresponde a “Integridade x Desespero”, que significa que seria um tempo reflexivo sobre aspectos vividos durante a vida. A pessoa pode experimentar momentos de tristeza e estagnação por pensar que seu tempo está acabando, ou podem vivenciar aspectos positivos, como sentimento de dignidade, integridade e dividir suas experiências com os demais. Erikson cita sobre possíveis possibilidades que estão acerca de procurar novas formas de uso de tempo ou a pessoa se entristecer e se isolar (ERIKSON, 1976).

Outras teorias podem se ajustar e compreender a velhice, como a proposta por Serge Moscovici ao apresentar sua teoria de Representação Social. Nessa perspectiva a sociedade lida com a velhice de acordo com uma organização de representações, que mesmo sendo opiniões compartilhadas numa mesma sociedade, esta possibilita elementos concretos na sua efetiva existência e forma de relações (MOSCOVICI, 2003, citado por FELIX *et. al*, 2016).

De acordo com Minayo (2007), representações, isto é ideias que fazemos sobre pessoas, coisas ou eventos, incorporam um conjunto de valores e definições que são construídas nas relações na própria sociedade. Desta forma, pode-se considerar que as representações que a sociedade possui sobre o envelhecer e os idosos significam construções sociais e culturais, sejam estas positivas ou negativas, que existem no sentido de organizar e apreender a realidade e em cada momento histórico são suscetíveis a mudanças (LIMA, 2008). Cruz e Ferreira (2011) relatam que no Brasil, este olhar respeitoso ao idoso foi lento, até mesmo por acreditar ser um país de jovens.

Ao mudar o contexto social, mudam também as representações sociais acerca dos idosos. Hoje o envelhecimento já denota ideias bem sucedidas de vida e que ao idoso é reservado um cotidiano relevante na sociedade. Atualmente diversos setores da sociedade apresentam uma desconstrução das representações negativas da velhice e conseqüentemente visualiza uma identidade positiva da pessoa idosa (MOURA; SOUZA, 2012). Porém, é certo que autores tentem desconstruir esta imagem negativa, mas ainda fazem parte do contexto de envelhecer, elencando as questões de preconceito contra idosos. Whitaker (2010), afirma que é comum se pensar equivocadamente que estes não possuem memória. Segundo o autor o idoso possui uma memória diferenciada daquela que os jovens gostariam de encontrar. A memória baseada em suas vivências que proporciona sabedoria e discernimento.

De acordo com Araújo *et al.*, (2011) e Schneider e Irigaray (2008) nem sempre foi assim. Em algumas sociedades tradicionais o idoso era visto pela capacidade de transmitir sabedoria e experiência aos mais jovens o que compreendia uma figura de respeito e competência. Muito dessa desvalorização e menosprezo aos idosos, faz com que haja um retraimento, uma anulação de si e toda sua história é silenciada para não expor ainda mais sua “ferida no grupo” (BOSI, 2016).

Segundo Fernandes e Garcia (2010), a população jovem sustenta uma característica preconceituosa em relação a velhice, já que a produção e criatividade na sociedade moderna compete a este jovem (FONTES; NERI; YASSUDA, 2010). Segundo os autores, essa ideologia social marca negativamente qualquer troca vivencial não permitindo a este jovem ser solícito e solidário ao sentimento de abandono do idoso (FERNANDES; GARCIA, 2010). Esta visão também é salientada por Faleiros (2008) quando relata que na modernidade o fator de produção é rebaixado, especificamente no caso dos homens, este é associado à imagem de fraqueza, levando muitas vezes este idoso pelo caminho do parasitismo e vícios (FALEIROS, 2008; ARAÚJO *et al.*, 2011).

De acordo com Mercer (2017), as perdas na velhice têm prevalecido na compreensão do envelhecimento. No entanto, os idosos possuem experiências, maturidade e se dedicam aos seus interesses com grande autonomia, a maioria destes idosos são mulheres que antes se dedicavam a família e muitas vezes voltam aos estudos. Alguns idosos retornam ao mercado de trabalho, não necessariamente pela renda, mas pelo prazer de ensinar algo que detém conhecimento, trazendo a estes uma independência social a psicológica.

Camarano (2003) relata que muitos idosos vivem com suas famílias, mas tal configuração está mudando, e muitos idosos têm optado por morar sós ou em comunidades de idosos por sua vontade e autonomia. Porém, o autor salienta que isto só ocorre quando os idosos possuem condições financeiras favoráveis e possuem boa saúde (CAMARANO, 2003; KÜCHEMANN, 2012). Segundo Whitaker (2010), com a modernização da família há um afastamento do âmbito familiar que este idoso mantinha poder. Antigamente eram donos de pequenos negócios ou responsáveis por terras, de tal forma que mantinham o poder em torno deste idoso que abrigava toda família. O modelo vigente era o de respeito e se estendia a todas as classes. Em geral, ao contrário de sociedades orientais, no Brasil, o idoso é interpretado como aquele que se enquadra como trabalhador aposentado com renda e poder diminuídos.

Segundo Ferreti (2016), economicamente os idosos representam um mercado próspero de bens de consumo, cultura, lazer, estética, prevenção e reabilitação em saúde. Atualmente idosos ocupam estes espaços para envelhecer respondendo as adversidades emocionais exigidas a eles e conseqüentemente quebrando preconceitos na forma de vida, e reconhecimento de novos papéis.

O reconhecimento destes papéis, como continuar inserido no mercado de trabalho, representa positivamente e ressignificar a identidade social. Este participa ativamente no setor familiar, se (re)descobre em busca de um melhor potencial de conhecimento e enfrentamento de barreiras. O idoso em seu processo de envelhecimento ainda carece estar inserido no desenvolvimento sociocultural e econômico. Pesquisas precisam acontecer para preparar o Brasil para seus idosos e atentar para o apoio do profissional de Psicologia que poderá ser suporte ativo a esta geração, promovendo ajustamento funcional (SANTOS, 2017).

2.3. Aspectos socioambientais do envelhecimento

Envelhecer também inclui necessariamente um ciclo que se manifesta *no e pelo* corpo como dimensão física da existência do indivíduo. Este corpo se move e se localiza num espaço físico que inclui esferas diferenciadas, desde o microespaço (casa) até o macro espaço (cidade). Ao referenciar as categorias de espaço e lugar é necessário um breve detalhamento, uma vez que são distintas, embora complementares para uma discussão epistemológica. O uso social do espaço está assentado inevitavelmente em um modelo social de organização de interatividade humana que tem como premissa tanto a dimensão funcional quanto simbólica e relacional.

A dimensão funcional corresponde à função do espaço físico e como tal interfere nos comportamentos. Nesse sentido seria as condições arquitetônicas e arranjos espaciais existentes naquele lugar que permitem o desenvolvimento das ações para o qual foi construído, abrigar seu ocupante e permitir um desempenho de qualidade. A dimensão simbólica refere-se ao conteúdo subjetivo de origem sociocultural e individual que interfere na relação pessoa-ambiente, conseqüentemente influenciando na compreensão deste indivíduo acerca de situações vivenciadas. Nesse caso, seria o status social proporcionado pelo lugar, à satisfação e visibilidade dada ao ocupante à sociedade em que está inserido. Já a dimensão relacional visa à conexão afetiva e cognitiva, na busca de uma identidade pessoal e comunitária (HIDALGO; HERNANDES, 2011; FISCHER, s/d).

Portanto, o lugar remete às características físicas onde atividades são realizadas e que inevitavelmente possuem aspectos simbólicos, podendo ser algo ainda idealizado. De acordo com Tuan (2013), o lugar remete significados construídos e organizados, compreendendo um conceito estático, pois se víssemos o mundo como um processo de constantes mudanças, não seríamos aptos a compreender o sentido de lugar. Os conceitos de espaço e lugar não dependem do tempo investido, mas da admiração caracterizada da relação pessoa e ambiente e qual tipo de vínculo está motivado neste lugar. O conhecimento do lugar nos possibilita entender processos históricos na sociedade, ideal na compreensão da relação humana e fundamental para a noção do eu (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

O tempo apresenta certa relação com a experiência de lugar, portanto, se o tempo é percebido como movimento, significa que lugar é pausa. Outra questão relevante é que se demanda tempo para sentir apreço ao lugar, a qualidade de vivência é mais importante do que o tempo neste lugar (TUAN, 2013). De acordo com Marandola Júnior et.al. (2014) lugar e

tempo estão ligados, pois sentimos o lugar atrelado ao tempo e ao espaço. Esta concepção significa afirmar que entre espaço e tempo se mostra o lugar, onde tudo acontece, ou seja, o movimento. O lugar é o espaço onde constituímos permanência, onde vivemos nos socializamos, nos divertimos e sobre o qual se atribui significados. Portanto, o lugar é o espaço onde se intensificam as relações (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

O uso de um determinado lugar depende do tempo que é ocupado. Na sociedade a utilização do espaço corresponde a valores sociais, portanto, três aspectos são essenciais para o entendimento cultural do espaço: a) o conjunto de valores que configura a organização social, b) as relações provenientes deste espaço e, c) o lugar conferido ao espaço corporal (FISCHER, s/d). O lugar pode ser o alcance de um sonho e também um espaço social quando há a chegada de alguém, conseqüentemente um espaço construído para este indivíduo que chega. A ocupação dos lugares é também relatada como necessidade do indivíduo, seja moradia, acolhimento e que este nomeia como espaço, atribuindo conceitos físicos e sociais pelos quais determina ser seu (CAVALCANTE; ELIAS, 2011; SILVA, 2016).

A essência de lugar é explicada por Relph (2012) como precisamente relacionada com o tempo, portanto este tempo sempre é efêmero, pois, momentos são passageiros, o que nos resta são memórias, fotos, cartas e que logo ficam no passado e às vezes ignorados. O valor psicológico do lugar é manifestado através de sentimentos associados às relações de indivíduos e grupos. Esse fato corresponde a processos complexos, pois é resultado de fatores culturais, espaciais e institucionais, relativos de um dado contexto. Portanto, o espaço estrutura as relações sociais, na visão psicológica todo espaço provém de significados tanto construídos, quanto os de contexto sociocultural (FISCHER, s/d). Espaços que possuem como perspectiva amenizar isolamentos em idosos visa agregar trocas sociais, bem-estar, satisfação e permitir ampliação de vínculos afetivos. A relação com o lugar e a construção socioafetiva são fatores relevantes a serem pesquisados para compreender a complexidade em torno dessas relações.

Para Fischer (s/d) a dimensão cultural do espaço parte do entendimento que não há espaço sem cultura. Portanto, o uso social destes espaços é representado por valores, sua dimensão social é captada como conjunto de comportamentos e das relações que se desenvolvem em determinado território e que buscam caracterizar os diversos tipos de ações no interior de uma organização definida do espaço.

Os espaços construídos atendem demandas e contextos sociais explicadas através de correntes humanistas que Ordonez e Cachioni (2011) relatam estar historicamente ligadas a

melhoria da demanda populacional. Assim tomam como exemplo, a representação clássica da “teoria hierárquica de Maslow”, esta explica que indivíduos possuem suas necessidades, que são de natureza fisiológica, estima e autorrealização. Essa noção está ligada a questões motivacionais, fator que impulsionou uma análise sobre as questões comportamentais. Outros teóricos exploram a perspectiva de sucesso, ato eficaz, desempenho a situações externas e internas através de vivências cognitivas e afetivas nos espaços (NICHOLSS *et al.*, 1990). Tais necessidades estão na maior parte do tempo relacionadas às lutas sociais que visam atender demandas de melhorias de vida que reflitam diferentes políticas públicas de uma sociedade.

Apesar dos estudiosos apresentarem tais dimensões didaticamente separadas, o idoso vivencia tudo de forma indissociada e emaranhada. Tal complexidade sob sua ótica se manifesta em modelos organizativos do sentir, pensar e agir cotidiano que definem sua presença cidadã na sociedade. Compreender essa complexidade que o idoso vivencia *no e sobre* o envelhecimento pode nos auxiliar não apenas a melhorar tal trajetória, mas também se torna educativo aos que inevitavelmente trilham nessa direção. Essa voz do idoso acerca do envelhecimento traz elementos de relevância psicossocial, político e ambiental, no sentido de pavimentar com suas vivências caminhos menos difíceis para esse momento da vida.

2.4. Ser idoso na percepção do idoso

Para investigar como o idoso compreende o envelhecimento, procedeu-se um estudo descritivo exploratório com idosos participantes de um programa para a terceira idade na cidade de Manaus-AM, *Programa com acadêmicos da Terceira idade , Idoso Feliz Participa Sempre- Universidade na 3ª idade Adulta*, na Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM). O PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM que foi criado em 1993, agregam pessoas desde os 45 anos e também os acadêmicos acima de 60 anos de idade em atividades sociais, esportivas, recreativas e educativas. As disciplinas ocorrem de segunda a quinta-feira nos períodos vespertinos das 14 às 16 horas. Participam de forma regular aproximadamente 100 pessoas, que se inscrevem mensalmente com um taxa de R\$ 35,00 (Trinta e cinco Reais).

Uma entrevista semiestruturada foi aplicada a 20 (vinte) participantes, no local de suas atividades e teve duração média de 20 minutos. Adicionalmente aos dados sociodemográficos várias questões foram postas, porém nesse capítulo apresentam-se especificamente as que lidam com a percepção sobre o envelhecimento. Após a transcrição das respostas as narrativas

foram submetidas à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), a fim de evidenciar o conteúdo latente presente.

Entre os vinte idosos (16 mulheres e 4 homens), 30% estavam na faixa etária de 60 a 65 anos, 30% a de 66 a 70 anos e 40% na faixa etária de 70 a 75 anos. O fato de haver mais mulheres corrobora com Silva (2014) onde a população feminina possui maior expectativa de vida do que a masculina em todos os graus de escolaridade para todas as regiões brasileiras. O tempo de participação no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM variou de 5 a até 20 anos sendo que, 20% dos idosos estavam pelo menos há 5 anos no programa, 30% de 6 a 10 anos, 25% de 11 a 15 anos e 25% até 20 anos.

A escolaridade desses idosos também variou, sendo que 5% nunca estudaram (NE), 30% têm o Ensino Fundamental Incompleto (EFI); 10% possuem Ensino Fundamental Completo (EFC); 5% possuem Ensino Médio Incompleto (EMI); 35% Ensino Médio (EMC); 5% Ensino Médio Técnico (EMT); 10% Ensino Superior (ES). Esses idosos quando ativos exerceram diferentes ocupações, sendo que 60% tinham profissões definidas no mercado de trabalho e 40% exerciam atividades do lar. Em termos de benefício de seguridade social, 75% (17) já estavam aposentados e 15% (03) não estavam ainda aposentados.

Envelhecer para os idosos entrevistados são manifestados de forma peculiar, onde as definições são entrelaçadas com os sentimentos que a vivência desencadeia. As dimensões biológicas, socioculturais, psicológicas e ambientais geram uma matriz de entendimento do idoso e suas vivências. Nesse sentido, emergiram quatro categorias que congregam o entendimento do que é ser idoso: Saudabilidade e independência; Experiência e maturidade; Envolvimento e atividade; Direitos e Respeito. As categorias evidenciadas pelos idosos em torno das quais se estruturam os entendimentos sobre o envelhecimento aplicam-se a distintas e variadas situações de tal modo que exprime uma articulação dialética relacionada àquela condição percebida como aspecto do ser idoso.

2.4.1. Saudabilidade e independência

A articulação dialética saudabilidade e independência trazem à tona aspectos da saúde que inexoravelmente levam a uma liberdade que os permite vivenciar tudo o que lhes for apresentado no cotidiano. Nesse sentido, ao falar sobre ter saúde num tempo que esta não está necessariamente presente conforme um modelo de envelhecimento positivo. Para o idoso

nesse momento sua saúde mostra fragilidade e é evidenciada pelo declínio das funções físicas, onde o corpo já não responde de forma satisfatória e as *“doenças vão aparecendo”*, seja pela idade ou por atividades desenvolvidas no decorrer da vida e que culminam em sofrimento: *“tem dias que eu não consigo levantar da cama por conta das hérnias que adquiri no meu trabalho fazendo viagens de 3 a 4 horas seguidas”*. Ser idoso é saber que o *“corpo já não é mais o mesmo”*, o que requer um cuidado e atendimento de saúde diferenciado e imediato. Isso, porém não acontece, pois *“muitos idosos adoecem e ficam à mercê da sorte porque não tem seguro saúde”*, e quando dependem do serviço público o tratamento é demorado e limitado porque *“vai lá... o aparelho quebrou, [dizem] volte amanhã. Então quando [o idoso] tem condição de pagar um médico tudo bem, senão fica ruim”*.

No entanto, esse declínio biológico pode ser equilibrado com a forma de enfrentamento psicológico do idoso. Desse modo o idoso deve compreender que *“[tem] que manejar o comportamento as vezes, apesar de estar neste estágio, não quero ainda aquela sonolência, quero agitar o corpo”*. Muitas vezes a espiritualidade auxilia nesse estado de equilíbrio, pois *“eu sou agradecida a Deus por estar nesta idade e esta é a parte boa.”*; *“Graças a Deus, tenho uma família excelente com 4 filhos, na medida do possível participam da minha vida né?”*. A mudança de atitude também é necessária para o idoso, tem que *“ter paciência com a vida, não desesperar com nada, ser consciente quando se fala das coisas, entendeu? É gostar de viver, de felicidade, feliz e sem rancor sem nada e confiar em Deus também...”*. Tirar o melhor desse momento é restaurativo para as emoções, pois permitem *“ser feliz de chegar com a idade em que estou, pois minha mãe não chegou nesta idade em que estou, me sinto feliz.”*

Envelhecer requer do idoso, cuidar da saúde débil, mas também estar provido de motivações para ser efetivamente independente, fator que os coloca como aqueles que protagonizam suas histórias. *“Ser idoso é você ter autoestima né? Poxa eu vou fazer isso, eu sou capaz, eu vou, eu quero”*. É aquele que mostra cotidianamente estar preparado para realizar seus afazeres *“eu sou uma idosa que faço as minhas coisas tudo”*. Há ainda aqueles que estão dispostos aos desafios diários, onde os mesmos se mostram mais fortes e independentes. Estar ligado à própria busca por saúde e não depender de outros lhes proporciona mais qualidade de vida, *“olha eu moro lá na estrada do Iranduba, eu venho de lá, quando eu não pego acento eu vou de lá em pé até aqui na compensa, eu me testo, porque eu quero saber se eu ainda tenho resistência”*.

A percepção acerca do envelhecer, define uma saudabilidade que lhe permite uma maior independência no ir e vir, no ser e agir diante das possibilidades para “[ser] *mais ativo, e o bom é que, por exemplo, eu já tô aqui olha, sou jovem, tô participando de tudo*”. Portanto estar ativo os coloca como independente, “*Eu sou muito ativa gosto de fazer as minhas coisas sabe...*”. A independência não é algo simples a quem envelhece, porém, os mesmos tentam demonstrar que não é algo impossível. Necessita enfrentar as dificuldades, para que não dependam de ninguém “*a gente deve assim. porque eu já sou idosa, não faço mais isso, eu não faço mais aquilo... não, precisa de esforços que a gente dá, como eu, eu venho pra cá.*”

Tais fatos comprovam o que Marques (2017) discute ao dizer que o envelhecimento acontece de forma gradual, condição de todo ser humano, sendo assim, ela acontece de forma variada, pois nem todos envelhecem com a mesma intensidade e nem adquirem doenças. Da mesma forma corrobora o pensamento difundido por Fontaine (2010) ao afirmar que envelhecer é um conceito diverso e o estabelecimento de envelhecimento bem-sucedido compreende vários critérios ligados à longevidade, a produtividade, autonomia, saúde biológica, bem-estar subjetivo entre outros aspectos. Portanto, o envelhecimento agrega processos variáveis de um indivíduo ao outro, onde estão associados não apenas aspectos físicos, mas também psicossociais, em particular a autoestima e a motivação, saudabilidade essa, que lhes garante a desejada independência.

2.4.2. Experiência e Maturidade

A articulação dialética Experiência e Maturidade implica que envelhecer requer compreender que o tempo proporciona vivências importantes que são responsáveis pela maturidade e sabedoria diante dos fatos a serem vividos nesse momento. Essas experiências compensam as mudanças que fatalmente ocorrem no envelhecimento, mas que lhes permite ser resiliente, pois, “*bom é a experiência de vida que eu tenho, o que eu fazia certas coisas quando eu era jovem, agora não faço*”. Idosos reconhecem que suas vidas são permeadas de experiências, mesmo com o entendimento que o “*seu corpo não é mais o mesmo, mas adquirimos experiência de vida*”. Estes se sentem aprendizes permanentes úteis e “*o lado bom e positivo, é o lado que a gente vai amadurecendo, como ser humano, vai aprendendo mais.*” Portanto, compreendem que o tempo é aquele que ensina, que aos poucos as situações se tornam mais simples, e que com o passar dos anos as pessoas amadurecem: “*Então*

amadurecer é bom...eu tinha muita resistência às coisas ao ser mais jovem, hoje não, temos mais consciência, que a gente vai adquirindo né”.

Através do amadurecimento, estes refletem acerca do que a vida apresenta pois *“você adquire experiência, por exemplo, as coisas que eu fiz que não foram muito certas, não que seja algo grave, entende?”*. Compreender que a vida busca ensinar com as vivências, com os erros e leva a refletir acerca das atitudes, comportamentos, tomadas de decisões aprendidas e até mesmo ajudar outras pessoas que precisam de conselho. Nesse momento torna-se claro para o idoso que a vida é uma junção da *“experiência de tudo que você vivenciou, as vezes uma pessoa chega com você, pergunta alguma coisa assim que você já viveu, tipo trabalho, casamento, filho e a gente na medida do possível ajuda estas pessoas.”*

A vida ensina que a realidade pode ser difícil e na percepção do idoso esse processo passa a ser entendido como uma condição natural, onde todos, mais cedo ou mais tarde, terão que sentir o envelhecer, isto é, *“todos vão chegar ali, entendeu”*. A questão acerca da maturidade compreende um aspecto híbrido importante nesta fase *“então pra mim eu sinto que eu estou velha, mas a cabeça é nova, porque não adianta choramingar que tá ficando velha acabada... isso é da vida, Deus dá aquela vida pra nós até aquele tanto... então deve levantar as mãos pro céu e agradecer”*. Dessa forma, os ensinamentos durante a vida distinguem os idosos dos jovens, uma vez *“temos mais experiência, já viveu bastante”*, principalmente aquele que aprende com as situações cotidianas, pois, *“se você foi uma pessoa que sempre olhou pro lado do bem, [...], se não faço bem, também o mal eu não faço, se eu não quero algo pra mim também não quero para você”*.

Portanto, a maturidade é construída durante a vida pregressa, e para o idoso esta chega de acordo com as experiências trilhadas. O idoso traz consigo esse legado que define seu envelhecimento e o distingue dos demais que ainda não chegaram nesse momento. A velhice apresentada por Erick Erickson (1980; 1982), abarca a dialética integridade e desespero, já citadas anteriormente neste estudo. Portanto, enfatiza o desenvolvimento maduro, de como este indivíduo escolheu viver, como também identificar que este mesmo indivíduo é detentor e consciente de seus próprios atos, conseqüentemente se é possuidor de uma vida madura, significa que não há angústia perante a morte. Portanto, acerca da Teoria de Erick Erickson, é importante frisar que a virtude maior nesta etapa de desenvolvimento é o de conquistar a sabedoria, pois compreende a aceitação de uma fase de vida e a dar importância as experiências vividas. A sabedoria nesta fase engloba o entendimento de várias culturas, gerações e meios sociais, ou seja, não está relacionado as particularidades culturais, mas sim ao seu grupo (AMADO, 2008).

2.4.3. Envolvimento e Atividade

O envelhecimento será distinto para cada indivíduo a partir de suas escolhas de envolvimento social em atividades que exerce. Nessa articulação dialética envolver-se em atividades sociais é necessário, segundo alguns idosos, pois traz um desenvolvimento saudável ao idoso. Isso acontece “*se você se dedicar a alguma atividade, você ganha qualidade de vida*”, “*(...) porque você está participando de uma coisa que tá mexendo com o teu corpo*”, é perceber que estar no convívio de outras pessoas significa estar feliz, “*o bom é que gente quer dar risadas... a gente tá naquela idade que quase ninguém manda na gente*”, é gostar de estar e “*saber conviver com as pessoas*”, como também valorizar que se deve “*fazer contato com as pessoas*”.

Estar cercado de pessoas que incentivam faz diferença e por isso “*o idoso precisa de um grupo para ficar mais ativo*”, como também um local que promove afeto, “*eu me sinto bem aqui porque é como se fosse uma família, meus amigos, a gente sai, a gente ri, conta piada...*”. Optar por este convívio e estar envolto de atividades é “*melhor do que tá em casa isolado*”. O efetivo envolvimento permite que “*enquanto estiver brincando, fazendo bagunça com meus netos, não me considero idosa*”. As atividades diversas que possibilitam um envolvimento acolhedor é condição crucial para a saúde mental na velhice. Estar envolvido em atividades proporciona uma vida mais feliz e por isso, “*o idoso tem que participar de um clube de terceira idade, dançar, viajar... se você se dedicar a uma atividade você ganha qualidade de vida*”.

Encontra-se nessas narrativas um princípio aglutinador de qualidade de vida ao estarem participando do PIFPS-U3IA- FEF- UFAM. É um aspecto que os distingue de outros que não buscam por tais atividades, como ressalta Fonseca (2014), cada pessoa é diferente, cada qual verifica como é a sua maneira de viver, havendo situações que corroboram para a velhice que estagna. A imagem negativa da velhice é um fator visível na sociedade que dissemina o preconceito e a invisibilidade. Estar envolvido e desenvolver atividades faz com que o idoso deixe em segundo plano suas vicissitudes físicas e incapacidades e as encare com algo natural de vida. Contudo, o idoso atuante na sociedade colabora com sua própria autonomia como com sua cidadania (WILLIG, 2012).

Quando os indivíduos estão dispostos de suas forças e socialmente engajados a participação efetiva funciona para que possam refletir acerca da qualidade de vida e consequentemente a inclusão social. Dentro destes ambientes em grupos, o diálogo propicia novos conhecimentos, facilita o autoconhecimento e permite a reflexão sobre os valores e demais assuntos que visam mudanças de padrões (BULLA; SOARES; KIST, 2007). Portanto, fazer parte de um programa de terceira idade compreende estar envolvido em atividade que busca a saúde integral para uma velhice bem-sucedida.

A definição de velhice bem-sucedida foi historicamente discutida pelos grandes filósofos, possivelmente através do filósofo Cícero (106-43, a.C), citado por Fontaine (2010). Em sua obra *De senectute* (44 a.c), defende que a velhice bem-sucedida é aquela que proporciona uma variedade de possibilidades e desenvolvimentos.

2.4.4. Direitos e Respeito

A articulação dialética, direitos e respeito definem aspectos requeridos dos outros, em contraposição às demais dialéticas que são condições onde o próprio indivíduo se torna central para sua percepção de envelhecimento. Nessa dialética fica evidente que o idoso compreende o envelhecimento atual distinto do que era em outras épocas, e, portanto, os direitos adquiridos ao longo dos anos possibilitaram oportunidades para aperfeiçoar a qualidade de vida e longevidade.

O Estatuto do Idoso trouxe importante avanço a este público, havendo maior responsabilidade acerca dos cuidados em saúde e outros serviços (BRASIL, 2003). Este reconhecimento acerca de melhoria de vida *“Tá melhor hoje em dia, graças a Deus e com a aposentadoria tenho condições de pagar um plano de saúde.. .eu observava meus pais, morava no interior, não tinha acesso a médico, depois mudamos para cá e melhorou.”* Ao comparar o envelhecimento dos pais, agora os idosos *“Estão melhores, lembro das coisas do interior, da minha vó muito velhinha trabalhando na roça, ainda existe, mas hoje é menos...mas hoje em dia tem aposentadoria... antes não tinha nada disso, alguma coisa melhorou”*.

Esses idosos percebem que a melhoria de vida está ligada aos projetos de terceira idade que garantem saúde integral aos seus usuários. *“Hoje tá melhor, hoje tem muitos idosos fazendo exercício, caminhando, indo pela vida melhor...minha esposa adoeceu, iniciei para*

fazer companhia para ela, estava com saúde, mas gostei e fiquei e estou até hoje graças a Deus”. *“Está melhor agora, por causa destas atividades que a gente tem, antigamente não tinha, as pessoas se isolavam porque não tinha nada para fazer, então as atividades ajudam, mexe o corpo*. Portanto idosos reconhecem que programas são um diferencial em saúde: *“Hoje está melhor por causa deste programa, vem trazer melhoria pra gente, envelhecer com saúde, disposição, força para sair de casa e hoje temos esse programa que vem ajudar o idoso né*”. Mesmo com todas estas mudanças, existe aquele olhar mais crítico acerca das mudanças.

Ser idoso perpassa pela necessidade do respeito uma vez que *“o bom é a valorização”* da sociedade. No entanto, essa condição nem sempre se alcança no dia-a-dia, desfavorecendo esse momento da vida, onde *“o respeito que é difícil, as pessoas não respeitam os idosos. [O idoso] possui vários direitos e nem todos concretizados”*. Em certos aspectos, concordam que houve um avanço acerca *“dos direitos, porque você chega no lugar e é atendida”*. Ao mesmo tempo percebem que há uma contradição nessa rota dos direitos que devem existir em atitudes corriqueiras que manifestam preconceito e falta de respeito *“quando te maltratam, te chamam de velha...É horrível”*.

Uma forma de respeito na terceira idade está no direito de *“ter privilégios de ônibus, das filas, das consultas médicas, é eles sempre dão prioridade”*. Esses direitos, no entanto, não asseguram a plenitude da valorização na sociedade como um todo. Há uma contradição em ter um direito assegurado pela lei e outro pela efetiva realização. Os idosos percebem que *“nós somos muito desrespeitados, principalmente dentro dos ônibus, fico triste quando vejo, (...) jovens sentados nos nossos acentos e virarem a cara, fazerem de conta que não estão vendo”*.

O paradoxo do respeito para esses idosos pode ainda ser vislumbrado noutros aspectos que concretizam o distanciamento dos direitos civis. As dificuldades existentes acerca acessibilidade onde *“não tem transporte, agente não tem praça, não tem calçada pra andar, então é terrível ser idoso neste sentido”* escancaram tal *“incongruência do poder público”*. Essa condição ambiental é como se dissesse que *“velho tem que ficar em casa”*. Portanto, reconhecem que são detentores de direitos, mas em aspectos gerais, percebem que os seus direitos são desrespeitados.

Ao reconhecerem algumas melhorias esses idosos percebem limitações sérias que impedem a todos os idosos de forma indistinta, terem acesso aos serviços, pois *“[...] tá melhor, apesar das dificuldades na área social, na área de doença, o governo colabora,*

apesar de que nem todo mundo usufrui... mas infelizmente a gente vê muitas queixas...”. De fato, o Estado fornece as garantias de participação social ao idoso, como dignidade, bem-estar e direito à vida, porém, não é suficiente para ofertar serviços de atenção integral, residências ou centros de recreação (KÜCHEMANN, 2012).

O respeito, muitas vezes não é apenas uma necessidade a ser suprida pela sociedade civil, mas, sobretudo da família, onde carece de maior sensibilidade. *“Eu acho que tá melhor, na minha opinião o que falta é o respeito dos filhos, tenho um conhecido que tá preso em casa, não tem acompanhamento... Tem suas vantagens e desvantagens, depende da família, então se tem respeito está melhor”*. Reconhecem ainda que o idoso não apenas se sente desrespeitado como também usado como fonte econômica de sustento da família extensa. Os idosos *“[...] quando aposentados, ao invés de usar seu dinheiro para viajar, está sustentando família. Acho isso abuso, antes não tinha nada disso...Sabemos que o abuso, violência contra idoso ainda existe, mas hoje se tem um Estatuto”*.

Grandes autoras como Bosi (2016) e Benvouir (1970), citam em suas obras que o idoso necessita de respeito e menos preconceitos, que cabe a nós que envelhecemos cuidarmos do futuro próximo. De acordo com estudos acerca de idosos, é assegurado que esta pessoa tenha o direito de envelhecer com dignidade (ESTATUTO DO IDOSO, 2003; MACHADO; LEAL, 2018). Portanto a sociedade utiliza ações contrárias ao que é previsto a este idoso. O princípio da dignidade humana é essencial na garantia do bem-estar do idoso em sociedade, porém, infelizmente mesmo de acordo com os princípios que os amparam, o atual contexto aponta que o idoso é deixado de lado e contraditório à realidade (SOUZA, 2016).

A violência é um dos fatores mais apontados no contexto atual, este ato é de *“forma proposital utilizando-se de força física, ameaça a si, contra uma pessoa, grupo ou comunidade. Desta forma as consequências são sempre dolorosas resultando em lesões, traumas psicológicos, privação e déficits no desenvolvimento”* (OMS, 2002). Um estudo realizado por Castro *et.al* (2018), objetivou verificar a predominância de agressões, abandonos, negligência nas internações realizadas a idosos brasileiros, num período que se estendeu de 2008 a 2013. Este estudo concluiu que o maior número de idosos internados por agressão física, negligência, abandono e outros fatores, estiveram mais presentes nas regiões norte e sul. Os autores da pesquisa salientam que o sexo masculino (60-69 anos) apresentou uma maior prevalência acerca das agressões corporais nos atendimentos à saúde, no caso de

mulheres o abandono, negligência e agressões estão mais visíveis em idosas acima de 80 anos.

Portanto, idosos compreendem que seus direitos são violados, percebem que muitas vezes são isolados, esquecidos e ainda são submetidos a variadas formas de violência. Contudo, reconhecem que as políticas públicas lhes deram seguridade e melhoria de vida, mesmo que a sociedade ainda não atende à todas as mudanças necessárias. Cabe a sociedade a urgência de compreender as particularidades e direitos destes idosos, como também perceber que a violência é um dos aspectos preocupantes, desta forma, mudanças são necessárias para o reconhecimento dos idosos, bem como garantir o seu bem estar e dignidade (SILVA, *et al.*, 2008).

2.5. Considerações Finais

A ciência mostra as dimensões físicas, sociais, psicológicas e ambientais como aspectos intervenientes do envelhecer. Tais dimensões estão presentes na percepção dos idosos e produzem visões distintas no seu cotidiano, em volta das quais se estruturam significados do ser idoso e do envelhecer. Amarras psicossociais, físicas e ambientais favorecem ou impedem um envelhecimento de maior ou menor qualidade de vida e reconhecimento dos demais cidadãos.

Para os idosos, envelhecer é um caminho formado tanto por perdas, como ganhos e lutas diárias. As resistências (emocionais, afetivas) cotidianas é algo presente nas narrativas. Há um reconhecimento de sua condição etária e biológica, mas que não é definitiva, uma vez que tudo pode tomar rumos distintos, no que depender da forma como cada um viveu até nesse momento, de como a sociedade entende e reconhece o idoso. Ser idoso incorpora estigmas de pouca valia de estágio final, ou sobrecarga para os mais jovens. As fragilidades do corpo são responsáveis por tal representação social. Tudo isso pode ser revertido a partir do suporte institucional, familiar e dos amigos. O suporte preconiza oportunidades, que devidamente postas permite ao idoso sua participação. Nesse caminho o peso se torna mais leve, a saúde se fortalece, a independência traz satisfação e a qualidade de vida e bem-estar se tornam realidade. A efetiva participação em programas que permitem valorização e apoio emocional são elementos importantes nesse momento da vida.

Apesar dessas oportunidades e direitos, há muito que caminhar, muitos se sentem negligenciados em seus próprios lares. O envelhecimento pertence a todos nós, portanto, cabe a cada um internamente sentir-se na condição, conseqüentemente todos iremos estar no complexo sentir “ser idoso”. No entanto, esta pesquisa aponta que se o idoso não possui oportunidade de melhoria de vida, ou arranjos internos para a qualidade de vida, estes tendem a ficar isolados e conseqüentemente suscetíveis a doenças.

A construção negativa acerca da velhice já é bastante fundamentada, visão responsável pela negação do natural e reforça preconceitos que impedem o olhar de respeito e cuidado. Os estudos precisam de fato enxergar que existem lados complexos, uns não tão agradáveis e outros que possuem a representatividade daqueles que demonstram que não foi a aposentadoria que os “encostou”, mas que há a resistência de cada dia viver melhor, isso é o que de fato os mantêm erguidos.

Estes idosos são aqueles que protagonizam suas relações maturacionais, buscam estar em convívio social e independência acerca de suas ações. A questão maturacional é interpretada no contexto das vivências, marcas de uma vida, protagonistas de suas histórias, como também identificam em si mesmas a condição de auxiliar os mais jovens, pois estes são dotados de experiência de vida e, portanto capazes de orientar os mais jovens.

O fator crítico é que o envelhecer traz marcas acerca da fragilidade (biológica) e socialmente interpretadas como incapaz fator este que afeta diretamente as relações com demais indivíduos jovens, já que alguns carregam crenças de que idosos não possuem poder de fala, são ultrapassados acerca de suas atitudes e incapazes de emitir opiniões.

Idosos tentam construir um modo diferente de “ser idoso”, ou seja, desfrutam de suas vidas em companhia de amigos e possuem disciplina em busca de hábitos saudáveis. Apesar desta visão positiva acerca da qualidade de vida, vale ressaltar que idosos reconhecem a desvalorização social, questões acerca do preconceito, discriminação, abusos familiares e rejeição.

Muitos desta pesquisa se colocam como privilegiados, pois participam de um programa que lhes favorecem um espaço de fala, direitos e afetividade, como também reconhecem a representatividade acerca do Estatuto do Idoso. Estes ainda relatam que a partir dos direitos, muitas questões melhoraram, porém, enfatizam que não há respeito da sociedade, ou simplesmente a falta de conscientização da mesma.

Desta forma, envelhecer é muito bem descrito pela ciência enquanto caráter biológico, entendida por muitos, inclusive por idosos, como processo natural. O desafio presente está acerca das construções sociais e culturais, e como estas lidam com o envelhecimento já que por muitas vezes, não reconhecem o idoso em suas diferentes formas de qualidade de vida. Vale compreender que as lutas existentes por direitos, são aquelas que respaldam uma determinada classe, porém, se o respeito não começa pela sociedade, de fato, só existirá enquanto estatuto e não como comprometimento de cidadania.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS E CUIDADOS SOCIAIS AO IDOSO

Artigo 9º

“É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

(ESTATUTO DO IDOSO, 2003).

No Brasil, a participação efetiva do idoso em sociedade foi legitimada com a Lei 8.842/94, que instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI) assegurando os direitos às pessoas com 60 anos e mais de idade, em seguida, foi autenticada a Lei 10.741/03 - O Estatuto do Idoso, que representou lutas sociais em proteção e defesa dos direitos aos idosos veio conduzir os direitos previstos às pessoas com mais de 60 anos, tendo como fundamento as orientações acerca do II Plano Internacional para o Envelhecimento, sendo este consequência da II Assembleia Mundial do Envelhecimento, realizada em Madrid/2002, pelas Nações Unidas (MENDONÇA, 2016).

A idade de 60 anos é o marco da mudança de estatuto civil, de adulto para idoso. As categorias de idade segundo Felipe e Sousa (2014), são socialmente construídas e que podem também ser sujeitas a mudança. Porém, esta idade é sujeita a modificações, uma vez que a sociedade estabelece parâmetros que regem direitos e deveres de cada grupo a fim de organizar o meio social. Em alguns países estas faixas etárias variam e estão ligadas a fatores básicos como moradia, saúde, educação e ações públicas, que promovem melhores condições ambientais e qualidade de vida (CRUZ; FERREIRA, 2011).

Como o Brasil era visto como um país de jovens, os idosos não eram prioridade em políticas públicas. No entanto, na escola estes ensinamentos ficavam afastados dos reais problemas sociais e, portanto, os idosos eram aqueles que sobreviviam e contavam apenas com sua família extensa para atender suas necessidades. As mudanças no contexto sócio-histórico, como a queda na taxa de mortalidade e natalidade foram alterando a forma da pirâmide demográfica e ocasionando uma maior longevidade. Assim, a expectativa de vida na década de 80 era em torno de 60 anos, e nos anos 2000, passou para 65 anos (WHITAKER, 2010).

O aumento da expectativa de vida é influenciando através de fatores econômicos, políticos, sociais, demográficos, culturais, das dialéticas das relações entre estrutura e superestrutura e conseqüentemente viabilizam leis específicas e lutas (HALL, 2003). De acordo com este modelo, o conceito de *terceira idade* foi a que melhor se constituiu na representação acerca da velhice até o momento. Este termo surgiu na França na década de 70 e indica simbolizar aquela população com mais idade. Este termo significou dar uma transformação no mapa das existências individuais obtendo um espaço temporal entre a idade adulta e a velhice (CARADEC, 2016). Segundo Caradec (2016), a interpretação da terceira idade significou certa liberdade, ou seja, deu plena condição aos idosos para descobrir novos ares, realizar projetos que antes não haviam sido realizados e, por conseguinte conhecer aspectos não experienciados por eles.

Araújo *et al.*, (2011), relatam que representações sociais negativas a respeito da velhice muitas vezes não pertence a fala de idosos que chegam aos 60, estes sempre se utilizam do termo idoso/a para se referir ao outro. O medo do abandono, a perda do status familiar e o receio de perda de suas competências favorece esse cenário negativo (FONTES; YASSUDA, 2010; ARAÚJO *et al.*, 2011).

No Brasil, a Constituição da República Federativa (BRASIL, 1988), com a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), atrela a responsabilidade com o idoso à família, ao Estado e sociedade. O Estado fornece as garantias a este idoso para sua participação social, dignidade e bem-estar e direito à vida. Apesar de o Estado fornecer serviços básicos a saúde, ainda não é suficiente para oferecer serviços de atenção integral, residências ou centros de recreação. O que se tem são poucos e restritos serviços a um público de aquisição mais elevada e que conseqüentemente conseguem custear por tais benefícios. Portanto, esta participação do Estado é bem reduzida quando comparado com a responsabilidade da família (KÜCHEMANN, 2012).

O Estatuto do Idoso trouxe importante contribuição para a recuperação do prestígio e da dignidade desse grupo, pois a partir deste movimento houve uma maior preocupação e programas foram elaborados com o intuito de cuidar das questões de saúde deste indivíduo (BRASIL, 2003). Porém, Whitaker (2010), faz uma crítica e salienta que o idoso continua não tendo respeito no cotidiano urbano. Sabe-se que as limitações o deixam mais lento, onde os espaços não estão adaptados para que atendam as suas necessidades. Segundo o autor, apenas se ter o direito não resolve as suas reais dificuldades. É necessário, ainda na visão desse autor,

que os direitos humanos sejam assumidos como inalienáveis e que os benefícios estabelecidos como direitos não devem ser encarados como filantropia (WHITAKER, 2010).

Devido ao crescimento da população idosa, os cuidados aos idosos/as na sociedade brasileira contam com uma exigência de serviços mais eficazes e complexos, mas que não acompanham a realidade. A redução de assistência hospitalar entre outros fatores recomendam idosos dependentes a viver com seus familiares, que no contexto econômico atual, onde as famílias brasileiras estão empobrecidas, com espaço domiciliar restrito e tempo escasso pouco pode fazer para atender com qualidade o/a idoso/a. Para estabelecer cuidados adequados aos idosos é necessário, além do cuidado familiar, um tipo de apoio institucional e acompanhamento profissional (KÜCHEMANN, 2012).

Os cuidados das pessoas dependentes no Brasil ainda estão distante do que se possa de fato atingir os idosos, apesar das propostas da Organização Mundial de Saúde – OMS, que estimulam serviços que garantam qualidade de vida na velhice (MENDONÇA, 2016).

3.1. Programas e serviços de cuidado ao idoso

De acordo com Felipe e Sousa (2014), todos os profissionais que trabalham com idosos possuem como meta orientar os indivíduos de acordo suas estratégias. O Estado, no entanto, tenta cada vez mais transferir a responsabilidade ao indivíduo e sua família negligenciando seu papel fundamental no atendimento dessa população. Historicamente boa parte das formações de opiniões advém de leis e normas repassadas ideologicamente. Assim o indivíduo que tem um papel ativo na economia produtiva é valorizado, e aquele que passa para a aposentadoria passa a ser desvalorizado (SILVA, 2008; FERNANDES; GARCIA, 2010). Tal situação reflete os valores presentes no sistema social vigente, que requer mudanças. A mudança é possível, não pelos marginalizados, mas pelo segmento social que detém a valorização. Assim quem deve lutar para o respeito e valorização do idoso é o jovem e o adulto (BOSI, 2016).

O cuidar do idoso remete à ideia existente de política voltada ao cuidado de longa duração, objetivando olhar aqueles que dependem de auxílio. Portanto, significa habilidade e formação daqueles que estão dispostos com o cuidar, seja nas dificuldades diárias, como também auxiliar no desenvolvimento dos mesmos, independente de família ou cuidador

profissional, ambos devem ter capacidade para aperfeiçoar as atividades de cuidados (MENDONÇA, 2016).

Fica evidente que o cuidado deve promover bem-estar físico, psíquico e emocional da pessoa cuidada. Essas atividades incluem: 1) Incentivar participação comunitária; 2) Adaptar o entorno da casa; 3) Auxiliar na saúde e certificar um seguimento compatível por parte dos profissionais; 4) Adotar programas que possam reduzir e prevenir a dependência; 5) Utilizar uso de assistência as instituições, caso seja necessário; 6) Cuidados paliativos; 7) Assegurar necessidades espirituais, emocionais e psicológicas (OMS, 2002).

A visão de terceira idade “gratificante”, em certo ponto, inviabilizou o Estado e a sociedade de perceber que a velhice sem dependência não pertence a todos. Em países ricos, esta dependência já é tratada como aquela que requer medidas urgentes, ou seja, um risco social. No Brasil, apesar de alguns avanços muito ainda tem que ser (MENDONÇA, 2016).

No enfrentamento desses problemas alguns idosos/as, recorrem às suas competências comportamentais para tornar sua vida saudável, ou seja, viver dentro de um modelo aceitável na sociedade que visualiza uma imagem positiva para a velhice, as competências desestabilizam a ligação de velhice e doença, ou qualquer outra referência de declínio ou incapacidade. Fernandes e Garcia (2010), afirmam que alguns idosos buscam o ideal de que se a mente e corpo funcionam juntos, conseqüentemente não há espaço para a velhice. Nesse aspecto, asseveram os autores, o fator provedor de autonomia e competências é importante, pois são estes os primeiros ameaçados na velhice.

Segundo Günther (2011), as relações sociais estão ligadas essencialmente à vida familiar, tribal ou qualquer outra denominação, mas que propiciam interação e constitui a essência básica para manter a vida. Independente do ciclo vital em que o indivíduo está, seja infância, adolescência, juventude, adultez ou velhice, este se submete a um contexto sociocultural específico. Por meio destas relações recebemos e damos afetos, aprendemos e construímos a nossa identidade. Para tal, as políticas públicas voltadas para idoso devem buscar inserir espaços de convivência ou de recreação objetivando ocupar o tempo destes idosos e auxiliando em seus aspectos de bem-estar pessoal e de interações sociais (FERNANDES; GARCIA, 2010).

3.2. Centros de convivência como espaço e lugar para o idoso

A constatação de que medidas deviam ser feitas para retirar os idosos do isolamento, da depressão, de problemas de saúde e propiciar-lhes qualidade de vida (CACHIONI, 2012) culminou em vários países na necessidade de criar espaços de acompanhamento ao idoso que permitisse e possibilitasse a continuação de uma vida com participação ativa na sociedade (CACHIONI, 1999). Neste contexto, surgiu na França em 1968, um movimento que passou a se chamar “Universidade Aberta da Terceira Idade” ou “Universidades de Tempo Livre” (CACHIONI, 2012). Estas instituições foram desenvolvidas objetivando alfabetizar adultos, promover e informar sobre saúde, religião, política e trabalho, tendo como propósito, completar o tempo livre dos aposentados e favorecer relações sociais entre eles.

Vários países se destacaram nesse protagonismo de cuidado aos idosos. Na Itália ocorre a formação de agentes gerontólogos para atuação em programas culturais, buscando prevenção de doenças e discursões importantes acerca do idoso. Na China os centros de recreação participam à sua comunidade oferecendo programas voltados a saúde, esportes e jantares, já na Irlanda existe um projeto denominado Agelink que fornece atividades nas escolas para crianças e também idosos (CACHIONI, 1999). Na Espanha os centros permitiram os idosos diminuírem o uso de medicamentos e consultas médicas (MOLINA, 2011). Nos EUA, desde 1975, o turismo, aulas e incentivos ao voluntariado se tornaram fundamentais para os idosos (MOURA; VERAS, 2017).

No Brasil, mais recentemente com o gradual crescimento da população idosa, programas voltados ao lazer e educação foram sendo oferecidos. Um dos pioneiros em educação a estes idosos foi o Serviço Social do Comércio (SESC). Já na década de 1980 as universidades iniciam a abertura destes espaços educacionais a idosos e conseqüentemente a profissionais dedicados a estudar esta população, portanto iniciaram propostas de programas de ensino, saúde e lazer (CACHIONI, 1999).

Para Moura e Veras (2017) os centros de convivência são espaços que oferecem regularmente atividades a idosos desde esportes à oficinas dentro de uma universidade. Estes autores relatam que o censo do Sistema Único da Assistência Social - SUAS, iniciou uma pesquisa em 2014 com 7.890 centros de convivência públicos e privados registrados no Brasil. No primeiro censo, foram coletadas informações de 442 centros de convivência, cerca da metade destes se destinam a atividades com idosos, os demais se destinam a outras faixas etárias. A Universidade Federal de Santa Catarina em 1982 criou o Núcleo de Estudos da

Terceira Idade- NETI, que atualmente oferece cursos de Gerontologia como também diversos cursos para a terceira idade, esta foi pioneira em estudos com idosos (MANERICH; SANDRI; KNOLL, 2008).

De acordo com Souza *et al.*, (2014) existem também as UNATIs (Universidade Aberta da Terceira Idade) que possuem como objetivos principais analisar os estereótipos e preconceitos associados à velhice, promover aspectos relacionados a autoestima, recuperação da cidadania, incentivar a autonomia, a reinserção social e conseqüentemente a busca de uma velhice bem-sucedida. As oportunidades educacionais são referências evolutivas durante a velhice, a causa deste desempenho está acerca dos contatos sociais, trocas de vivências e de saberes que favorecem as aptidões pessoais (ORDONEZ; CACHIONI, 2011).

Espaços que possuem como perspectiva amenizar isolamentos em idosos visa agregar trocas sociais, bem-estar, satisfação e desempenhar papel afetivo. Perceber a relação com o lugar e a construção afetiva, é um fator relevante a ser pesquisada acerca das dimensões que a afetividade favorece ao indivíduo, como também a tentativa em compreender a complexidade em torno desta relação, portanto referir ao lugar requer busca da compreensão desta dimensão.

Apesar das leis brasileiras fornecerem garantias bastante abrangentes aos idosos (BRASIL, 2003), no que concerne à participação social há uma distância significativa sobre as reais possibilidades existentes para se tornar um direito efetivo. Os idosos são muitos e os programas são ainda limitados, mesmo que os que existem, às duras penas, como o PIFPS, buscam ser alternativas que possam atender o idoso de forma digna e adequada. Neste aspecto, alguns questionamentos se inserem nesse universo do cuidado que busca proporcionar uma convivência de bem-estar psicossocial e saúde física. Estariam os programas destinados aos idosos permitindo que tais pressupostos sejam atingidos? Como esses programas encontram consonância com as expectativas dos seus participantes idosos? Todo o empenho dos gestores é reconhecido pelos idosos? Como os idosos avaliam essas investidas do poder público?

Para responder a tais questionamentos traremos o cenário das experiências vividas por acadêmicos da terceira idade adulta, do Programa Idoso Feliz Particpa Sempre da Universidade Federal do Amazonas PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, Brasil.

3.3. O cuidado proposto pelo PIFPS- U3IA- FEFF-UFAM aos idosos

O Programa Idoso Feliz Participa Sempre – Universidade na 3ª Idade Adulta (PIFPS-U3IA- FEFF-UFAM) foi criado e idealizado pela Prof.^a. Dr.^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa em 1993 com o auxílio de professores e acadêmicos, sendo este desenvolvido e ativo até o presente ano como parte de curso de Educação Física Gerontológica da Universidade Federal do Amazonas. O programa foi idealizado como consequência de duas pesquisas centrais: “Imagens: Clínica, psicomotora- amostra da população de Manaus na faixa etária superior a 50 anos” (1987) e “Idoso Feliz Participa Sempre” (1988) (PUGA BARBOSA, 1987; 1988).

A primeira pesquisa verificou pessoas maiores de 50 anos sedentários e restritos ao ambiente doméstico, como também descreveu sobre poucos programas destinados a este público e a falta de preparação para lidar com o envelhecimento culminando desta forma na aceleração deste processo. Estes resultados foram importantes para que se questionasse a atuação do educador físico, como também a elaboração de uma programação anual e implementação do programa voltado à extensão universitária, objetivando desta forma, o favorecimento de estágio acadêmico.

A segunda pesquisa teve como premissa dar continuidade a área gerontológica, participando desta aplicação dois grupos de idosos: Os idosos Futuristas da Legião Brasileira de Assistência, que residiam com suas famílias e os asilados da Fundação Dr. Thomas da prefeitura de Manaus-AM. Dentre os grupos, foi visto que há maior independência daqueles que viviam com suas famílias, mas que ambos participavam e tiveram ótimo empenho e integração social, fator que concluiu a grande importância das atividades físicas aos idosos e recomendando a partir desta análise, que as instituições incluíssem em seus quadros tais atividades.

Depois de muitas tentativas, em 1993 surge o Projeto Idoso Feliz Participa Sempre, implementado na Universidade Federal do Amazonas. Nascido como Projeto de Extensão, o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM oferece aos alunos de Educação Física, o estágio possibilitando conhecimentos na área, voltados à atividades com pessoas de mais de 45 anos, e oferece o curso de Cinesociogerontologia, voltado para a formação de profissionais preparados a lidar com o envelhecimento (PUGA BARBOSA; MODESTO 2018).

Atualmente o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM agrega pessoas acima de 60 anos de idade e outros que se aproximam dessa idade em atividades sociais, esportivas, recreativas e educativas. As atividades ocorrem de segunda a quinta-feira nos períodos vespertinos. Participam de forma regular aproximadamente 100 pessoas, que se inscrevem mensalmente com um taxa de R\$ 35,00 (Trinta e cinco Reais).

O PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM conta com duas organizações o Centro Acadêmico da 3.^a Idade Adulta- CATIA, e a Associação de Motricidade e Estudos Gerontológicos do Amazonas – AMEGAM. O Centro Acadêmico da 3.^a Idade Adulta – CATIA, tem como objetivo representar os acadêmicos 3IA, onde a mesma executa reuniões, mobiliza os acadêmicos para uma atitude participativa, organiza os eventos e auxilia na parceria com a coordenação do Programa. Em dezembro de 1996 surgiu a Associação de Motricidade e Estudos Gerontológicos do Amazonas – AMEGAM, através de professores e coordenadores 3IA. Esta por sua vez, promove segurança no suporte de várias ações, tendo como principal fonte de recursos à taxa de mensalidade dos participantes do programa (PUGA BARBOSA; MODESTO 2018).

O estudo de abordagem descritiva (GIL, 2009) foi realizado a partir de uma entrevista semiestruturada que foi aplicada a 20 (vinte) participantes escolhidos aleatoriamente, no local de suas atividades e teve duração média de 20 minutos. Adicionalmente aos dados sociodemográficos várias questões foram postas, porém nesse capítulo apresenta-se de modo particular o tipo de participação e a percepção sobre o cuidado oferecido pelo programa aos idosos participantes. Após a transcrição das respostas as narrativas foram submetidas à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), a fim de evidenciar o conteúdo latente presente.

Entre os vinte idosos (16 mulheres e 4 homens), 30% estavam na faixa etária de 60 a 65 anos, 30% a de 66 a 70 anos e 40% na faixa etária de 70 a 75 anos. O tempo de participação no PIFPS variou de 5 a até 20 anos sendo que, 20% dos idosos estavam pelo menos há 5 anos no programa, 30% de 6 a 10 anos, 25% de 11 a 15 anos e 25% até 20 anos. A escolaridade desses idosos também variou, sendo que 5% não estudaram (NE), 30% apresentam o Ensino Fundamental Incompleto (EFI); 10% possuem Ensino Fundamental Completo (EFC); 5% possuem Ensino Médio Incompleto (EMI); 35% Ensino Médio (EMC); 5% Ensino Médio Técnico (EMT); 10% Ensino Superior (ES). Esses idosos quando ativos exerceram diferentes ocupações, sendo que 60% tinham profissões definidas no mercado de trabalho e 40% exerciam atividades do lar. Em termos de benefício de seguridade social, 75% (17) eram aposentados e 15% não aposentados (03).

3.4. O cuidado sentido pelos idosos no PIFPS- U3IA-FEFF-UFAM.

Ao avaliarem as iniciativas dos programas de atendimento aos idosos como o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, os participantes deixaram explícitas três categorias com articulação dialética: Movimento e Inclusão; Ampliação de amizades e suporte afetivo e, Fortalecimento físico e mental.

3.4.1. Movimento e Inclusão

Os programas oferecidos aos idosos são percebidos como uma oportunidade de movimento num momento em que o corpo se acomoda e inexoravelmente busca a sedentaridade que o prejudica física e mentalmente, pois *“se você ficar em casa você fica só parada, isso não é bom para nós, então esse programa ele traz isso... estimula mais a gente sair de casa”*. As atividades feitas especialmente para essa idade e para os demais idosos lhes permite uma visibilidade não encontrada em outros ambientes. Nesse sentido *“o idoso sai mais de casa por conta dos projetos”* e lhes proporciona um sentimento de inclusão social, de estar no seio da sociedade, pois, *“no projeto eles dão oportunidade para você falar, de conversar, colocar suas ideias e isso é bom para o idoso”*. Os idosos buscam sair de casa para tornar efetiva sua socialização, sua saúde integral e sua condição cidadã.

Muitos destes idosos iniciam suas atividades através de incentivos de parentes *“ meus filhos (...) e aí eles falavam, ” mãe a senhora precisa participar de um grupo que é da sua idade é muito bom, é conveniente que a senhora faça, porque a senhora vai se sentir muito bem”*, incentivo de amigos *“Foi uma amiga que veio primeiro que eu participar e aí conversando ela me chamou e me convidou para vir pra cá”*, aconselhamento médico *“ tenho uma médica que ela conhece aqui (...) e que era para eu procurar aqui, aí eu vim pra cá há 5 anos atrás”*.

Desta forma, idosos reconhecem que os espaços para a terceira idade são aqueles que promovem trocas e conseqüentemente os tiram do isolamento social *“ aqui mesmo no projeto tem muitas atividades né que o idoso pode participar e fazer viagens, passeios...vejo o resultado das colegas que vão, elogiam e só falam coisas boas ...quando tem uma atividade*

social, ou da família nós sempre participamos , eu participo! Acho que é isso que estimula a gente sair de casa". De acordo com Rizzoli e Surdi (2010), existem atualmente muitas opções que visam incluir idosos em diferentes espaços que almejam a qualidade de vida. A visibilidade deste público tem aumentado, e conseqüentemente proporcionando serviços que possam suprir as especificidades que estes idosos tanto necessitam.

Um estudo realizado na cidade de Friburgo-SC em 2008, sinalizou as razões pelos quais idosos buscam os projetos programas da terceira idade. Dentre as principais razões estão em destaque a melhoria da saúde e da auto-estima, orientação médica e formação de novas amizades (RIZZOLLI; SURDI, 2010). Em concordância com o estudo citado, os participantes do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM na cidade de Manaus apresentam escolhas similares. Alguns relatam que o fato de não manter-se isolados em suas residências, foi o fator inicial para a busca de qualidade de vida *"Quando eu me aposentei, nossa eu fiquei muito feliz, mas a ociosidade foi o que me trouxe para o projeto"*. Alguns idosos relacionam a busca por programas em *"Não ficar em casa porque eu não gosto como eu já te falei né? De ficar assim sentada em casa né? Sem fazer nada.* Outros apresentam em sua fala que a busca ocorre porque *"depois você começa a sentir um vazio, a necessidade de sair , de caminhar."*

Portanto, os idosos percebem que a qualidade de vida pode se viabilizar como as atividades que os estimulam a sair da sedentaridade e nesse movimento realizam sua inclusão social. Os idosos atribuem à saúde um aspecto fundamental para se obter qualidade de vida, *"então eu procurei aqui pra ter mais qualidade de vida, estabilizar as doenças né que chegou, porque tem colegas da minha idade que trabalhou comigo, tá caquético, não pode nem andar mais"*, Outros reconhecem que *"tem que ter outra coisa sim para mudar a nossa mente, estimular a mente, se não a mente fica muito parada"*. Ou seja, movimentar-se significa ter qualidade de vida.

3.4.2. Ampliação de amizades e suporte afetivo

Os idosos reconhecem a ampliação da vida social uma vez que *"os programas ajudam a formar as amizades, aqui é a segunda família, a gente vive alegre... antes a gente não tinha isso e hoje tem oportunidades"*. É por intermédio das atividades oferecidas no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM que os idosos estabelecem novos vínculos e novas relações com pessoas da

mesma idade, ou seja, *“aqui a gente fala a mesma língua, porque aqui temos amizades... o nosso convívio, e os professores nos tratam muito bem”*.

De acordo com Andrade *et al.* (2014), a participação de idosos em grupos de convivência são relatados em estudos como aquele ambiente que se compartilha angústias, amores, alegrias, afetos *“Para mim é uma segunda família...Aqui é uma família que a gente faz muitos amigos, tem muito conhecimento também né?”*, *“Aqui é nossa casa, aqui a gente se sente bem , todos se sentem bem”*, induzem a segurança, reduzem os sentimentos depressivos, pois expressam o lugar como *“Tudo, representa paz , paz que eu falo espiritual, paz quando eu chego aqui eu sinto paz , representa muito, se um dia isso aqui vier acabar, não vai destruir só a mim não, vai destruir muita gente, muita gente mesmo...”*, trocas de afetos *“Aqui representa muita alegria, muita amizade com nossas colegas”*, *“Ah minha filha, minha segunda casa... uma segunda família...”*.

Ainda estes idosos ampliam suas vivências familiares incorporando uma rede viva de apoio, uma vez que a esse lugar aplica uma apropriação profunda, e assim *“Tu sabe que é a minha segunda casa? Sabe por quê? Vou te explicar uma coisa porque aqui eu posso falar besteira, eu posso me requebrar, eu posso rir, eu posso falar errado, eu posso falar tudo ninguém me corrige porque aqui é nosso lugar, não tem gente melhor”*; *“uma família mesmo, que eu chego aqui, eu posso confiar em algumas pessoas ou contar o que está acontecendo comigo, são pessoas que eu posso contar”*. É nessas relações de amizade que ocorre o suporte afetivo tão necessário nessa fase da vida, de tal forma que se estabelece *“uma família mesmo, que eu chego aqui, eu posso confiar em algumas pessoas ou contar o que está acontecendo comigo, são pessoas que eu posso contar”*.

3.4.3. Fortalecimento físico e mental

Os idosos valorizam as atividades físicas desenvolvidas no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM e que proporcionam benefícios de saúde, e *“então eu vim pra cá para buscar melhoria de vida... melhoria corporal, espiritual isso aqui eu achei”*. O acompanhamento profissional e carinhoso permite ao idoso ser acolhido e ter resultados perceptíveis em seu corpo. *“ah aqui é muito bom pra saúde, os professores são muito bons para nós”*, *“olha antes eu nem levantava esse braço... agora faço que é uma beleza”*.

O ambiente físico singular com vasta natureza é uma característica diferenciada que se torna possível nas caminhadas. O exercitar do corpo junto à natureza é restaurador de emoções e bem-estar físico, porque *“aqui é bom demais, é fresquinho e mexemos todo o corpo”*. *“Olha quando chego aqui na caminhada esqueço tudo que tem lá fora”*. Portanto, é uma atividade guiada e o contato com a natureza é relatado de forma positiva *“nossa é bom, ficar na sombra embaixo das árvores”*, percebe-se que a atividade promove bem-estar e vivências que promovem lazer. *“Este lugar representa muitas coisas boas que eu já passei aqui e por causa do ambiente que é um ambiente saudável, não é poluído, é uma calma, uma tranquilidade só de a gente estar em volta da natureza é muito bom para nós”*.

De acordo com Gomes (2014), o espaço social, manifestações culturais e atividades esportivas promovem o rejuvenescimento do corpo e das emoções que culminam no fortalecimento da saúde física e mental. As atividades de ginástica são um exemplo desse remoçar de modo que *“a gente se sente uma menina de novo”*. Voltar a jogar ou participar de brincadeiras que outrora lhes trazia alegria é novamente vivenciada no jogo de *“queimada”*. A diversão e a coletividade presentes nesta modalidade de jogo ocorrem sendo jogador ou torcedor, pois *“eu gosto muito de estar aqui com as colegas, tem dias que eu nem jogo, mas gosto de ficar aqui torcendo”*.

O PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM é um espaço que lhes favorece felicidade, acolhida e conseqüentemente promove saúde integral, fator que integra questões de saúde biológica, psicológica e integração social. *“Esse lugar? Tudo, tudo né? A personalidade, a vida social né? você passa ver as coisas com mais clareza entendeu”*. *“Ah especial, um lugar muito bom, especial porque aqui eu me sinto a vontade né?, saudável, porque engloba as questões físicas e mentais “aqui além das minhas atividades é o lazer que eu tenho pra que vir pra cá, eu sinto muita falta quando eu não venho pra cá”*.

As diversas atividades, programadas ou não, resultam em integração, melhoria da autoestima, bem-estar físico e mental que são reconhecidas pelos idosos. Essas possibilidades de suporte social devolvem aos idosos a tão propagada autonomia e dignidade pessoal (ANDRADE, *et al.*, 2014; WICHIMANN, *et al.*, 2013).

3.5. Considerações Finais

O envelhecimento compreende aspectos heterogêneos e que refletem acerca das problemáticas e complexidades. As políticas públicas visam em suas ações buscar meios que viabilizem práticas de saúde, apoio social, emocional e de infraestrutura. Mesmo com a criação do Estatuto do Idoso percebe-se a ausência conscientizadora da sociedade, fator histórico que já apontava negligências aos indivíduos que envelheciam e, que atualmente, ainda se arrasta perante o crescimento deste público. Esta realidade nos insere perante algumas reflexões, ora porque alguém próximo está envelhecendo, ora porque todos estamos incluídos neste breve futuro.

Alguns idosos encaram a velhice como uma responsabilidade a ser desempenhada, isto se deve ao fato dos mesmos buscarem espaços que lhe propiciam saúde e compromisso social. Estar envelhecendo denota mudanças corporais e emocionais, portanto, é algo consciente acerca de quem envelhece, os que são independentes aproveitam os lugares para que possam ter qualidade de vida, porém, um dos fatores que acentua a sua dependência está acerca da acessibilidade.

A acessibilidade é para poucos, e mesmo os que possuem, relatam certos sacrifícios para que estejam de fato incluídos em um programa para a terceira idade. Portanto, as políticas voltadas a qualquer público devem oferecer planejamentos acessíveis e que assegure cuidados. O Brasil mesmo fazendo parte das discussões acerca do envelhecimento e no âmbito internacional, ainda não atende especificamente as exigências e muito menos certifica a população idosa que é dependente de cuidados, soluções e implementações de serviços. Ou seja, fica claro compreender que as políticas públicas não estão acompanhando as mudanças atuais, conseqüentemente promove grandes problemáticas na sociedade.

Esta pesquisa aponta que estar inserido em um programa de terceira idade, indica melhoria de vida. Esse resultado não é novidade em outras pesquisas existentes no Brasil. Entretanto, corrobora ao elencar e reforçar a importância da manutenção destas atividades a este público, como também ressaltar que medidas devem ser melhoradas, não só para aqueles que pertencem a um programa, mas que agreguem serviços que possam reduzir isolamentos sociais, violências e negligências àqueles que já estão fragilizados por várias questões da vida.

Idosos vivenciam perdas, ganhos e lutas, como consequência às resistências cotidianas e estas se manifestam na participação no centro de convivência. Portanto, o suporte

institucional, familiar e de amigos preconizam oportunidades de inserção social e saúde integral concretizados na efetiva participação do centro de convivência.

Para os idosos participantes desta pesquisa, estar ativos, envolvidos e em *movimento* são aspectos que os mesmos incorporaram e escolheram como objetivo de vida. Esse envolvimento auxilia a *ampliação de amizade e suporte afetivo* que os grupos de amigos ali sustentam, sendo assim, a afetividade é notadamente importante para esses idosos, que contam com sua família e principalmente compartilham o cotidiano com amigos. Esses idosos reconhecem ainda que através de uma educação e disciplina é possível ter um *fortalecimento físico e mental* que colabora para a sua independência, o que, por sua vez os impulsionam para uma vida ativa e uma velhice tranquila.

Desta forma, é visível que o centro de convivência auxilia na redução de isolamento social, violência e negligência da sociedade em geral. Esses centros são importantes para o desenvolvimento de idosos e favorecem melhoria de qualidade de vida, propiciando saúde. Essas ações voltadas aos idosos dentro dos centros de convivência são de suma importância no uso de tempo. O desafio maior seria a inclusão daqueles que não possuem condições de inserção nestes espaços, (re) pensar esta inclusão, viabiliza ações nas políticas públicas e melhorias na acessibilidade, saúde e aspectos emocionais de idosos.

4. AS ESPACIALIDADES E SOCIALIDADES DOS IDOSOS NO PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM

“A arquitetura é a arte que determina a identidade de nosso tempo e melhora a vida das pessoas.”

(Santiago Calatrava)

A Psicologia Ambiental busca a compreensão das relações físicas e sociais vivenciadas pelas pessoas e os consequentes comportamentos derivados destas relações. Portanto entende-se que estas questões são construídas pelas pessoas e essas relações com o meio é seguida de comportamentos que se afetam. Desta forma o ambiente físico é importante para o desenvolvimento humano, o qual requer ser inserido nos estudos para compreender de forma completa as pessoas em sociedade, atuando em comportamentos, emoções, cognições e bem-estar físico (GÜNTHER *et al.*, 2003).

Vale salientar que o quadro físico que nos rodeia é um conjunto de lugares que se organizam pelas quais se distinguem como territórios e significa compreender que são os usos que fazemos dos lugares de acordo com significados psicológicos e culturais que exprimem conceitos sociais (FISCHER, s/d). Entre os aspectos funcionais, o arranjo espacial se apresenta como aquele que congrega vários significados, como segurança, conforto, identidade pessoal, motivação, autonomia, privacidade, entre outros. Os espaços são organizados com o objetivo de atender usuários e que exprimam implícita e explicitamente contextos socioculturais. Portanto, estes arranjos são dinâmicos e frequentemente nos mostram sinais diretos que facilitam ou impedem determinadas atividades, como também denotam ações, emoções e aspectos significativos acerca de um contexto (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2011).

O uso social nos diversos espaços vão, ao longo do tempo e agregando valores, os quais, por sua vez, vão formando territórios específicos para acomodar a diversidade de atuação. Os territórios são inscrições espaciais limitados pela posse do indivíduo ou grupos. É possível identificar as diversas zonas marcadas a partir de um processo único de viver seja no espaço urbano ou rural (SEABRA, 2004). O espaço social está inserido no espaço geográfico, que se transforma mediante as variadas relações sociais, ou seja, as pessoas produzem espaços, qualidade e completividade, portanto, os territórios são constituídos nos espaços geográficos à partir das diferentes relações sociais (FERNANDES, 2005). É a partir da

funcionalidade e a subjetividade que os arranjos espaciais ganham contornos diferenciados, seja estéticos ou simbólicos.

As relações funcionais e as intervenções realizadas em design dos espaços coletivos são pensadas à luz de outras colaborações como arquitetura, design, engenharia, entre outros que pensam na transdisciplinaridade para solucionar as questões ambientais. A relação pessoa-ambiente contribui para diversos estudos como: sustentabilidade, comunidade, identidade, cultura, habitação e mudança urbana (MOSER, 2005). As condições arquitetônicas e arranjos espaciais existentes num determinado lugar atuam de forma conjunta para o desenvolvimento das ações para o qual foi construído que seria abrigar seu ocupante e, no caso os idosos, permitir uma socialização de qualidade.

A análise deste ambiente exige o olhar atento a um conjunto de objetos que possuem propriedades e sentidos para aqueles que frequentam os lugares. Esse ambiente é formado tanto por aspectos naturais (vegetação, organismos geofísicos, atmosfera, etc.) quanto pelos aspectos construídos (habitações, aparelhos de uso, etc.). Contudo o espaço arquitetônico não se reduz aos materiais tangíveis, mas nos informa a respeito de seus ocupantes e de suas funções. Dessa forma, os espaços contam uma história ou maneira de viver de um lugar (FISCHER, s/d).

Seguindo tais pressupostos teóricos, o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM é o lócus desse estudo, é integrado à uma instituição civil de manutenção da União – Estado Brasileiro, aqui estruturado e desenvolvido dentro de uma universidade federal, tanto no âmbito social quanto físico. De acordo com o dicionário Soares Amora (2009), instituição significa ação ou efeito de instituir, ou seja, são leis que controlam ou orientam uma sociedade. A partir da visão acerca da Psicologia Institucional, as finalidades, acomodações, situação geográfica, relação com o grupo que ali frequenta origem, histórico, organização, regras, segmentação de tarefas, sua socialidade e resultados de seus trabalhos ao público estão inevitavelmente presentes na convivência de seu usuário (BLEGER, 1984). Todas essas questões sociais estarão implícitas, ou explícitas, ao usuário seja na forma da reafirmação verbal, nos signos, ou no ambiente físico.

Na perspectiva da Psicologia Social do Ambiente proposta por Fischer (s/d), o ambiente físico configura uma dimensão que agrega informações do comportamento humano entre outras pessoas e destas com o próprio ambiente. Dessa forma, para compreender a convivência do idoso num desses ambientes de convivência, é necessário analisar este

ambiente físico que é aspecto do mundo social e cultural, que em última instância informa como esses idosos devem atuar ou como essa instituição pensa sobre esse usuário idoso.

Nesse estudo, insere-se ainda, o conceito de *affordances*³ que é central, pois pretende-se dar sentido às qualidades ambientais existentes e relacioná-las aos comportamentos dos usuários inseridos nesse lugar. Busca-se no conceito de *affordances* o entendimento que este possui potencial de se estender a compreensão dos aspectos emocionais, sociais e culturais, que nós humanos percebemos do meio ambiente, o autor se refere que há características tanto do meio como no indivíduo, sendo a *affordance* intermediária entre o objeto e o indivíduo (GIBSON, 1986).

Através da Teoria de Gibson (1986), pode-se compreender que organismos (palavra esta que o mesmo utilizou, para designar qualquer indivíduo), podem controlar ou perceber o que ambiente oferece a eles. Em outras palavras, *affordance* descreve a funcionalidade de um objeto neste ambiente e isto se dá através da orientação acerca da capacidade de ação do observador. Assim, *affordance* se refere ao aspecto físico e objetivo, bem como a subjetiva e psicológica que este ambiente promove aos organismos, que no caso desse estudo, a pessoa idosa é a unidade de análise. A *affordance* não pertence à pessoa e nem ao objeto, mas significa a relação existente entre objeto-pessoa (GIBSON, 1986; PINHEIRO; WITKOSKI, 2013).

Esse capítulo visa demonstrar que a dimensão funcional corresponde à função do espaço físico e como tal interfere no comportamento e no cotidiano de idosos a partir de uma análise sistemática deste espaço. Desta forma, procura-se identificar possíveis potencializadores e aspectos ambientais importantes de suporte social (ou não) do lugar que abriga o programa de convivência que idosos estão inseridos.

Para essa análise partiu da observação sistemática do uso social e do ambiente, seguindo a perspectiva proposta por Fischer (s/d). A leitura do ambiente se deu de forma detalhada registrando tanto a espacialidade quanto a socialidade ali emergente entre os idosos e demais pessoas. A observação foi realizada durante oito visitas (quatro na primeira quinzena e quatro na segunda quinzena) no mês de novembro de 2017. Cada observação teve duração de 2 horas nos horários que era permitido acesso ao local. As quatro primeiras observações

³Palavra que não tem tradução nem na língua inglesa em que foi proposta. A palavra foi criada por Gibson (1986) que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal: deriva-se do valor, convite e demanda, é algo que não muda na medida em que as necessidades do observador mudam. O observador ou organismo vivo pode ou não perceber ou atender as *affordances*, mas elas estão no ambiente para serem percebidas e proporcionarem um “encontro”.

priorizaram o olhar interno do ambiente, o que significa verificar a influência que este ambiente exerce no comportamento. Isso não significa analisar o lugar físico propriamente dito, mas o papel que é atribuído a esse local tendo as relações ali desenvolvidas como preditores da relação do indivíduo e lugar (FISCHER, s/d).

As demais observações que também foram feitas em quatro visitas, compreenderam verificar a organização externa do local, a dimensão espacial, congregando diferenciações do espaço ordenado em relação aos demais espaços circundantes. Tal caracterização pode revelar tipos de relações ali estabelecidos dentro de um contexto social e físico mais abrangente que é a cidade, a partir dos significados dos diferentes espaços urbanos. Portanto, o reconhecimento do espaço físico, permite fazer uma leitura espacial, descrevendo o detalhamento do lugar e consequentemente verificar sua constituição física, mobilidade, características paisagísticas, espaços valorizados/desvalorizados, entre outros aspectos.

4.1. O ambiente físico externo do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM

O espaço físico onde o programa PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM está localizado no campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), precisamente no campus sul (Figuras 1 e 2)⁴, na área da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF) (Figura 3)⁵. O campus corresponde a uma área de 6,7 mil km², sendo o terceiro maior fragmento verde em área urbana do mundo e o primeiro do País.



Figura 1. Campus da Universidade Federal do Amazonas com destaque para o Setor Sul

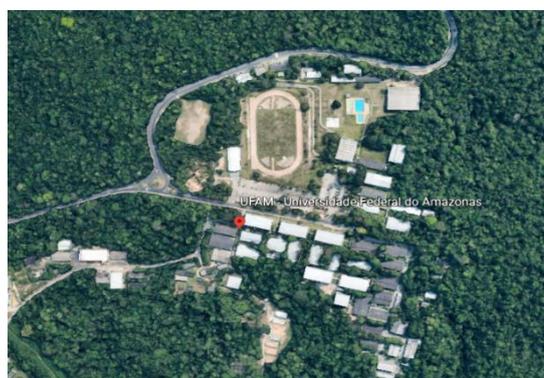


Figura 2. Setor Sul do Campus Manaus - UFAM

⁴ Fonte: Google Earth

⁵ ibidem



Figura 3. Recorte do Local de Pesquisa Programa Idoso Feliz Participa Sempre-U3IA-FEFF-UFAM

De acordo com Pinheiro *et al.*, (2008), o ambiente escolhido deve ser retratado em diagrama ou planta baixa esquemática que represente de modo simplificado e que esteja implícito o cenário de interesse pelo pesquisador. Esta técnica compreende a relação funcional com o social, na tentativa de identificar que a organização espacial representa o sentido de lugar (FISCHER, s/d). O croqui (desenho esquemático da planta do lugar), elaborado a partir das observações mostram a planta do prédio principal tanto como elemento físico, quanto na organização dos elementos construídos. É neles e com eles que os idosos se relacionam em suas atividades de convivência, cuja leitura pode nos indicar aspectos objetivos e subjetivos para compreender a efetiva relação idoso-ambiente (Figura 4).

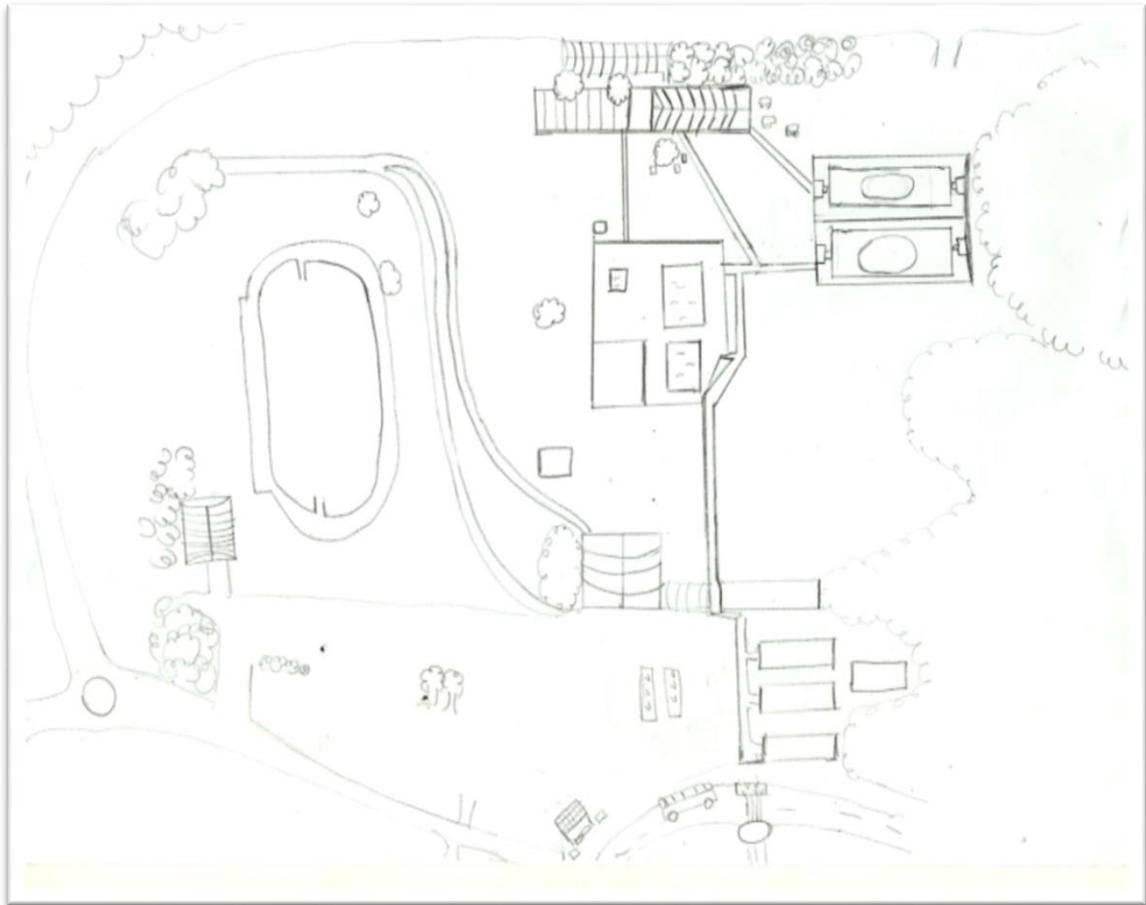


Figura 4. Croqui da área física do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM⁷

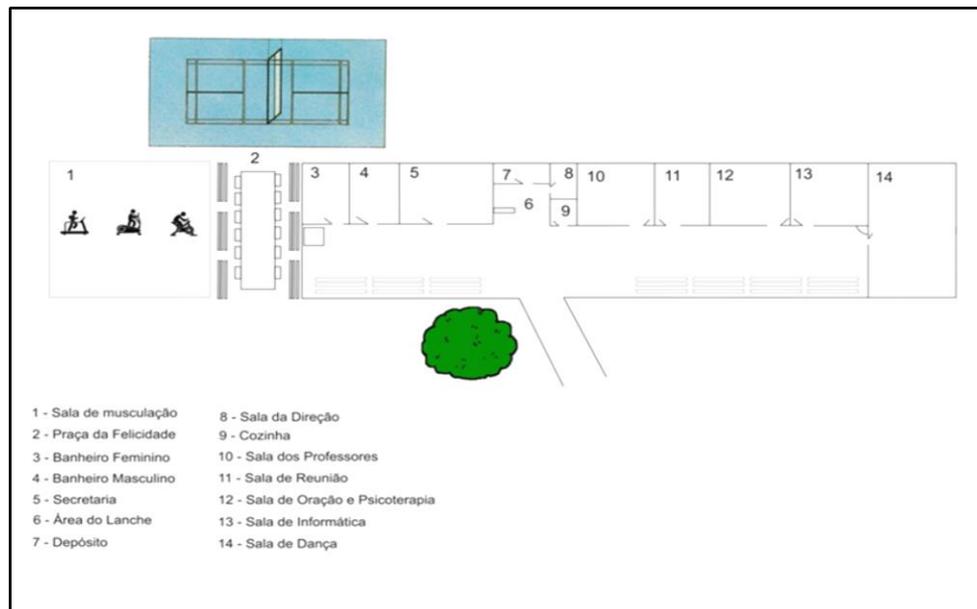


Figura 5. Desenho esquemático do ambiente interno do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM⁸

⁷ Fonte: Amâncio, 2017

⁸ ibidem

Para chegar ao prédio do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM os idosos se dirigem em primeiro lugar à área Leste da cidade, onde se localiza o campus da UFAM. Uma vez no campus, deve seguir ao setor Sul do campus da UFAM, especificamente no bloco pertencente ao curso de Educação Física. Para chegar ao campus, os usuários contam com transportes urbanos que se destinam aos vários setores da universidade. A Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF tem acesso próximo e fácil para seus usuários. O caminho do ponto de ônibus até o prédio consiste em aproximadamente 250 a 300 metros em área plana e pavimentada.

A entrada da FEFF consiste em um corredor coberto, largo e extenso, sendo que de um lado há uma área de estacionamento e de outro os prédios de atividades acadêmicas e de uso do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. O conjunto de três blocos abriga no fim deste corredor um restaurante, com mesas e cadeiras, mas que é frequentemente uma via de acesso para uma quadra coberta, incluindo o prédio do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM.

A partir do restaurante há um pequeno desvio cujo corredor aberto e pavimentado de cimento, dá acesso ao PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. O corredor é ladeado por uma vegetação nativa, característica de todo o campus da UFAM, mas imediatamente coberto por grama num relevo plano, dando a impressão de um amplo campo cuja cor verde se mistura com pequenas flores silvestres que afloram no tempo das chuvas. Na pista pavimentada do corredor os idosos contempla esse espaço verde como uma moldura que dá segurança de andar e apreciar tanto o prédio quanto as árvores nativas que crescem exuberantes na margem. Mesmo não tendo nichos de parada, os idosos, quando cansado para e aprecia, sem se demorar. Sem adereços de parada, o corredor indica um caminho de movimento para se chegar mais à frente, três piscinas em área aberta, sendo uma grande, média e pequena devidamente cercada mostrando que só se entra nela quando permitido. Aos idosos a permissão é concedida nas ocasiões de atividades como hidrogenástica.



Figura 6. Corredor de acesso principal ao prédio do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM no campus da UFAM

Adiante e imediatamente à direita das piscinas o idoso que chega localiza uma quadra de esportes. Nela o idoso pode até utilizar eventualmente, mas a preferência é dos universitários alunos de Educação Física. Ao lado há um estacionamento rústico e sem pavimento como outros tantos do campus, mas o idoso que possui veículo compartilha de vagas junto com alguns funcionários. Depois desses lugares o corredor continua a indicar um caminho para os idosos, o prédio principal da PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Na margem desse caminho, agora há nichos programados ou fortuitos que atraem o idoso para uma parada estratégica. A grande árvore é do gênero *Cassia da família Fabaceae*, que sob larga copa acomoda alguns bancos construídos de cimento dispostos em posições irregulares. Ali os idosos irreverentes se sentam e fazem desse espaço um ponto de encontro (conversam, rezam e contemplam) ou de descanso antes e até nos intervalos das aulas (Figura 7 e 8).



Figura 7. *Árvore com sombra*⁹



Figura 8. *Bancos de cimento*

⁹ Fonte: Amâncio, 2017.

Esse encontro ocasional com a paisagem natural e os displicentes objetos ali dispostos cria um ambiente de afeto e interação que produz boas gargalhadas e assuntos mil. A árvore estava lá, os bancos estavam lá. Faltava o idoso percebê-los como potenciais para esse encontro. Cria-se assim a *affordance* da árvore, da sombra e dos bancos que proporcionam uma complementaridade de socialização com o idoso. Gibson (1977) explica, que enquanto uma cadeira convida-nos a sentar, a árvore, sua sombra e os bancos de concreto possuem a interpretação de que estão neste lugar para que as pessoas os utilizem. Ou seja, a percepção visual de Gibson (1977), atenta que esta captação acerca do objeto caracteriza a *affordance*. Isto significa uma possibilidade de ação recíproca entre os idosos e o ambiente. Essa ação não está voltada especificamente às qualidades ou às propriedades do ambiente captadas, mas sim a possibilidade de uma ação ocorrer. Os bancos estão dispostos lado a lado para que as pessoas sentem próximas, facilitando a interação verbal e corporal que, pelos contínuos encontros, torna-se um ambiente rico em trocas sociais e ambiente fértil de vínculos afetivos.

As *affordances*, no entanto, podem ser positivas ou negativas, a primeira compreende propriedades no objeto que facilitem as experiências voluntárias e a segunda é denominada de risco, pois podem causar algum dano ao organismo (GIBSON, 1986; PERES, 2013). A árvore, a sombra e os bancos propiciam *affordances* positivas, por apresentar qualidades que se referem ao descanso, tranquilidade interação entre as pessoas. Ali as conversas fluem, os risos se espalham e a alegria contagia os que nesse lugar param alguns instantes. Porém são as mulheres que mais compartilham essas *affordances* naquele lugar, pois os homens seguem adiante direto para suas aulas.

Tais *affordances*, no entanto, parecem ser acessadas principalmente pelo mundo feminino. Nesse espaço as mulheres percebem, utilizam e modificam essas mesmas *affordances*. Os homens notificam, mas dificilmente as acessam. Sob esse aspecto, Kytä (2002;2004), separa as *affordances* em duas dimensões, denominando-as de *affordances* potenciais e *affordances* acessadas. As *affordances* potenciais se encontram acessíveis no ambiente, independente se são percebidas pelos indivíduos. As *affordances* acessadas são aquelas que são utilizadas pelo indivíduo e são divididas em três níveis: *affordances* percebidas, utilizadas e modificadas (PERES, 2013; KYTTÄ, 2004). As *affordances* percebidas são aquelas que notificamos no ambiente, mesmo não sendo acessadas pelas pessoas, as *affordances* utilizadas são aquelas acessadas pelo indivíduo e por último, a *affordance* modificada significa dizer que é aquela que o indivíduo a transforma para agir (PERES, 2013).

Portanto, este lugar potencializado pela árvore, sua sombra e os bancos, produzem a *affordance* de aconchego para o idoso, que uma vez fazendo uso dela promove mudanças tanto do ambiente em si quando de si mesmos. A árvore não só representa um elemento da paisagem natural, como também um templo de acolhida para que os idosos se utilizem da sombra para um descanso, paz e harmonia (TUAN, 1980; KAPLAN, 1989; ULRICH, 1991). A qualidade e quantidade das *affordances* podem, pois, definir campos de ação propícios para comportamentos de autonomia no uso desses espaços (KYTTÄ, 2004).

Em seus estudos com crianças e *affordances*, Kyttä (2004) relaciona ambientes relativamente ricos em *affordances* e a mobilidade autônoma da criança. A autora se refere à quatro diferentes ambientes como campos de ação distintos que ajustam o acesso às *affordances*. O primeiro ambiente (Bullerby) é aquele ideal para exploração, pois possui um número de *affordances* que são percebidas e acessadas devido à mobilidade concedida nos campos de ação livre e promovido. O segundo ambiente (Wasteland), é bem explorado pelas crianças, porém, poucas *affordances* são percebidas, isso se justifica pelos poucos recursos físicos existentes neste ambiente, o terceiro ambiente (Cell) se encontra o Campo de Ação Restrito, ou seja, possui riqueza de *affordances*, mas não há acessos pelas crianças desmotivando-as a explorar este ambiente. Por último, o quarto ambiente (Glasshouse) apresentam objetos interessantes, rico em *affordances*, são percebidas, mas não há autorização de uso (PERES, 2013; KYTTÄ, 2004).

Seguindo a proposição teórica proposta por Kyttä (2004), mesmo que orientados ao mundo infantil, pode ser válido para o mundo dos idosos. Constata-se que o espaço PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM é um ambiente cujo campo de ação para acesso das *affordances* é designado pelo próprio design do espaço sem muita intervenção intencional dos profissionais que lidam com o idoso participante. A estrutura externa é pouco notificada ou objeto de intervenção por parte dos profissionais. A intencionalidade parece mais orientada ao programa social e a estrutura que assegura as atividades planejadas, do que o ambiente como um todo. Nesse sentido as *affordances* acessadas são fruto da exploração fortuita dos idosos, que mesmo sem ter a intencionalidade dos profissionais de produzi-las como artefato de bem-estar, o idoso dela se apropria e de alguma forma sustenta ou interfere na condução das outras atividades “programadas”.

Se a árvore e sua acolhida não forem acessadas de imediato, o idoso pode continuar sua caminhada pelo corredor que permite, mesmo à distância ver no final a fachada do prédio principal. A caminhada pelo corredor é relativamente longa para o idoso, aproximadamente

150 metros e que nos dias de sol ardente ou chuvas tropicais se torna cansativo e inseguro. Mas é nele que transitam e se dirigem, mesmo com lentidão, ao prédio onde irão desenvolver diversas atividades.

No entanto, todas as vezes que esta árvore e bancos são acessadas, mesmo que idosos não compreendam estes significados, eles conseguem perceber a importância deste lugar para as suas atividades no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Eles reconhecem que este “acesso” produz momentos especiais que gostam de recordar “ *eu mais gosto de estar ali embaixo daquela árvore, você acredita que eu tenho uma foto pendurada lá em cima*”. De fato os idosos ficam ali para descansar, conversar e ouvir os problemas e queixas da vida diária “ *eu gosto de ficar em ambiente de conversa, a gente escuta queixas das colegas, ali a gente encontra para conversar.*”

Este lugar propicia frescor e descanso “*ali é bem fresquinho e lá tem as colegas, elas vão chegando e aí a gente vai conversando, trocando uma ideia e aí agente vai se distraindo*”. O local também serve como uma espécie de encontro para o início das atividades “*lá é ventilado, é fresquinho, a gente troca conversa... eu chego cedo e fico lá esperando as colegas, aí elas chegam, chegam... aí demora tá todo mundo aí.*” No entanto, quando estas informações não são acessadas, idosos continuam o seu caminhar para as salas de aula e outras atividades.

O prédio principal não tem muros ou qualquer outra barreira que restrinja o acesso ao interior, mas uma parada para comentar sobre o jardim ou tirar algumas fotos é sempre um evento grupal (Figura 09).



Figura 9. Canteiros floridos em forma de letras na frente do PIFPS

O jardim com as iniciais do programa é uma paisagem que é retratada e mostrada para aqueles que não conhecem, mas que os idosos querem reportar seu pertencimento a este espaço que mesmo diante de sua estrutura física deixa explícita uma estrutura social de interação. As relações vivenciadas neste espaço físico é fruto de vivências pessoais, circundado por dimensões simbólicas que assume uma identidade a partir de propósitos humanos (LEITE, 1998). Da mesma forma, o sentimento de pertencimento e o tempo vivido constituem o lugar, cheio de significados históricos e memórias que se constituem a partir dos sentidos de acesso às *affordances* disponíveis e criadas (MOREIRA; HESPANHOL, 2007).

O pertencimento advém dessa vivência de apropriação do espaço e suas *affordances*. Nesse processo, observa-se que o idoso se sente parte do lugar e dessa forma constrói uma identidade de lugar. Os idosos se apropriam do jardim ao tirar a foto para afirmarem e reproduzirem o sentido fazer parte do lugar, isto é, mostro aos outros e guardo para mim o sentido de que “aqui é onde eu convivo”. Estudos acerca da identidade de lugar a definem como um subsistema da identidade do self, que abrange e insere o lugar como extensão do indivíduo. As interações dos indivíduos com o seu meio físico são inevitavelmente demarcadas em sua localização e promovem ao indivíduo o sentido de pertencer a este lugar e dar uma identidade ao ocupante (PROSHANSKY *et al.*, 1983).

A estética possui um valor importante para apropriação do lugar, uma vez que promove vários estímulos como paisagem de contemplação, bem-estar e aconchego. O canteiro com flores é cuidado pelos funcionários da Universidade e que de alguma forma mostram o cuidado para com o ambiente dos idosos. Nessa “bonita porta de entrada” é que se registra o pertencimento e os momentos vivenciados no lugar. Mostra-se que o lugar é bonito e bonito é o lugar dos idosos. Constatam-se que esses elementos se constituem *affordances* explícitas de promoção do bem-estar.

Outros espaços compõem esse ambiente de convivência que se voltam para a promoção da saúde física no uso das piscinas (natação), quadra de esportes (gerontovôlei) trilhas ecológicas (caminhadas). A trilha, em particular, é algo distinto (Figura 11). Trata-se de um caminho na área de mata nativa nas proximidades do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM utilizada. Os idosos realizam caminhadas em grupos estimulados pelos mediadores ou, às vezes, sem eles. Para esses idosos que vivem em Manaus, uma metrópole com todos os problemas próprios de uma cidade pouco planejada e com grande índice de violência, a mata traz um restauo no nível do estresse proveniente deste contexto (MOSER, 2006). A busca de equilíbrio acerca de fatores estressantes pode ser bem aceita no encontro com paisagens e

áreas verdes. Vários estudos apontam os benefícios da natureza para a saúde (TUAN, 1980; KAPLAN, 1989; ULRICH, 1991). Esses estudos asseguram que a paisagem do ambiente natural possui elementos capazes de modificar o estado de espírito e produzir bem-estar físico e emocional. Portanto, idosos demonstram satisfação na realização desta atividade.

Desta forma, de acordo com as teorias propostas por Kytta (2004), este lugar compreende uma *affordance potencial*, que é utilizada para as caminhadas com os idosos e guiada pelo professor. A trilha é inserida nessa ambiente florestado com árvores nativas, mas que com um mínimo de estrutura possibilita um seguro e agradável contato dos idosos com a natureza.

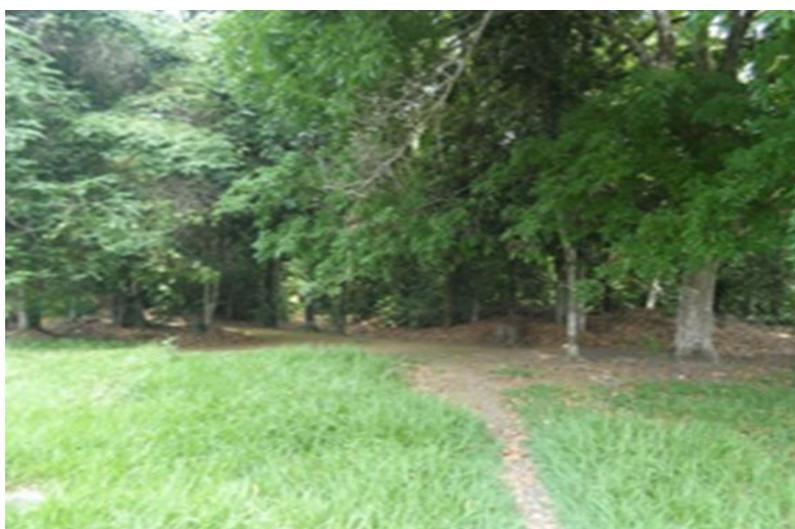


Figura 10. Caminho da trilha entre as árvores¹⁰

Atualmente estudos buscam entender a influência que áreas verdes na qualidade de vida das pessoas. A Teoria do Restauo cognitivo de Kaplan e Kaplan (1989), visa entender os benefícios e bem-estar dos indivíduos por meio dessa relação de proximidade com a natureza. A Teoria do restauo da Atenção também considera que alguns ambientes naturais, são capazes de restaurar a atenção da fadiga advinda das atividades rotineiras. Nessa perspectiva um ambiente restaurador dever possuir as seguintes qualidades: a) Escape, quando oferece distanciamento tanto físico como psicológico; b) Fascinação, quando este promove um interesse espontâneo, ou seja, uma atenção involuntária; c) Escopo, é a percepção do ambiente como um todo, como também se sentir parte deste; d) Compatibilidade, que sugere adequação ou não entre o ambiente e o que se objetiva a fazer nele (ALVEZ, 2011). Considerando os pressupostos destas teorias, caminhar pela trilha com outros colegas e ter contato com a

¹⁰ Fonte: Amâncio, 2017.

natureza propiciaaao idosos bem-estar que o motiva para continuar sua convivência no programa.

Ao se referir ao ambiente construído, o prédio que sedia o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM é de forma horizontal e plano e todos os seus acessos também são planos, não havendo escadas ou subidas que dificulte a entrada ao local. Num dos lados do prédio principal, há uma área livre e coberta que foi denominada de “Praça da Felicidade”. Lá estão alguns bancos de cimento, uma longa mesa central com cadeiras ao redor. Se trata de um outro lugar de socialização, um ponto de encontro para dos idosos (Figura 11). O nome é sugestivo e foi assim sendo chamado, de tal forma, que nenhum idoso diz saber quem o nomeou, mas gostam desse nome, mesmo que não traduzam o real significado do termo. Existem espaços que recebem nomes ou buscam trazer o sentimento de lugares por nós já conhecidos socialmente. Neste sentido a “praça” de acordo com o Soares Amora (2009), significa ser um lugar público, que marca geograficamente um lugar largo envolto de construções. Estes espaços possuem muitas vezes ambientes com bancos, jardins, árvores e que as pessoas utilizam para encontros, passeios, eventos e que muitas vezes apresentam um marco social e cultural de uma determinada cidade.

A praça é um local representativo por lembrar a imagem que possuímos de uma praça, ou seja, a mesma função social de encontro, trocas afetivas, continuação da família, lugar importante para compartilhar vivências e, portanto, significativo para idosos. A “Praça da Felicidade” é um marco social e cultural dos idosos que participam do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Não recorda em seu arranjo físico a praça que temos na memória, mas que recebe este nome por apresentar lugar de espera, encontro, descanso e que possuem bancos dispostos para serem utilizados por todos, desde os funcionários até os idosos, sendo sempre limpo e organizado. Ali também os gatos e cachorros circulam para ser alimentados e acariciados por funcionários e idosos. Reproduz-se, assim, um ambiente doméstico, cuja apropriação ocorre gradativamente, não apenas com os aparatos físicos, mas também com os animais que compartilham esse espaço.

Portanto, idosos reconhecem nesta praça como aquela que propicia encontro e faz parte de um contexto histórico do lugar *“desde quando eu cheguei, existe aquela praça, acho que desde quando o programa foi fundado(...) é um lugar ali que eu chego, e vou passando por lá (..) porque lá a gente ri, encontra as amigas”*. Muitas vezes em suas falas reconhecem este lugar como um ambiente saudável e de interação *“gosto da pracinha que é muito saudável.. eu gosto de lá...é bom, porque tem movimento das pessoas , o papo, isso que é uma*

interação né, só se fala de coisas boas”. É um local que revive memórias, como também relatos diários “Gosto de estar com as meninas conversando na pracinha, contam piada, escutamos a conversa e compartilhamos as histórias, coisas da vida, dificuldades.”

Os idosos compreendem que este ambiente propicia aspectos agradáveis de bem estar psicológico “ *eu fico ali na pracinha, porque ali a gente bate o papo com as amigas..”boa tarde colega” e aí vai chegando,vai se reunindo, batendo um papo e o stress sai, o stress acaba, não tem nem porque lembrar do stress, porque não tem espaço pra ele*”. Este ambiente é dotado de afetividade, pois “*lá na pracinha a gente conversa, se liberta, a gente ri, a gente compra, agente vende (risadas), fala de tudo ali, eu gosto demais, é um lugar muito bom...*” A pracinha compreende um lugar onde variados momentos são compartilhados, este ambiente mesmo que físico, apresenta grande importância para que eles cultivem seus melhores momentos ao lado de quem gostam.



Figura 11. “Praça da Felicidade”.¹¹

Seguindo na estrutura do espaço planejado proposto pelo PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, o idoso pode se locomover por um pequeno corredor coberto adiante da “Praça da Felicidade”. No caminhar o idoso não tem pressa, chegar na quadra logo à frente é apenas mais um objetivo. Antes de chegar nela, uma mangueira (*Mangifera indica L.*) frondosa que cresce bravamente entre dois prédios, convida para um parada, não propriamente de descanso, mas de atividade de colheita das belas mangas caídas ao chão. A mangueira vem sendo severamente ajustada com podas para “caber” nesse exíguo espaço. (Figura 12). A luta da mangueira recorda a luta do idoso numa sociedade que os estreita. Observa-se que mangueira e os idosos se compreendem bem, ela crescendo e dando frutos sempre que pode, e eles reconhecem esse fruto que é alimento para o corpo. Se o idoso não apanhar as mangas, estas

¹¹ Fonte: Amâncio, 2017.

serão aproveitados pelos animais que buscam esse fruto. Portanto, as mangas apanhadas vão pra suas casas e para seus amigos. Pelo fruto se faz amizade, se lembra da infância no interior, se compartilha receitas e mitos que envolvem o comer manga que “antes não se podia comer manga com leite...”. A mangueira é pois, uma *affordance* potencial, percebida e utilizada seja pela concretude do fruto, da alegria de apanhá-las, ou na memória de um passado que os alimenta como pessoa compartilhando histórias e eventos.



Figura 12. Espaço da mangueira e frutos caídos (*Mangifera indica L.*)¹²

A natureza se manifesta nos comportamentos trazendo momentos e recordações que assim dizia o poeta Olavo Bilac em Velhas árvores: “(...) Não choremos, amigo, a mocidade! Envelheçamos rindo! Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem: Na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos. Dando sombra e consolo aos que padecem” (BILAC, 2014, p.44). A fala do poeta busca ajustar o envelhecimento a coragem, deve-se viver como as árvores firmes e fortes, aqui não pretende romantizar a realidade, mas buscar entender a importância de certos aparatos oferecidos displicentemente pelo ambiente, mas que enriquecem a convivência e o bem-estar do idoso. Tais aparatos não devem ser coadjuvantes de um espaço, mas *affordances* cruciais que integram ricas socialidades espontâneas, promotoras de qualidade de vida que o idoso necessita.

¹² Fonte: Amâncio, 2017.

4.2. Ambiente físico interno no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM

De acordo com a percepção dos idosos é visível que os ambientes devem ser melhorados e adequados, estes percebem que os espaços não estão apropriados para suas atividades, como também não atende de forma conclusiva suas necessidades. O lugar não oferece ventilação, os equipamentos utilizados nas aulas estão desgastados, antigos e enferrujados, gerando desconforto naqueles que utilizam, mesmo demonstrando este aspecto, idosos fazem suas atividades, pois sabem da importância desta atividade para sua saúde.

A sala só pode ser usada nos turnos vespertinos, quando o professor programa uma atividade. A chegada à sala proporciona uma extroversão do idoso, uma vez que o espaço é amplo e claro, com muitos aparelhos de musculação. Para o idosos, o turno vespertino não é dos melhores pois a ventilação que entra pelos furos dos tijolos da parede traz o calor do clima amazônico lá de fora. Nesses envelhecidos aparelhos e desgastados, mas cuidadosamente usados pelos idosos atende ao desejo do idoso de cuidar do corpo. O professor auxilia na escolha do melhor aparelho em função das necessidades físicas individuais de cada idoso.

De acordo com as percepções dos idosos estes relatam a cerca do ambiente físico e o que poderiam melhorar se pudessem: *“Falta perfeição. A musculação está com os aparelhos velhos, a ventilação também precisa melhorar pra gente, aqui a gente sente muito calor... Idosos foram levados a pensar sobre o que precisava melhorar no ambiente, estes levantaram as problemáticas que no ponto de vista deles seria essenciais “Tá faltando muita coisa. Uma boa academia, aquelas coisas lá de qualquer jeito, assim de acontecer acidente (...) Eu mudaria a sala de musculação...teria um lugar fresquinho, arejado, ventilador em cada lugar.”* Idosos reconhecem que falta melhorias, porém relatam que o programa é bom para eles *“ não estou reclamando, mas tá faltando muita coisa...se você for ali na musculação tem aparelhos enferrujados ..tem de todo jeito, quebrado. Aqui é bom sabe, acolhedor, mas olha tá bom pra gente...não existe outro centro melhor que esse”*. Estes sentem muito acolhidos pelo lugar, reconhecem que necessita de melhorias, mas o afeto pelas pessoas os fazem continuar neste lugar *“ os aparelhos para os idosos tem que ser aparelhos novos ou então conservados, aquela sala de musculação tá se acabando...Olha o que motiva a gente ficar vindo pra cá são as pessoas e pessoas se acostumaram a este lugar.”*

Desta forma, pode-se compreender que estes aspectos estruturais são percebidos e descritos pelos idosos. A sala de musculação foi a que mais obteve reclamações em detrimento a outros ambientes, mas como bons participantes e por possuírem disciplinas acerca das suas atividades, fazem suas atividades que lhe são dirigidas. Muitas vezes reclamam que fazem suas atividades no calor *“Falta arrumar mais, zelar mais, aquela sala lá da musculação os aparelhos estão tudo deteriorados. Eu arrumaria a sala de musculação, (...) e como os mesmo dizem: “falta de investimento aí que resulta pra gente.. mas é bom o projeto, o programa em si é bom , ele vem a calhar porque tem muita gente, muita gente da terceira idade precisando de um lugar , que se sintam bem no lugar”*. Portanto, atividades são sempre bem aproveitadas pelos idosos e mesmo percebendo que mudanças necessitam ser urgentes, não desanimam de pertencerem a este lugar.



Figura 13. Sala de Musculação¹³

Cuidar do corpo auxilia o idoso a ter condições para fazer esportes, mesmo que adequado para sua idade. Com adaptação a quadra serve para praticar modalidades de gerontovôlei, Educação Física e de uso exclusivamente do idoso. Nessa quadra não só esporte se realiza, mas também serve como espaço de reuniões e eventos Por ser um lugar coberto e com boa ventilação, os idosos a usam com relativa frequência, pois esse espaço é deles e para eles.

¹³ Fonte: Amâncio, 2017



Figura 14. Quadra de esportes e eventos¹⁴

O espaço da instituição que abriga o PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM tem funções distintas daquelas que são oferecidas ao idoso. Apesar da legitimidade do espaço para uso do idoso, estas são inicialmente parasitárias, mas que vão sendo ocupadas e reivindicadas gradualmente (FISCHER, s/d.). É necessário fazer aqui um esclarecimento conceitual acerca do que seja uma instituição. A instituição, de acordo com Fischer (s/d.), é um lugar particular onde se desenrolam atividades específicas, como também a representação material que resguardam tais atividades. Desta forma, estes espaços possuem regras e finalidades para existir. Assim, o PIFPS se confunde com a universidade. Nesse espaço institucional de aprendizagem universitária, o idoso é um acadêmico da terceira idade. Aqui o idosos aprende como o acadêmico, mas a aprendizagem é vivida de corpo e mente, sem que seja uma preparação profissional, mas pessoal e social.

A incorporação dessa nova configuração social do ambiente pensa-se nos lugares e organização para inserir o idoso. Certas modificações foram introduzidas para permitir segurança e respeito às limitações e competências desse público. Muitas vezes estas configurações trazem desconforto para um dos públicos (jovem acadêmico e idoso), cujas estruturas parecem conflitar com as necessidades e desejos de cada um. Tais incongruências espaciais não raro impedem as interações sociais num desses públicos (BONIFAS et al., 2014; WHO, 2015). Porém, de modo geral, o espaço da PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM se caracteriza como uma tentativa bem sucedida de estrutura voltada à promoção da saúde e qualidade de vida do idoso, mesmo que muito de sua espacialidade não seja concebida intencionalmente como proposta de atividade para o idoso. Os ambientes construídos ou naturais compreendem possibilidades que remetem o conceito de *affordances*, cujo estado

¹⁴ Fonte: Amâncio, 2017

proposto pode vir a ser alterado de acordo com as necessidades dos usuários (GIBSON, 1986; GÜNTHER, 2011; VIEGAS et al., 2014).

As mudanças realizadas estão voltadas diretamente às vivências diárias, as quais passam a elencar diferentes sentidos do que foi projetado anteriormente a este local. As *affordances* providenciam novos modos para que os usuários se apropriem do ambiente a partir de questões sociais e culturais dando nascimento a novas práticas neste lugar. Por isso, quanto mais objetos e locais oferecerem *affordances*, mais se nota o processo de apropriação e apego neste ambientes (VIEGAS et al., 2014). Os vínculos vão sendo enraizados e esse domínio traz novas socialidades na espacialidade disposta.

É importante delimitar algumas categorias a respeito das socialidades estabelecidas no PIFPS. De acordo com Fischer (s/d), estas são interpretadas como leitura psicossocial do ambiente, a partir de *regras de afectação, fruição pontual, nível hierárquico e proibição de acesso*. A estrutura interna do prédio é constituído por oito salas, cada qual com uma funcionalidade prevista (secretaria, dispensa, sala de fisioterapia que divide o mesmo espaço com a responsável pelo projeto (salas usadas em conjunto), sala dos professores, sala da direção e administrativa, sala de informática, sala de oração/ psicoterapia grupal e salão de dança), além de dois banheiros/ vestiário e uma cozinha.

Fischer (s/d) denominou *regras de afectação* aquilo que possui regras e princípios para que determinadas pessoas sejam referências e que possuam visibilidade em seus lugares. No PIFPS, cada sala tem sua funcionalidade, desta forma as pessoas possuem suas referências neste estabelecimento, seja coordenação geral, professores e estagiários, cada qual com sua funções. A *fruição pontual* por conseguinte, se trata de uma regra que delimita um tempo para o repouso ou para o simples descanso acontecer, então cada qual sabe o momento de utilizar o seu tempo dentro desta instituição (FISCHER, s/d). Como já descrevemos anteriormente, esse momento de repouso ou liberdade de uso do idoso são pequenos intervalos anterior, entre ou posterior às aulas, ou seja, lá vão eles para a árvore com sombra (gênero *Cassia*), para a Praça da Felicidade ou para a resistente mangueira.

A organização *hierárquica* parece pouco requisitada no ambiente do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Há uma abertura democrática própria de ambiente universitário, mesmo assim observa-se a sala do coordenador, que está sempre fechada, mostra o nível de poder presente no espaço. Já no aspecto de restrição ou *proibição de acesso* do espaço é apenas visível na delimitação do tempo de uso de determinados espaços, onde ora os idosos são os usuários, ora os acadêmicos. Porém há ainda espaços que os idosos implicitamente compreendem não ser

permitido acesso, por exemplo na sala do depósito de materiais apenas os funcionários possuem chave, portanto, só estes podem entrar.

Uma vez dentro do prédio, um extenso corredor (Figura 15) abriga bancos compridos de madeiras que estão dispostos próximos das grandes janelas de madeira. O corredor é relativamente claro devido essas janelas e os tijolos perfurados acima delas. Nas paredes do corredor há quadros de aviso e banners dos trabalhos desenvolvidos com idosos, como também dicas de saúde. Nesse corredor sempre limpo os idosos encontram os bebedouros.



Figura 15. Corredor do prédio do PFIPS¹⁵

Ao longo do corredor estão as portas que levam a diversas salas de atividades que são refrigeradas com ar condicionado, além dos banheiros que também servem de vestiários. No vestiário tem armários de ferro antigos e desgastados que servem para guardar os utensílios dos professores. Cada porta de ferro tem identificado o nome do usuário que o tranca com chaves. Dentro do banheiro ha ainda um armário com material de limpeza e outros objetos.

Na pequena sala da secretaria do curso acadêmico os idosos utilizam para se inteirar dos eventos do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. A sala dos professores (Figura 16), que apesar de ser um ambiente reservado para os professores para suas atividades acadêmicas e objetos pessoais, os idosos eventualmente frequentam para se informar sobre alguns assuntos específicos. Nessa sala sempre muito animada, os professores compartilham entre si as experiências vividas em sua convivência com os idosos.

¹⁵ Fonte: Amâncio, 2017.



16

Figura 16. Sala dos professores

A sala de informática (Figura 17), pouca iluminação, sem janelas e refrigerada abriga os 12 computadores que também podem ser usados pelos idosos. para os idosos utilizarem.



Figura 17. Sala de informática

Numa das salas de duplo uso, os idosos podem tanto fazer suas orações ou ainda participarem de Psicoterapia (Figura 18). A sala não é necessariamente adequada para nenhuma dessas funcionalidades, uma vez que mais parece uma sala de aulas sem uso. Lá estão empilhadas as carteiras dos alunos e quadro para escrever. O uso faz com que o olhar se desvie desses artefatos, porém estes estão lá, mostrando *affordances* negativas para o atual uso. De acordo com Paiva e Santos (2012), o corpo humano tende a reagir aos estímulos físicos em determinados ambientes, desta forma vários aspectos podem proporcionar desconforto, bem como doenças de origem ocupacional e ausência de segurança do usuário. Desta forma um ambiente construído para o idoso apresenta grande importância, pois pode

¹⁶ Fonte: Amâncio, 2017

¹⁷ ibidem

causar interferência em sua capacidade funcional. Um rearranjo espacial traria otimização do ambiente e respectiva sociabilidade que se quer estimular. A incongruência do espaço físico afeta de forma homeopática ou substancialmente a funcionalidade desejada, diminuindo, portanto a humanização do ambiente. Tanto a psicoterapia quanto as orações remetem a um comportamento de reflexão e acolhimento que não ocorre com ajuda do mobiliário. Muito se perde num ambiente que não está otimizado para aquele uso social. Apesar da aparente satisfação dos idosos no uso desse espaço, as atividades lá realizadas poderiam ganhar novo espectro de qualidade (SILVA, 2008). Portanto, todo ambiente designado para promover acolhimento de pessoas deve agregar em seu espaço, arranjos que promovam bem-estar, e isto podem ser realizados com pequenos ajustes no mobiliário e arranjo estético.

Vários estudos se preocuparam com a qualidade física do ambiente e a humanização do mesmo são aspectos que estas condições atuam direta e indiretamente no bem-estar físico e emocional dos usuários. Ulrich (1991) apresentou três fatores importantes que devem estar no ambiente físico para reduzir o estresse do usuário a) O sentido de controle: o ambiente deve possuir aspectos físicos e sociais, que permitam o usuário se sentir com liberdade de uso; b) O acesso e suporte social; o ambiente deve promover acesso que haja integração racional dos diversos ambientes internos e externos como pátios, salas terapêuticas e outros ambientes; c) Distrações positivas: ter objetos estéticos e plantas ou contato com ambiente natural.

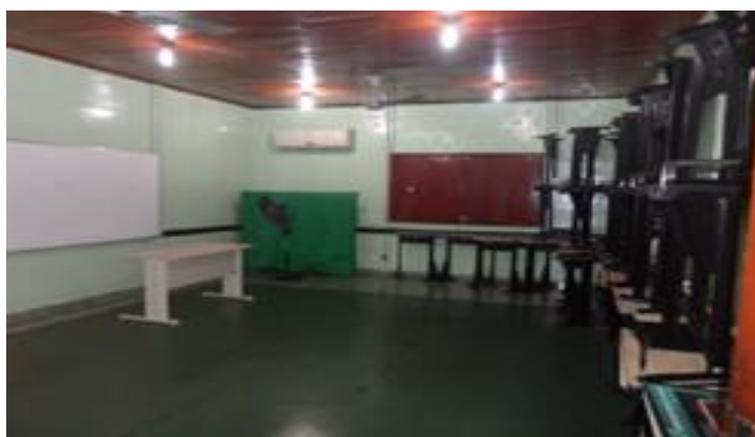


Figura 18. Sala de Psicoterapia e espaço de orações¹⁸

Na última sala do corredor o idoso tem ao seu dispor um salão (Figura 19), onde acontecem aulas de ginástica e dança. Quatro janelas grandes de madeira ficam sempre abertas para permitir maior claridade e ventilação. Como todo o prédio os tijolos perfurados são uma identidade ao lugar. Nessa sala extensa os idosos podem se apoiar nas

¹⁸ Fonte: Amâncio, 2017

barras laterais e olhar seus movimentos através de espelhos grandes. Muito espaço é dado para os movimentos que ali vão acontecer. Os recursos de apoio são necessários para um envolvimento seguro para o idoso que já não possui em seu corpo todos os pré-requisitos de sustentação, impedindo alguns movimentos que sem o auxílio de uma barra não seria possível. Assim o corpo humano possui certas delimitações nas ações, pois a anatomia apresenta a função de constringer as opções, ou seja, ações do cotidiano como andar, podem ser impedidas ou facilitadas a partir dos padrões físicos que este ambiente oferece (CORDOVIL; BARREIROS; ARAÚJO, 2016).

A sala de dança é a maior dentro do prédio, onde os idosos ensaiam suas coreografias, possuem aulas de danças regionais e outros ritmos. Este lugar também é percebido pelos idosos como aquele que necessita de mudanças estruturais *“a sala de dança precisa lá endireitar as coisas, o chão, aquele aparador para gente se segurar”, “precisa ser mais ventilado.”*, *“esta sala é boa, mas precisa ser mais ventilada, mas tá bom assim”*.

Dentre as questões citadas o calor acaba sendo um fator que gera desconforto entre idosos *“tá faltando muitas coisas ainda (...) Eu colocaria mais salas refrigeradas, ter mais ambiente fresco pra gente...estas salas elas são muito quentes, a gente faz porque é o jeito, mas é quente demais, tem pessoas que não suporta , tem pessoas que vai embora”*.



Figura 19. Salão de Dança¹⁹

No prédio há ainda um espaço onde os idosos usam para fazer lanche ou apenas tomar café. Apesar de ficar ao lado de uma cozinha/copa dos funcionários, essa área não foi destinada para esse fim, uma vez que pouca estrutura tem para ser designada de refeitório ou

¹⁹ Fonte: Amâncio, 2017

lanchonete. Mesmo assim os aparelhos da cozinha são eventualmente utilizados pelos idosos. Nesse lugar os idosos compartilham o lanche que cada um traz e aproveitam para novas conversas antes de retomarem as atividades programadas.

Com a descrição do espaço físico vemos um idoso que se movimenta e vive nesse ambiente. É a partir das relações com os objetos que as atividades são vivenciadas nos mais diversos momentos, seja num domínio privado ou institucional. O idoso continua sua vida nesses ambientes e a qualidade que nele existe é a qualidade que o idoso sente de sua existência e papel social na sociedade. Esse estudo mostra que as *affordances* (GIBSON, 1986), podem ser reveladores da qualidade do ambiente e na promoção do bem estar do idoso num centro de convivência. Por meio das *affordances* pode-se avaliar as condições no espaço que promovem melhor condições físicas para ao público que envelhece.

A Psicologia Ambiental têm colaborado no sentido de se aprofundar no reconhecimento da dimensão física para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas. Dessa maneira, observa-se a importância de incorporar nas análises psicossociais as *affordances* do ambiente onde o acontecimento social se realiza. Ambientes organizados e acolhedores motivam a apropriação, o pertencimento e o apego ao lugar. Esses vínculos são cruciais a qualquer pessoa e são fatores de distinção para o bem-estar, portanto não são meros apêndices na vida das pessoas, mas partes constitutivas de sua formação como pessoa e como cidadão.

4.3. Considerações Finais

A Psicologia Ambiental muito tem contribuído para o entendimento das relações dos indivíduos em seus ambientes e como tal procura desempenhar melhorias de qualidade de vida. Portanto, os componentes físicos inseridos no ambiente, nos dão sinais que há pessoas nele representadas. A partir das vivências nos lugares os objetos se tornam atores em si mesmo, “convidando” o idoso a deles se beneficiar. Portanto, os lugares estão impregnados de sentidos, mas também de funcionalidades que se concretizam no encontro do objeto com o observador-ator.

A análise do ambiente é, portanto, um olhar ao mesmo tempo funcional e simbólico. Resta, pois olhar com atenção como as pessoas se apropriam desses aparatos seja numa dimensão mais imediata ou mediata. Para os idosos, os pequenos objetos, os quase invisíveis detalhes, é que lhe dão a alegria, a segurança e o conforto necessário. Apesar dos idosos

reconhecerem a importância subjetiva do lugar e de seus objetos, estes não perdem de vista a funcionalidade que os permite vivenciar a afetividade que aquele espaço proporciona. Então, não é fato a se estranhar, quando estes apontam para a árvore com os bancos que corresponde um espaço encontros com os amigos, mas também um lugar de sossego e descanso para seu corpo cansado.

Os idosos reconhecem os problemas com a infraestrutura, mas pela impossibilidade de ser diferente, aceitam tais pressões (salas quentes, aparelhos de musculação desgastados, etc.), pois as mesmas, ainda que por vezes insatisfatórias, lhes dão oportunidades de convivência saudável. Tais problemas não trazem, no entanto, ao PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM demérito ou obstáculos para a importante atividade ali desenvolvida. Tal espaço está em construção contínua por pessoas que se apropriam do mesmo e cuja história remete à esforços coletivos tanto de sua criação quanto de sua manutenção.

O ambiente externo é estruturado e certamente o mais valorizado, pois este é dotado de inúmeras *affordances* (a árvore com os bancos favorecem encontro, o jardim tem sua beleza retratada nos dias de sol intenso, a trilha lhes dá o acesso natureza adentro), estas *affordances* apresentam afeto, socialização, segurança e atenção à vulnerabilidade social e física dos idosos. Já o ambiente interno lhes permite uma reestrutura física, que a partir dos exercícios nos aparelhos de musculação, ou nos passos de dança lhes assegura um bem-estar imediato. É dessa forma que o espaço se materializa como dimensão inseparável da sociabilidade presente em qualquer atividade.

O que se verifica nesse estudo é uma valorização do lugar pela sua organização física, que mesmo necessitando de ajustes, é um lugar que os acolhe e lhes faz sentir-se incluído para um bem-estar físico e mental.

5. RELAÇÃO IDOSO-AMBIENTE

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

(Yi Fu Tuan)

O ser humano é o principal criador de seu ambiente, e ao criá-lo pode por ele ser moldado. A relação pessoa-ambiente é fruto de vivências pessoais, coletivas e contextuais, de tal forma que cada pessoa experimenta o mundo ao seu redor de modo individual e particular, sem, no entanto desconsiderar o filtro sociocultural presente nessas experiências. Tais experiências trazem consigo valores, atitudes e padrões socioculturais que são remodelados em ambientes específicos. Portanto, o ambiente carrega em si os valores simbólicos nele impregnados pelas pessoas que o vivenciam (ITTELSON *et al.*, 2005). Dessa forma, considera-se que o ambiente é produto e produtor de relações sociais.

Tal pressuposto da Psicologia Ambiental apresenta a articulação dialética da pessoa *no* e *com* o ambiente. O entorno em si não pode ser universalizado, uma vez que elementos psicossociais, culturais e contextuais estão imbricados em sua própria gênese pela relação. No caso dos idosos, esse parâmetro é fundado por uma extensa história já vivida, de caminhos percorridos e de ambientes experimentados. Essa história marca um padrão diferenciado de outros ciclos vitais. Tendo em vista que na infância e juventude, a vitalidade física e o vigor biológico são destaque, na velhice as memórias, os vínculos feitos e experiências vividas são salientes e, não raro, quase apartados de um corpo com limitações físicas. A criança quer explorar novos ambientes, o idoso se sente bem no ambiente conhecido, onde a rotina e os vínculos afetivos falam mais fortes.

O envelhecer acompanha dificuldades biológicas, dentre elas a capacidade de lidar com novos ambientes, que interferem significativamente na capacidade dos idosos exercerem sua autonomia e independência (SNOWDON, 2002). Em relação a esse tema, Lawton e Nahemow (1973) apresentam o modelo transacional pessoa-ambiente, que discute as competências dos indivíduos frente às pressões ambientais. Estes autores, de acordo com Günther (2011), estabeleceram em seu modelo ecológico de envelhecimento, que comportamento e estado psicológico compreendem cinco domínios: saúde biológica, funcionamento sensorio-perceptivo, capacidades motoras, capacidades cognitivas e força do ego. Assim, de acordo com as exigências do meio que podem ser de ordem física, interpessoal e social, o comportamento e as competências são influenciados pelos níveis de pressão. Esse

modelo ecológico fundamenta-se na hipótese de que as categorias de saúde e bem-estar são afetadas por fatores biológicos, comportamentais e ambientais, uma interação que se desenrola ao longo do curso de vida de indivíduos, famílias e comunidades (SMEDLEY; SYME, 2001).

Para o entendimento da relação idoso-ambiente, Lawton (1986) utilizou uma taxonomia incluindo diferentes formas de pensar e agir acerca do ambiente. Nesse sentido, os aspectos físicos e sociais são indissociáveis e implicam em variadas situações que facilitam ou restringem o indivíduo em seu desempenho:

- a) Ambiente Pessoal (relações com familiares, amigos, colegas);
- b) Ambiente Grupal (relação com pessoas que estejam em um mesmo local com um mesmo propósito);
- c) Ambiente Suprapessoal (relação com pessoas de característica semelhantes como faixa etária, atividade profissional, renda econômica, vizinhança, entre outros);
- d) Ambiente Social (relações com dimensões culturais mais complexas, como movimentos políticos, valores culturais, instituições sociais, etc.);
- e) Ambiente Físico (relações situadas em entornos naturais ou construídos observando fatores de influência como ventilação, luz, calor, móveis, vegetação etc.).

Na relação idoso-ambiente prevalece duas necessidades de grande importância: (1) a necessidade de conviver em ambientes não institucionais e, (2) quando não houver alternativo, o deslocamento para estes locais institucionalizados deve ser cuidadosamente estruturado. A transição para ambientes físicos diferenciados deve ocorrer gradualmente, possibilitando que o nível de pressão aumente moderadamente e a adaptação se mantenha cercado de afeto positivo. Entretanto, se este nível extrapola além das competências do idoso, os comportamentos não adequados terminam por alterar as emoções e equilíbrio na relação com o ambiente (GÜNTHER, 2011). Além dessa afetividade proporcionada pelas pessoas que são caras ao idoso, este por sua vez desenvolve, como todas as demais pessoas, uma afetividade que é extrapolada ao lugar onde tais manifestações sociais ocorrem.

5.1. Dimensão afetiva do lugar

O envelhecimento num determinado lugar é uma forma de compreender como as relações com o ambiente vivido, seja imediato como a casa ou mediato como a comunidade ou cidade, atuam no estabelecimento de vínculos afetivos (ROSEL, 2003). Para os idosos, além da concepção que possuem de si mesmos e o valor da família que pertencem, o lugar é um fator significativo em suas vidas.

Dentre os estudos de lugares alguns vínculos são representativos, fator este, que os autores Rollero e Piccoli (2010), relatam que estudar o apego ou vínculo, é um fenômeno complexo que envolvem ligações com pessoas, afetos, emoções, crenças, identidade, sendo estes ligados a um lugar, ou seja, as pessoas realmente desenvolvem vínculos nestes lugares, pois são provedores de satisfação. Tanto a Psicologia Ambiental quanto a Geografia Humanística se ocuparam com a dimensão afetiva/emocional ao lugar. Surgem categorias de análise correlatas, mas que mostram aspectos importantes que denotam que o espaço é vivenciado pelas pessoas e que este passa a se constituir de valências afetivas.

Corraliza (2002) traz ainda nessa dimensão afetiva os valores atrelados aos lugares. O autor destaca que a pessoa valoriza um espaço em função do tipo de relação que se tem com o estímulo ou a capacidade para detectar similaridades ou diferenças com outros estímulos. Desta maneira o que torna a imagem de uma paisagem ou ambiente ser atrativo, não é exatamente o conteúdo de informações presentes no mesmo, mas sim o quanto que a paisagem significa para a pessoa. Isto quer dizer que o impacto emocional de uma paisagem ou cenário é o tipo de relação que a pessoa estabelece com este meio e comparar com características de ambientes diferentes que lhe são próximos e corriqueiros ou que lhe agradaram em determinados momentos.

A dimensão afetiva, no entanto, não inclui apenas valências positivas. Vários autores discutem afetos e emoções negativas que estão presentes nessa relação construída entre pessoa e ambiente (TUAN, 1980; FISCHER, s/d). Qualquer afinidade mútua, fraternidade ou até mesmo o contrário, como a hostilidade, estão atreladas às questões de vínculos a locais ou territórios. A existência deste vínculo se torna essencial na importância positiva ou negativa de nossa existência (GIULIANI, 2003). Na perspectiva deste processo dinâmico, a autora relata sobre o passado ambiental, que significa dizer que a pessoa se constituiu com tal por meio de e nos lugares. Dessa forma, não há como negligenciar ou dissociar dos espaços que

serviram de mecanismos satisfatórios de necessidades biológicas, psicológicas e socioculturais.

Tanto lugares favoritos como os evitados, estão relacionados com os afetos, estes são estratégias de regulações emocionais, que representam uma maior ou menor tendência de proporcionar às pessoas, em especial aos idosos, uma inclinação de humor negativo, ou até mesmo o quadro depressivo. Portanto, falar nesta afetividade ao lugar é estar considerando todos os aspectos da anunciada qualidade de vida aos idosos (MACEDO *et al.*, 2008).

As atribuições são feitas ao lugar quando este espaço se torna efetivo, ou seja, quando há a passagem espaço e lugar, ocorre uma significação, pelos quais se relacionam conceitos como apego ao lugar, identidade e pertencimento. A escolha por lugares favoritos possibilitam níveis de bem-estar e a troca de vivências a estes ambientes que apresentam funções restauradoras (MACEDO; NEVES, 2016). Em outras palavras, tais lugares proporcionam mudanças fisiológicas, mudanças de humor, atenção e outras possibilidades de bem-estar (MACEDO, 2008).

Lugar não é algo somente que possui raízes, este sentido se estende em suas relações complexas com o indivíduo, com a existência. É o local onde nos relacionamos com o mundo e vice-versa, ou seja, é parte de um processo em que o mundo está incurso (RELPH, 2012). Para o idoso o lugar onde se caracteriza um ambiente inclui múltiplas dimensões cuja existência pessoas e social se localiza num espaço circunscrito num mapa geográfico.

A partir da década de 90 houve uma maior divulgação acerca do conceito de envelhecer no lugar, denominado *aging in place*, estas contribuem no entendimento acerca das relações de idosos no ambiente em que vivem, como a casa, vizinhança, comunidade e as pessoas pelas quais se relacionam ao longo de suas vidas (WAHL; WEISMAN, 2003; ROSEL, 2003). A moradia ainda sofre certa imprecisão na área de gerontologia por representar diversas condições ambientais, mas, têm sido utilizadas em debates em longo prazo como forma de representar um papel social, que possibilite atender às necessidades de habitação de uma determinada população. Ressalta-se que não há políticas voltadas para estes padrões de moradia para idosos e que se diferencie da população em geral (LIMA, 2011).

De acordo Moore *et al.* (2003), mesmo que algumas destas situações elencadas não fiquem claramente estabelecidas, estas não deixam de ser importantes nas investigações relativas às relações pessoa-ambiente. É imperativo que programas destinados à população idosa devam ter como critério inalienável satisfazer as suas necessidades para converter-se em

um ambiente propício em todas as dimensões de sua vida. O Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) assegura que as condições da residência devem garantir segurança, controle e salubridade. Portanto promoções de atividades que envolvem boas condições no transporte público, ausência de barreiras que podem ocasionar danos físicos, moradia adaptada e segura, vizinhança que proporcione trocas e vínculos sociais, ruas iluminadas, regras de trânsito favoráveis às limitações de mobilidade do idoso, acesso a água limpa e tratada, ar puro, alimentação saudável e programas de atenção às necessidades de mobilidade são fatores que fortalecem os vínculos comunitários (TORRES; ELALI, 2015; SILVA, 2014).

Portanto, ambientes favoráveis são aqueles dispostos a agregar qualidade e ajustes preferenciais aos idosos e, conseqüentemente, autonomia, independência e privacidade. Esses requisitos podem tornar o envelhecimento mais ativo no usufruto de ambientes adaptáveis e conseqüentemente as capacidades físicas e comportamentais são estimuladas, incentivando a serem ativos nas diversidades do dia-a-dia (SILVA, 2014). Lawton (1986), desenvolveu em sua teoria o design de ambientes físicos para idosos, voltados a promover segurança, acessibilidade, autonomia, interação social, entre outros.

No contexto atual, a população idosa enfrenta diversas barreiras socioambientais, tais como, baixa renda, alimentação inadequada e ambientes insalubres ou restritivos. Tais barreiras interferem no dia-a-dia dos idosos e se inter-relacionam criando adversidades de maior intensidade a serem enfrentadas no cotidiano (HERNANDEZ; JHOSTON, 2016). Portanto, em relação à velhice, a qualidade de vida tem sido o ponto de partida para que este público desenvolva suas competências acerca das pressões ambientais. As pesquisas de Lawton buscaram explorar memórias de idosos residentes em ambientes de longa permanência, propiciando subsídios que permitissem a promoção de bem-estar e fortalecendo o papel terapêutico que tais instituições poderiam exercer. A qualidade de vida está ligada a quatro fatores: (a) bem-estar psicológico, (b) qualidade de vida percebida, (c) competência comportamental e (d) característica ambiental. Esses quatro fatores interagem de acordo com a realidade de cada indivíduo e atuam sobre o *self* (CHAUDHURY, 2003) de tal forma que proporcionam um bem-estar subjetivo.

Estudos acerca do bem-estar subjetivo têm aumentado nas últimas décadas. Feng *et al.*, (2017), relatam que este tema atraiu a atenção de estudiosos nos campos da Geografia, do Planejamento Urbano e Psicologia, ou seja, o objetivo é trazer qualidade de vida as pessoas com o melhor planejamento. Em relação ao ambiente construído, os de vizinhança trazem muitas vantagens aos idosos, incluindo melhorias fisiológicas, benefícios psicológicos,

redução de stress, bem-estar subjetivo e qualidade de vida. Apesar de poucos estudos, é importante citar o efeito de vizinhança, espaços abertos e vias verdes, como fatores de melhoria para a qualidade de vida, porém, há necessidade de mais informações sobre a conexão de ambientes verdes e ambientes construídos (CAO, 2016).

Em relação à melhoria de qualidade de vida, Sugiyama e Thompson (2007), identificaram três tipos de envolvimento com ambientes de vizinhança, são eles: (a) Participação em atividades diversas em ambientes externos; (b) Exposição a elementos naturais, atividades ao ar livre; (c) Interações com amigos ao ar livre, ou seja, as interações sociais. Argumentar sobre a qualidade de vida é também verificar os diferentes espaços. Os espaços abertos exercem dois aspectos de influência a idosos: aqueles que disponibilizam de oportunidades para aliviar tensões, encontrar pessoas e aqueles espaços que possibilitam realizar atividades. Por outro lado, há aqueles que fornecem riscos pessoais e sociais, como por exemplo, degraus, violência e tráfego (SILVA, 2014). O ambiente, dessa forma pode apresentar atributos que formam tanto a chamada Pressão Ambiental quanto a Docilidade Ambiental. Embora tais aspectos sejam distintos, não se pode considerá-los absolutos ou mutuamente exclusivos num determinado ambiente.

5.2. Pressão Ambiental e Docilidade Ambiental

A pressão ambiental considera as competências que as pessoas lidam com diferentes demandas do ambiente e, acerca disto, emparelha coerentemente a funcionalidade ou adaptação em um conjunto de competências e exigências ambientais. Ambientes que não disponibilizam suporte às atividades cotidianas afetam negativamente os aspectos físicos e mentais de indivíduos (GUNTHER, 2011). Quando os idosos possuem independência funcional, os mesmos organizam seus ambientes da forma que lhes convém, deixando-o agradável e seguro. Contudo, quanto maior a limitação de ordem física e cognitiva, menor a probabilidade de uso do espaço. Esse tipo de relação desestabiliza e traz sérias dificuldades psicossociais ao idoso (SILVA; ELALI, 2015).

A velhice é permeada por inúmeros desafios adaptativos, porém, há alguns mecanismos que determinam este processo de envelhecer, dentre os quais está a resiliência²⁰,

⁵ Resiliência: Termo utilizado na Psicologia para explicar momentos de “superação”, vale ressaltar que não se restringe somente ao idoso, mas em qualquer momento de vida, dependendo da experiência de cada indivíduo.

que é a capacidade humana em adaptar-se e superar dificuldades e traumas. A resiliência apresenta-se como constructo psicológico associado a fatores de risco e fatores de proteção.

Os fatores de risco são as situações adversas, como os obstáculos individuais ou ambientais que potencializam um determinante estressor e os fatores de proteção consistem na relação entre fatores individuais, familiares e o apoio social externo, sendo de grande importância para que as pessoas consigam desenvolver suas competências e adaptação bem-sucedida (MAIA; FERREIRA, 2011).

As crenças de auto eficácia também estão associadas à capacidade de adaptação em diversas situações. Esse conceito pressupõe que o indivíduo possui crenças de que suas habilidades (competências) exerçam controle sobre fatores que afetam a vida. Tal entendimento se torna relevante porque as crenças incidem na motivação para realizar ações (BANDURA, 1993). Na pesquisa realizada por Janssen *et al.*, (2011), idosos compartilhavam muito de suas experiências estressantes, porém, apresentaram dentre as questões relações pessoais positivas, crenças de suas competências, controle das circunstâncias do cotidiano e acesso à serviços sociais e saúde. Portanto, este estudo concluiu que mesmo em relação às pressões vividas, se produz resiliência. Dessa forma, a resiliência é produto da interação pessoa-ambiente e produtora de novas configurações psicossociais e contextuais.

A influência ambiental sobre o envelhecimento tem sido objeto de estudo em uma subárea denominada Gerontologia Ambiental, que tem por objetivo promover ações voltadas à saúde e bem-estar dessa população. Esse campo contempla a otimização da relação entre os idosos e seus entornos social e físico. Ao investigar as transações da pessoa e seu ambiente físico é recomendável haver uma leitura e interpretação social, considerando o contexto histórico e os processos de significados envolvidos (BATISTONI, 2014).

Nesse sentido, a Gerontologia Ambiental está ligada à estudos que envolvem o ambiente doméstico (microambiente), instituições que promovem relações (mesoambientes) e por último em maior escala, acessibilidade e segurança presentes na localidade (comunidade, bairro, cidade) onde tais idosos se movimentam (macroambientes). Tais aspectos estão relacionados com políticas públicas contextos urbanos/rurais. Esses sistemas ligados são definidos pela cultura, responsáveis pelas características ideológicas de estilos de vida refletidos em contextos culturais com suas práticas sociais (BASTISTONI,2014; BRONFENBRENNER, 2011).

Scheidt e Norris-Baker (2003), relatam que um dos principais contribuidores dos estudos da relação idoso-ambiente foi M. Powell Lawton. Como gerontólogo, Lawton se notabilizou com estudos relativos à qualidade de vida, tendo como critério os aspectos de competência pessoal no enfrentamento da pressão ambiental. Lawton sempre buscou alternativas para permitir que os idosos assegurassem seus estilos de vida sem a necessidade de serem institucionalizados, priorizou, o estabelecimento de ambientes e serviços que atendessem às necessidades da população idosa. O modelo de pressão-competência elaborado por Lawton (1983) trata do comportamento na velhice como uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental e é um marco diferencial que vem sendo retomado na atualidade (WEISMAN; MOORE, 2003).

O modelo proposto por Lawton pressupõe que o ambiente deva ser agente facilitador no desenvolvimento daqueles com a idade avançada, reduzindo barreiras, nesta relação idoso-ambiente, por meio de adaptações necessárias que promovam melhor qualidade de vida (LAWTON; NAHEMOW, 1973). As pressões afetam significativamente o bem-estar do indivíduo, aqueles que dispõem de maiores competências, possuem a possibilidade de se adaptarem em maior extensão ambiental e conseqüentemente experienciar resultados favoráveis. Por outro lado, os que apresentam menor competência têm uma maior extensão ambiental e fatores negativos, conseqüentemente menor probabilidade de comportamentos adaptativos a estes ambientes (GÜNTHER, 2011).

O modelo de pressão-competência entende que as variações do ambiente tem maior consequência no comportamento de indivíduos com menos competência/habilidades do que aqueles com maior competência (NAHENOW; LAWTON, 1973). Neste sentido é importante explicar que as palavras competências e habilidades, na literatura, surgem como sinônimas em relação aos critérios de comportamentos individuais. Porém, estas são passíveis de mudanças em relação a idade, a palavra competência direciona-se à pessoa, e habilidade pretende compreender as possibilidades de enfrentamento diários, ou seja, as demandas do dia-a-dia (GÜNTHER; ELALI, 2018).

Portanto, os autores cunharam o termo *docilidade ambiental* ao se referir ao aspecto “dócil” este significa que o ambiente proporciona o uso das capacidades individuais, dando oportunidades para que cada pessoa desenvolva melhor sua habilidade (SILVA, 2014). As competências se referem a um conjunto de cinco operações: (a) saúde biológica, (b) saúde funcional (quando consegue atingir um número de funções cotidianas), (c) cognição, (d) uso do tempo e (e) convívio social.

As pressões ambientais podem ser baixas ou altas e se referem àquelas situações que podem ser toleráveis ou complexas, como: temperaturas, supressão/estimulação sensorial e social, esta última compreende situações diversas como poluição do ar e auditiva, densidade de ocupação do espaço e arranjo espacial (GÜNTHER, 2011). Após o lançamento deste modelo ecológico, outros autores complementaram os estudos de Lawton, Moss e Lemke (1985) incluem aspectos sociológicos ao modelo e defendem que ambientes sociais e físicos influenciam no comportamento dos indivíduos.

Temos ainda Rowles *et al.*, (2004), que trazem a perspectiva transacional que se ocupa da relação dos idosos com seus ambientes imediatos como a casa, que se configura como fonte genuína de identidade e significados pessoais. Pelo forte caráter emocional com estes ambientes, a maior preocupação está centrada neles. Os autores enfatizam que a relevância nesse assunto diz respeito às mudanças acerca do envelhecer. O notável crescimento do número de idosos independentes, a relação entre as configurações ambientais e os resultados como a saúde física, o bem-estar psicológico e a qualidade de vida manifestam tais mudanças.

Considerando o enfoque da relação idoso-ambiente, Carp (1988) aponta para as necessidades pessoais e os recursos ambientais disponíveis. O modelo proposto por ele indica a ligação entre as capacidades do idoso, como a saúde e as características ambientais, as quais manifestam competências para lidar com as atividades cotidianas. Nesse sentido, a congruência na adaptação pessoal decorre das necessidades das pessoas com o encontro das características dos ambientes. Esse modelo difere daquele proposto por Rowles *et al.*, (2004), e seus colegas que pensam no ambiente primário da casa, para dar saliência aos ambientes secundários como os vividos em coletivos comunitários. Portanto, o principal enfoque defendido por Carp (1988) compreende pensar na acessibilidade, no arranjo espacial das instalações, nos serviços e formas de mobilidade que assegurem a independência dos idosos para uso social desses espaços. O ponto principal está na regulação entre a necessidade do usuário e o tipo de recurso ambiental disponível para atendê-lo.

A partir dos estudos clássicos citados, essa pesquisa enfatiza a hipótese de docilidade ambiental, termo utilizado por Lawton para descrever o apoio, a assistência e a acessibilidade necessárias para o desempenho de atividades rotineiras, cujas intervenções ambientais diminuem os efeitos negativos da idade. Essa hipótese foi aprofundada pelo autor, devido sua afirmação de que o ambiente possui maior potencialidade em enfraquecer as habilidades das pessoas idosas. No entanto, a hipótese de proatividade ambiental sugere que com o aumento da competência pessoal, maior será a probabilidade de sucesso em encontrar recursos no

ambiente que satisfaçam as necessidades e escolhas individuais destes idosos. Em outras palavras, docilidade ambiental é aplicável a idosos que possuem níveis mais notáveis em suas competências, uma vez que estes se utilizam do ambiente como princípio de recursos. Enquanto que docilidade ambiental proporciona uma melhor adaptação aos idosos, a proatividade ambiental propicia suporte para aprimorar a experiência comportamental (LAWTON, 1990).

A hipótese da docilidade ambiental surgiu no campo da Psicologia Ambiental como uma tentativa de compreender como questões ambientais representadas por níveis variados de pressões positivas ou negativas exercem nos indivíduos, fator este determinante para perceber uma maior ou menor competência deste sujeito (NAHEMOW; LAWTON, 1973). Quando um indivíduo não corresponde adequadamente ao ambiente, fica implícito que gera efeitos de cunho negativo como o estresse. Conseqüentemente, quanto menor for a competência deste indivíduo, menos pressão ambiental suportará, tornando-se vulnerável a quaisquer mudanças do ambiente. Conseqüente a esse processo, os mais suscetíveis a sofrerem as influências e pressões ambientais são os idosos. Cabe, pois, a reflexão de que para haver alguma melhoria da pressão ambiental, deve-se ter um ambiente amigável, seguro e que facilite a atuação dos mesmos nestes espaços. No caso de idosos, as competências estão fortemente ligadas às aptidões físicas, cognitivas, sociais e ambientais. Estas competências promovem qualidade de vida e designam expectativas para que este idoso possa conviver melhor em sociedade (TORRES; ELALI, 2015).

Na medida em que a população envelhece, se torna cada vez mais premente projetar ambientes que proporcionem vida saudável aos idosos. O declínio biológico, a redução de energia, as condições de vida e as perdas são situações inevitáveis. Em resposta a esses aspectos, a vivência em coletividade assegura o sentimento de estar ativo e conectado com outras pessoas, mantendo assim, vínculos sociais (LAWTON, 1990; WOOLRYCH; SIXSMITH, 2016). O envelhecimento precisa estar cercado de apoios que promovam mobilidade, qualidade de vida e atividades específicas para a população idosa (SIXSMITH et al., 2014). Para que espaços físicos proporcionem melhorias aos idosos, isto é, para que exerçam “docilidade”, deve-se promover um envelhecimento ativo (EA) e contemplar atividades de fácil execução, permitindo assim maior proatividade em suas rotinas (SILVA; ELALI, 2015).

Existem algumas condições que favorecem e exemplificam o que a docilidade ambiental promove na relação idoso-ambiente, dentre elas: (a) Permitir a privacidade; (b)

Promover a oportunidade de interações sociais; (c) Favorecer a liberdade de escolha, o controle pessoal e a autonomia; (d) Personalizar o ambiente, tanto os locais quanto os objetos; (e) Auxiliar a orientação espacial e ter a certificação de segurança física; (f) Permitir acessibilidade a equipamentos e funcionamento em seu cotidiano por meio de um ambiente estimulador, reforçador e desafiador; (g) Facilitar a apreensão de estímulos sensoriais (visão, olfato, tato); (h) Projetar ambientes agradáveis e organizados, valorizando a beleza, limpeza e receptividade para as demandas e atendimento a novas necessidades e, (i) Tornar o espaço familiar, de maneira a permitir a atribuição de significados como referências históricas, móveis tradicionais e contato com a natureza (SILVA, 2014; SÉ, 2016).

Estudos desenvolvidos por Clarke e Nieuwenhuijsen (2009), apontam a relevância de pesquisas acerca dos impactos ambientais no funcionamento da saúde física e mental, mas, apontam pouca literatura em relação a idosos. A pesquisa baseou-se na sigla de classificação Internacional de Funcionamento, Incapacidade e Saúde (ICF), que foi desenvolvida para melhor coletar e analisar os dados relacionados as deficiências em saúde de nível populacional. Um quadro para um envelhecimento saudável compreende domínios relacionados à saúde no contexto do meio ambiente e discute o funcionamento em três níveis: corpo (fisiológico), atividades (tarefas diárias) e participação social (participar de eventos públicos). Todavia, Günther e Fragelli (2011) relatam alguns fatores que estão ligados as pressões ambientais, como luz, cor, som, aroma e espaço. Qualquer desregulação ou excesso de estimulação como a falta de privacidade, desregulação de temperatura, dentre outros aspectos, interferem e contribuem para o aumento do estresse.

Fator que dialoga com os estudos levantados a partir da ICF, que se concentrou em resultados voltados a incapacidade de idosos participarem de atividades, principalmente aqueles com limitações, devido as barreiras ambientais. No entanto, poucos estudos abordam o impacto do meio ambiente no contexto social, sendo um componente primordial na saúde e bem-estar. Em síntese, este estudo focou no pouco aprofundamento desta relação idoso-ambiente e a necessidade de aporte interdisciplinar que contemple profissionais engajados em minimizar as consequências negativas ambientais, para que estes idosos participem de sua comunidade com melhor saúde e bem-estar (CLARKE; NIEUWENHUIJSEN, 2009).

Estudar idosos reflete em uma construção histórica das diferentes representações que estes indivíduos enfrentam durante o decorrer desta fase. A relação idoso-ambiente busca através da docilidade ambiental assegurar em seus estudos que este ambiente seja um possibilitador na melhoria de qualidade de vida e afetividade. A partir deste lugar pode-se

entender que o espaço escolhido deve ser acolhedor e integrante no cotidiano destes indivíduos.

5.3. Aspectos de pressão ambiental percebidos pelos idosos

Ao aprofundar aspectos da relação idoso-ambiente e a relevância dos ambientes de convivência social por eles frequentados os idosos entrevistados apontam com lucidez o que lhes impede e o que os estimula para uma vida mais digna no ambiente da cidade. A participação efetiva nos espaços de convivência é, muitas vezes, objeto de dificuldades que atinge os idosos. Apresenta-se assim, a percepção desses idosos sobre as pressões ambientais que interferem em sua plena frequência no Programa Idoso Feliz Participa Sempre- PIFPS-U3I-FEFF-UFAM em Manaus-AM desenvolvido pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

Para esse estudo utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada (MINAYO, 2008), que segue um roteiro (Apêndice A) preestabelecido no intuito de verificar as percepções sobre as características do ambiente que interferem na relação cotidiano dos idosos. As entrevistas foram feitas individualmente em salas disponibilizadas no prédio do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. A escolha do local foi para possibilitar um conforto térmico e de acomodação aos idosos, tendo em vista a alta temperatura e umidade próprias da Amazônia. A entrevista foi audiogravada e obteve a duração de 20 a 30 minutos. Os horários foram agendados previamente conforme a disponibilidade dos mesmos dos participantes. A aplicação das entrevistas se deu num período de 20 dias.

Participaram 20 idosos na faixa etária de 60 a 75 anos. Todos apresentavam relativa saudabilidade física e mental, mesmo que convivendo com problemas crônicos comuns da idade, como hipertensão, diabetes e problemas na coluna. Tais agravos eram considerados pelos idosos como naturais e não se configuravam em obstáculos para sua mobilidade e realização de tarefas diárias. Foram entrevistados 16 mulheres e 4 homens, destes, 30% tem idade entre 60 a 65 anos, 30% de 66 a 70 anos e 40% atingem a faixa etária de 70 a 75 anos. Entre os idosos, 75% moram com seus familiares e 25% moram sós. O tempo de participação no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM é relativamente longo onde a grande maioria (70%) têm mais de 6 anos. Entre eles, 20% estão pelo menos há 5 anos no programa, 30% de 6 a 10 anos, 25% de 11 a 15 anos e 25% até 20 anos. Todos os participantes atuam de forma efetiva e

permanecem no programa por muito tempo, sendo o uso deste espaço implicado em suas rotinas de vida. Destes, 20 idosos (60%) tinham suas profissões e 40% não exerciam nenhuma função (do lar), sendo 75% (17 idosos) aposentados e 15% não aposentados (03 idosos).

De acordo com a escolaridade dos participantes, apenas 5% não estudaram (NE), possuem Ensino Médio Incompleto (EMI) e Ensino Médio Técnico (EMT); 10% Possuem Ensino Fundamental (EF) e Ensino Superior (ES); 30% Apresentam o Ensino Fundamental Incompleto (EFI) e 35% Ensino Médio (EM) (Gráfico 1). Em um estudo realizado no Brasil e grandes regiões em 2010, foi demonstrado que quanto maior a escolarização da população, maior é sua expectativa de vida. A população feminina possui maior expectativa de vida do que a masculina em todos os graus de escolaridade para todas as regiões brasileiras e ainda aponta que pessoas que não estudaram ou com Ensino Fundamental Incompleto compreenderam uma maior incidência de morte do que aquelas que possuem ensino superior (SILVA, 2014).

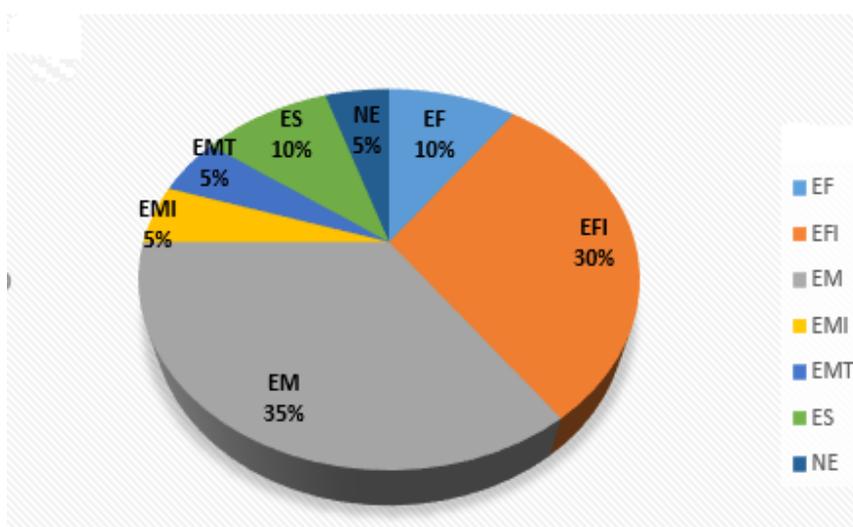


Gráfico1- Distribuição dos idosos em função da escolaridade

A partir dos conceitos de Lawton (1973; 1990), analisa-se as questões existentes de pressões ambientais que idosos apontam como desestimuladores de sua participação, bem como aspectos de docilidade ambiental quando superados por meio do desenvolvimento de competências. A partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) emergiram duas categorias de percepção da pressão ambiental para os idosos em sua atividade de participação no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM: Precariedade de acesso e comodidade no transporte público; Fragilidade de saúde na velhice e, Problemas de infraestrutura e insegurança.

5.3.1. Precariedade de acesso e comodidade no transporte público

O transporte coletivo no Brasil é precário na maior parte das cidades, não sendo diferente em Manaus. O ônibus é para a grande maioria da população brasileira, o único meio de transporte coletivo possível para se locomover na cidade. Em muitos casos os veículos são velhos e danificados, em outros as vias são irregulares e a arquitetura da cidade é truncada. Todos esses problemas levam os idosos a se isolar (GÓES, *et al.*, 2008).

Nos ônibus se encontram crianças, jovens, adultos, idosos, trabalhadores, estudantes ou ambulantes. Observa-se, no entanto que cada segmento social parece estar mais abundante em horários diferenciados, de modo que bem cedo estão trafegando os trabalhadores, depois os escolares. Os idosos se movimentam num dos momentos em que a aglomeração é menos intensa. Mesmo se locomovendo nesses intervalos, o transporte coletivo parece não os acolher de forma dócil.

Nesse estudo, os idosos confirmam tais problemas no transporte, como os quais “... são muito, muito precário para os idosos... e às vezes as pessoas não entendem que é idoso, então passam da parada ou não para muitas vezes”. Os incomoda ainda a falta de sensibilidade para com o idoso pois o “transporte é um dos principais obstáculos né... você vê a dificuldade (...) esperar, os ônibus tudo velho, tudo caquético, eu vejo assim as notícias e todo dia é uma reclamação de ônibus, esperando nas paradas, só andam em pé e muitas vezes os idosos sentem dificuldade porque eles entram no ônibus. O garoto pode ter 17 anos, que ainda só olha na tua cara e ri, porque a preferência é do idoso chegando no coletivo, a pessoa tem que disponibilizar o lugar pra ele né?”.

Um estudo de Somavila e Pessoa (2014), realizada na cidade de João Pessoa acerca da percepção dos idosos, quanto a acessibilidade nas paradas de ônibus, demonstrou muita insegurança deste público na utilização do transporte público, como também relataram sobre a agressividade advindas dos motoristas de ônibus. O estudo aponta como é delicado a vida de idosos no futuro, pois os mesmos não possuem acessibilidade adequada e portanto tentam sobreviver a vida urbana e insegurança.

Há dez anos no Distrito Federal, outro estudo apontou o que idosos expressaram, estes relatavam que motoristas geralmente demonstravam descaso com idosos, ignorando seus sinais, e não esperando para dar partida depois que estes já estivessem sentados e muitas vezes ocorrendo acidentes quando subiam ou desciam do mesmo. Para os idosos, essa atitude

lhe levava a pensar que os motoristas davam preferência aos passageiros pagantes e os idosos eram pessoas que estavam de carona, portanto não teriam a atenção devida. Naquela época os idosos referiam ainda que os passageiros não idosos não cediam os lugares (GOÉS, *et.al*, 2008). Pouca coisa mudou desse cenário. Em Manaus os idosos confirmam isso, “ônibus... porque como eu já tenho 64 anos, eu só com a minha carteira de identidade eu posso passar sem pagar ônibus, mas a dificuldade é este ônibus parar para mim, o motorista já sabe que eu vou dar uma cateirada nele... pausa... e é por isso, eles não param...”.

A precariedade não é apenas relativa ao mau estado dos veículos e a falta de respeito dos motoristas, mas também a falta de respeito dos demais usuários. O idoso é de certa forma, ciente de seus direitos instituídos pela lei, mas observa que na prática não é isso que acontece, pois “tem cadeira para o idoso, mas nem todo mundo respeita... tava cheio de jovenzinho sentados nas cadeiras, todas as cadeiras ocupadas e o ônibus lotado né? aí eu fiquei em pé (...) Então elas sabem que é o lugar do idoso, não falei nada...então a dificuldade de pegar o ônibus, a gente não, mas tem pessoas que usam bengala né? aí dá uma freitada, não tem como segurar e ainda as pessoas não levantam e aí ficam lá com o fone ou dormindo..a gente vê muito!” Outros percebem o quanto é precário a condição de quem utiliza o transporte, não só com os idosos, por isso buscam se locomover de outra forma, quando tem condições para isso. “Bom a gente sabe da dificuldade de transporte... a gente vê dificuldade, mas graças ao meu bom Deus eu venho de carro (...) como eu dirijo nunca tive problemas com transportes”.

De modo geral, para os idosos o bem-estar e alegria podem ser superados a partir de um esforço psicológico individual. A maioria dos idosos entrevistados (16) expressaram essa competência adquirida pela recompensa encontrada nas atividades no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Ter obstáculos não torna inviável a busca da satisfação sentida por sua participação, pois “eu pego quatro ônibus para vir, mas eu gosto tanto daqui... não vejo dificuldade”, ou “Pego dois ônibus para vir e voltar, para nós idosos, é sacrifício, mas tem que fazer... quando chego aqui estou feliz, aqui me dou bem, mas sobre o deslocamento é difícil, tem que ter boa vontade”.

Desta forma podemos constatar que tanto nas cidades de Brasília (2008), de João Pessoa (2014) e de Manaus (2018), a pressão do transporte se repete, os problemas continuam e idosos permanecem desassistidos e invisíveis nestes lugares. O transporte público acaba sendo uma problemática, pois não envolve somente os aspectos físicos do ônibus em si, mas também a conscientização das pessoas acerca do respeito e educação para com a população idosa.

Por outro lado, alguns idosos até consideram essa mobilidade, que consome tempo e produz complicações, como percalço natural no dia-a-dia da vida urbana, uma vez que *“vir pra cá é tranquilo, não tem dificuldade não”*; *“Bem não é fácil, mas não sinto dificuldade nenhuma, não é fácil por causa da demora do ônibus... mas eu não acho nada difícil não. Tem dias que eu pego quatro ônibus (...) eu não acho assim complicado não.”* No entanto, os idosos sabem contextualizar e superar as atuais limitações de mobilidade que consomem tempo e tornam o acesso difícil a qualquer lugar. Dessa forma, os idosos percebem os elementos estressores, porém o estresse não os atinge de forma definitiva. Esses fatores de influência do ambiente físico são, de acordo com Fischer (s/d) vivenciados de acordo com a estrutura psicológica de cada indivíduo. A mobilidade urbana são aspectos que podem gerar barreiras e conseqüentemente impedir que estes idosos frequentem espaços de convivência, porém mesmo dentre estes fatores restritores, estes demonstram que estão dispostos a enfrentar barreiras para que busquem saúde.

A mobilidade urbana é uma realidade das grandes cidades e reconhecida pelos idosos a partir da aglomeração e das distâncias, de tal forma que o *“trânsito é muito pesado. Eu moro na zona norte e atravessar da zona norte pra cá é difícil, principalmente pra quem anda de moto você tem que ter atenção”*. Outro idoso relata: *“Olha o trânsito é sempre difícil, a gente sempre pega bastante engarrafamento, atualmente a gente tem que dirigir por nós e pelos outros e aí tem muitos motoristas que não respeitam a sinalização...”*; *“Todo dia eu vivo essa ansiedade e esses problemas no trânsito... porque o trânsito é muito impiedoso. Eu já saio de casa rezando, rezando muito, porque é difícil um dia que não tenha um problema no meio da rua.”*; *“Olha eu vejo muito desastre, tudo bem que não é diário, mas tem tido muito”*.

Percebe-se, nesses relatos a insegurança, o desconforto e apreensão que torna o seu deslocamento uma pressão contínua e habitual. Tal reconhecimento, mais do que naturalizada, é no fundo, um elemento que consome a vitalidade do idoso, que restringe sua mobilidade e cidadania. Angeoletto (2018) cita em seu estudo que o trânsito é aquele que tem contribuído com o estresse, insegurança, a saúde psicológica afetada e também acarretando outras doenças como hipertensão. O autor cita que os acidentes de trânsito chegam a matar tanto quanto a violência dentro da cidade de São Paulo. Portanto, estes fatores são desencadeantes de barreiras e que necessitam de mediadas que possam amenizar o trânsito em qualquer grande cidade, fator este alarmante, pois afeta a população como um todo.

5.3.2. Fragilidade de saúde na velhice

A fragilidade física dos idosos se refere à dependência para as atividades de vida diária (AVD), déficit cognitivo, surgimento de doenças, fragilidade física, entre outros. Esses fatores influenciam negativamente na rotina diária dos idosos (LANA; SCHNEIDER, 2014). Este fator dialoga com o modelo de pressão-competência de Lawton (1983), que identifica na qualidade de vida aqueles fatores que possibilitam a execução de atividades, como: o bem-estar psicológico, qualidade de vida percebida, competência comportamental e características ambientais, qualquer decréscimo acerca destes fatores, gera fragilidade em idosos.

A debilidade da saúde é, em última instância, o aspecto inibidor da atividade social e, sobretudo da mobilidade. Para os idosos do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, não é diferente, pois é comum sentirem-se vulneráveis diante de alguns desconfortos e, portanto, se vendo com *“dificuldade em sair de casa porque eu vivo tonta, tenho medo de cair na rua e por isso eu fico mais na retaguarda, fico em casa”*. Porém, essa situação débil da saúde que incute receios inibidores de ação, é compensada pelos ganhos que consideram na sua participação no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM uma vez que *“eu tenho medo cair, eu tenho medo de cair do ônibus, eu tenho medo de qualquer coisa... aí depois que eu vim pra cá, acabou todo o medo, agora eu viro o mundo”*.

Para esses idosos os problemas de saúde podem ser tanto um fator de inação quanto um estímulo para não render-se às suas limitações. A participação no grupo de convivência torna-se, em muitos casos, terapêutico para os sentimentos que acometem os idosos. Resta, no entanto, o rompimento dessa primeira carga de inação, que se encontrada no ambiente externo a facilidade de locomoção tais programas poderiam auxiliar tanto no tratamento quanto na promoção da saúde.

Mesmo tendo à disposição tais aparatos sociais, o idoso admite que necessita de outras pessoas para se sentirem seguros em suas andanças pela cidade. O risco de acidentes, próprio da mobilidade de qualquer pessoa, é sentido pelo idoso com mais severidade pelas suas limitações físicas. Reconhecer tais fatos pode ser um modo de enfrentamento dessa realidade, pois o idoso *“tem dificuldade sim, a pessoa idosa que vai pegar ônibus... tem que ser acompanhado... quando para o ônibus pode dar uma topada na calçada, é perigoso... muitas vezes as pessoas não tem paciência, para atravessar a rua não vê se o sinal, atravessa de cabeça baixa... porque tem motorista que respeita, mas tem motoqueiro que passa super rápido, então o perigo da rua dificulta ele sair de casa”*. Dessa forma, não basta ofertar

melhorias na mobilidade, mas são necessárias também medidas que garantam a segurança e suporte ao idoso diante de sua condição biofísica. As ausências de tais medidas se conjugam como elementos de pressão ambiental. Uma vez implementadas, tornam-se aspectos de docilidade ambiental.

Nesse sentido, os estudos de Torres e Elali (2015) mostram que os níveis de estresse aumentam quando o indivíduo não está provido de capacidade para enfrentá-los. Reconhecer as necessidades e sentimentos que surgem na velhice e oportunizar situações de estímulo a compensá-los podem ser elementos diferenciadores na qualidade de vida do idoso. Ambientes dóceis são aqueles que compreendem as limitações próprias de cada um e que lhes forneça elementos para desenvolvimento de competências físicas e psicossociais. A redução da pressão ambiental é o reverso da docilidade ambiental para a promoção de uma qualidade de vida desejada pelo idoso.

Há contribuições de componentes fisiológicos, sociais e psicológicos do ambiente, propostos no modelo elaborado por Lin e Ensel (1989), os quais teriam relevante influência na saúde. Cada um destes fatores citados é demarcado pela presença de recursos potencializadores e estressores que, de certa forma, facilitam ou dificultam a adaptação e enfrentamento. Nesse modelo, a doença possui a característica de um estressor físico e a manutenção de atividades físicas, alimentações adequadas e saudáveis constituem-se como maneiras de enfrentamento de elementos estressores do ambiente. Desta forma, entende-se que o sofrimento (sintomas depressivos), consiste em um estressor psicológico, enquanto a autoestima consiste em recurso de enfrentamento. Por último, o apoio social e a rede de suporte desempenham papéis importantes na superação de todos os domínios estressores, promovendo assim o bem-estar amplo da pessoa.

5.3.3. Problemas de infraestrutura e insegurança

É notória a precariedade das vias de acesso da maioria das cidades brasileiras, e Manaus está nesse rol. De modo geral, o recapeamento asfáltico das ruas é sofrível e os buracos são presença constante. Se as ruas são ruins para o movimento dos veículos, as calçadas por sua vez, não permitem ao transeunte uma segurança e comodidade (CARNEIRO, 2012). Os idosos reconhecem a existência dessas pressões ambientais, mas a grande maioria deles não chega a considerar como fator de impedimento ou barreira definitiva em sua

participação no PIFPS. Alguns idosos relatam sobre as barreiras que existem no contexto de cidade *“Na rua tem muito buraco, mas eu desvio, mas não tem nada assim que eu não consiga fazer entende?”*, outros enfatizam pequenas dificuldades, como *“a única coisa que eu vejo é por causa desta subida aqui... difícil colocar o carro”*. Outras percepções nos relatam aspectos gerais desta questão de infraestrutura urbana, como diz esta idosa: *“pistas terríveis, é complicado”*. A infraestrutura de uma cidade pode gerar uma série de problemas, inclusive, colocar em risco a saúde de idosos *“ah, mas tem muito carro na calçada é o que mais vê, e ainda por cima carro disputando na rua com o ônibus, as calçadas são todas assim, elas são inclinadas, tem calçada, mas são inclinadas e aí você pode escorregar é muita coisa e aí com os carros em cima da calçada você não passa e tem que se deslocar na rua”*.

Perante essas barreiras físicas, os idosos percebem os perigos e riscos que enfrentam, porém, não os impedem de fazer suas atividades e buscar melhoria de vida *“Agora as ruas estão todas emburacadas e às vezes faz até mal para o coração de alguém né? Pensam no risco de saúde “olha pra gente que é idoso é um pouco ruim, porque nas ruas tem muito buraco, eu ainda enxergo bem, posso desviar, mas outros não, podem tropeçar e cair.”*

As questões de infraestrutura é um fator que merece atenção, pois é uma realidade que afeta a população, mas principalmente a esta parcela que merece cuidado *“porque as ruas estão assim cheia de buraco, o ônibus passa ali dá um balanço, mas assim pra mim ainda não afeta tanto, mas pode machucar”*.

Além dos problemas de acessibilidade, há a insegurança crescente de assaltos e roubos aos transeuntes. Tal violência urbana também se mostra um elemento de grande pressão para a mobilidade do idoso e lhes afeta de forma incondicional. Esse medo está latente, mas pelo fato da violência não chegar a si, os idosos se arriscam na esperança de que nada lhes aconteça. O idoso relata *“muito medo de assalto, mas graças a Deus até hoje nunca passei por isso”*. Nesse sentido os idosos aprendem que há lugares mais arriscados do que outros como *“a parada ali eu não conheço muito. Me disseram que é muito perigoso, tem muito assalto.”*, mas diante dessa ameaça se previnem, mesmo sabendo que pouco pode fazerem pois *“pode entrar um marginal dentro do ônibus né? Hoje em dia tá difícil”*.

Se o deslocamento próximo tem inerente a insegurança, o longe inclui outras pressões adicionais, pois *“o meu problema é o meu ramal porque eu tenho que chegar lá antes das 18 horas porque depois disso fica muito escuro e não dá para ver nada”*. A falta de segurança externa, no entanto, é compensada pela ilha de segurança que o campus do PIFPS-U3IA-

FEFF-UFAM oferece, amenizando assim o estresse vivenciado no deslocamento. Para o idoso *“tá ruim em todo canto, mas aqui a gente ainda tem a felicidade de vir, nunca desapareceu nada”*. Por outro lado, sabem que também estão vulneráveis pela pouca segurança disponível no campus *“aqui no nosso projeto não tem nada, não tem segurança pra nós, a gente tá na sala e pode entrar gente aqui roubando tudo, então a gente não tem segurança não”*. É nesse ambiente que o idoso vive e revive sua mobilidade. Há momentos de enfrentamento para se beneficiar de algo que lhes dá prazer, mas todo esse movimento lhes consome vitalidade, lhes incute sofrimento e energia para viver algo que deveria ser pacífico. As pressões vão sendo enfrentadas e competências emergem gradualmente para lhes assegurar um bem-estar na velhice.

5.4. Aspectos de docilidade ambiental vividos e percebidos pelos idosos

A docilidade ambiental se caracteriza como aspectos de manutenção, estimulação e apoio/suporte para um desempenho adequado da pessoa num determinado local. Todos esses aspectos são cruciais para relações das pessoas com as pessoas e destas com o ambiente em si. A função de manutenção diz respeito à permanência e estimativa do ambiente propiciar satisfação e apego aos lugares. Quando essa funcionalidade é escassa a qualidade de vida é afetada. Idosos que vivem em ambientes que não escolheram ou não tiveram opção (asilos, casa de parentes) são severamente afetados emocionalmente. Este fator somado a outros tende a acarretar isolamento social e saúde deficitária. A função de estimulação favorece novos olhares e incentivos que propiciem lazer e relações sociais, que pode ser um parque, praças, mas que propiciem segurança ao usuário. Já a função do apoio ou suporte é a capacidade do ambiente equilibrar as competências dos indivíduos eliminando qualquer barreira física e lhe permitindo acessar os ambientes (LAWTON, 1986; SILVA; ELALI, 2015).

As percepções dos idosos sobre vivências diárias de enfrentamento acerca das demandas ambientais e as respostas emocionais e comportamentos adaptativos acerca da sua vivência no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM indicam aspectos relevantes que incorporam o significado de docilidade.

Para esta análise é primordial que possamos compreender que a docilidade não é algo racionalizado pelos idosos. Isso implica em uma análise também de ambientes que proporcionam suporte acerca dos lugares, como também processos de construções das

socialidades vivenciadas neste espaço. Portanto, no capítulo anterior apontou-se o conceito de *affordances* que nos auxilia na compreensão do potencial emocional, social e cultural que nós humanos percebemos nos lugares e estão disponíveis no ambiente (GIBSON, 1986). A docilidade visa recursos/suportes que implicam um melhor acesso aos ambientes e que melhoram a vida de idosos em vários campos. Dessa forma reduz as possíveis limitações destes idosos, lhes permitindo uma visível melhoria de saúde e afetividade aos lugares em que estão inseridos (GÜNTHER; ELALI, 2018).

Nesse estudo emergiram duas categorias de docilidade vivida e percebida pelos idosos em sua atividade no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Portanto, constatou-se que a docilidade ambiental se revela no uso social de determinados cenários ambientais, preexistente e, de certa forma, isomorfos à centralidade da atividade de convivência no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. As categorias compreendem: Dóceis *affordances* e Dóceis acolhidas. Essas docilidades presentes no ambiente constituem-se em potenciais de bem-estar e sentimentos positivos que formam um constructo ambiental de qualidade de vida aos idosos participantes do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM.

5.4.1. Dóceis Affordances

Os idosos são afetados de forma tácita por algumas características do ambiente que formam uma rede de docilidade. Essas características podem ser apontadas como aspectos presentes no ambiente, nem sempre intencionalmente preparados, mas efetivamente relevantes para sua condição física e socioemocional. Alguns elementos do ambiente não foram projetados para comporem um arranjo necessário para a atividade, mas estão lá, estão oferecendo algo para aquele que se aproxima. Outros elementos foram minimamente, ou melhor, projetados, aqueles em cuja funcionalidade foram assentados um conjunto de características para promover um mínimo de eficácia e eficiência na atividade de convivência do idoso.

O espaço PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM possui em seu design que proporciona o acesso às *affordances*, isto sem interferência intencional de profissionais. A estrutura externa da mesma é pouco utilizada em atividades diferenciadas, que de fato, seria importante para que possíveis intervenções fossem produzidas a partir destes ambientes. Para melhor explicação,

alguns lugares são facilmente acessados por idosos, mesmo que estes não compreendam estes fatores, desta forma elegem alguns ambientes como a árvore com bancos e a pracinha .

Eles designam estes lugares porque entendem que são ambientes especiais onde gostam de compartilhar momentos e vivências. Este acesso se encontra quando relatam que *“eu gosto de ficar ali embaixo daquela árvore”*. Ou seja, compreende um lugar que permite sossego, descanso, frescor *“ali é bem fresquinho, as colegas vão chegando e aí a gente vai conversando, (...) vai se distraindo”*.

A árvore com os bancos são *affordances* de descanso isso explica porque é um ambiente com sombra, conseqüentemente o uso destes lugares promovem mudanças mútuas, de um lado porque potencializa o ambiente e de outro porque promove bem-estar. A árvore não só representa um elemento da paisagem natural, como também espaços que idosos usam para aproveitar a sombra, descanso, paz e harmonia (TUAN, 1980; KAPLAN, 1989; ULRICH, 1991). O ambiente externo proporciona encontro com o natural *“eu procuro ficais mais fora porque é mais ventilado, a ventilação normal do ambiente né? Portanto, as árvores e seus bancos auxiliam para que as affordances sejam acessadas e façam parte do contexto de vida dos idosos no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM.*

Outro ambiente muito citado pelos idosos é a “praça da felicidade”, esta por sua vez é constituída por bancos de cimento e uma mesa longa com cadeiras ao redor, sendo um lugar com importante função social e simbólico. A “Praça da Felicidade” é um marco social e cultural dos idosos que participam do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM, portanto, nos remete um lugar de espera, encontro e descanso *“olha lá a gente ri, encontra as amigas”; “lá na pracinha a gente conversa, se liberta, a gente ri, a gente compra, agente vende (risadas)”*.

Os idosos compreendem que este ambiente propiciam aspectos agradáveis de bem estar *“ali a gente bate o papo com as amigas..”, “(...) batendo um papo e o stress sai, o stress acaba, não tem nem porque lembrar do stress, porque não tem espaço pra ele”* . Um lugar de bem estar psicológico *“eu venho pra cá pra rir, brincar, meus problemas eu deixo lá na minha casa”*.

A pracinha também proporciona lugar de descontração e vivências *“contamos piadas, escutamos a conversa e compartilhamos as histórias, coisas da vida, dificuldades”*. A pracinha compreende um lugar onde são compartilhadas vivencias e bons momentos ao lado de quem os idosos gostam.

Desta forma, compreende-se que as *Affordances* são aspectos que muitas vezes facilitam as nossas ações em acessar os objetos, muitas vezes por ser revestidos de significados e percebidos como estimulantes de bem-estar. Estes espaços podem compreender lugares de aprendizagem e de certa forma contribuir como aspecto de aprendizagem dentro de espaço PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Assim, aos profissionais que lidam diretamente com idosos, seria importante identificar dentre estes espaços acessados quais permitem acesso, bem-estar, afeto e aspectos de aprendizagem, os ambientes promovem trocas, fator este explicitado por idosos. Alguns momentos estes ambientes promovem escape do cotidiano, relatando que o lugar é *“essencial, porque se eu fosse depender do bairro onde eu moro, eu não consigo sair na rua pra respirar, pra andar, porque a gente não se sente seguro e aqui a gente se sente seguro”*.

A docilidade está representada em ambientes construídos, sendo estas responsáveis por espaços que promovem saúde *“aqui é um ambiente saudável, nós temos uma mata aqui que joga o vento aqui pra nós entendeu? pra li tem mata também, tem uma trilha pra caminhar, tudo é coisa boa entendeu? maravilhoso, tem a natureza nos refrescando, jogando o vento pra nós né?”*, *“um lugar feliz, porque a gente está com saúde.”* Relatam que o ambiente já pertence as suas vidas *“espaço é grande né? A gente se sente a vontade e... eu gosto daqui e já me convidaram tanto pra ir para outro programa, mas eu não tenho o costume mais, gosto daqui”*.

5.4.2. Dóceis Acolhidas

Idosos se sentem acolhidos pelo programa devido às relações de afeto e amizade ali estabelecidas. Para estes idosos participar deste programa representa a continuação da família, onde sentem liberdade, respeito e intimidade. Portanto compartilhar vivências dentro de ambientes que promovem felicidade são fatores relevantes para a docilidade. Nesse espaço alguns lugares lhes proporcionam uma genuína alegria, pelo fato de poderem reviver as memórias do passado e estabelecer um diálogo com seus pares que também vivenciam tais emoções. Idosos de um modo geral relatam que o PIFPS-U3IA-FEE-UFAM indica a *“a continuação da família... em casa muitas vezes você não tem direito de falar, de questionar, de se abrir, já tive colegas que saíram de casa, por causa do ambiente com a família”*. Outros reforçam *“Aqui tem pessoas com quem pode contar. Porque em casa muitas vezes não*

encontra o respeito, aqui você pode rir, dançar, brincar e muitas vezes em casa você é criticada porque você já é idosa.. então aqui é o nosso lugar". Espaços estes que demonstram liberdade.

Estes espaços mesmo que não tenham sido programados como lugar de atividade para os idosos, estes se apropriam espontaneamente e revivem suas histórias que encontra reverberação entre os colegas, fato este, que proporciona aspectos gerais de qualidade de vida e saúde mental. Portanto há alguns espaços que são escolhidos para que os mesmos possam partilhar as suas vivências *"Este lugar para um idoso é maravilhoso! No sentido da convivência. Chega aqui e vê as árvores... conversa a gente ri, a gente chora junto e compartilhamos a vivência sabe, muitas vezes tem pessoas que nem vem fazer nada aqui, mas vem por causa do projeto (...) tem pessoas que sentem bem e isso é muito válido do que ficar em casa na depressão né?"*.

Espaços que promovem encontros *"O meu lugar, desde quando eu cheguei é aquela praça, acho que desde quando o programa foi fundado existe esta praça... por que lá a gente ri, conversa, aí encontra as amigas...* Outros relatam espaços de descanso nas sombras *"eu gosto daquela árvore... ali a gente senta e encontra para conversar"*, como também estar envolta a natureza, *"a gente sai vai juntar fruta lá no taperebazeiro, tem a mangueira também...aqui a gente tem um lugar porque nem na casa da gente, a gente as vezes se sente tão bem"*. Estes aspectos com os frutos é um potencial percebido, pois o mesmo promove lembranças do passado, compartilham conversas através das colhidas dos frutos, come-los apresenta uma atividade pelas quais se tornam hábitos nas épocas dos mesmos. Alguns idosos colocam que este lugar *"é um complemento de casa, tem pessoas que falam assim: 'Eu me sinto melhor aqui do que em casa'. Então tem gente que prefere vir pra cá"*.

A partir destas constatações observa-se que pensar em lugar de apoio e manutenção psicológica, requer um papel importante da docilidade ambiental. Alguns aspectos dessa docilidade estão circunscritos no lugar chamado por eles como Pracinha da Felicidade onde as árvores e os bancos convidam para agradáveis encontros entre amigos. Já a sombra da mangueira os permite a vivenciar sua vida pregressa quando buscavam os frutos para comer e numa prática coletiva. Esses lugares estão carregados de significados que foram revividos de forma espontânea, mas que proporcionam qualidade de vida, apego, alegria e bem-estar. O apego ao lugar é um conceito que une não apenas as características físico-espaciais como também os significados construídos nesse contato (ELALI; MEDEIROS, 2011). Segundo Tuan (2013), é comum a todos nós, buscar no passado um sentido do eu e da identidade, ou

seja, eu sou mais do que este presente. O sentido de passado está no diploma, fotografias, imagens, a antiga casa, ou seja, nos objetos que seguram o tempo. Assim, conseguimos reconstruir nosso passado com breves visitas ao nosso bairro, cidade, antigos amigos e outras vivências que a vida nos disponibilizou.

De acordo com Tuan (2013) idosos possuem um mundo social diminuto, muito deles não possuem mais forças para irem aos lugares que antes lhes trouxeram recordações, desta forma não há grandes relatos sobre seus feitos atuais, sendo as lembranças e objetos, fatores que os ligam emocionalmente ao passado.

As memórias das sociedades antigas sustentavam-se na estabilidade espacial e na confiança que os indivíduos não sumiriam ou se afastariam. Os valores estariam relacionados às histórias ouvidas repetidamente sobre um lugar específico, seja a casa, o bairro, a escola entre outros. Os relatos das lembranças variadas acerca de valores conectados à uma práxis coletiva se constituem a própria existência da pessoa, que agora, em idade mais avançada, reaparece para equilibrar a memória afetiva (BOSI, 2016).

As memórias afetivas são aquelas que eternizam registros e lugares, um constante resgate de sentimentos, proporcionando a este lugar, história, sentido e segurança. Tuan (1983) ressalta que enquanto o lugar permite segurança, o espaço está inclinado ao movimento, ou seja, este espaço é vivenciado por este indivíduo e é dotado de valor afetivo. Para dialogar sobre o vínculo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico, Tuan (1980) designou a palavra *topofilia*, que tem como objetivo definir um sentido amplo, que inclui vínculos afetivos de seres humanos com o ambiente material. Importante perceber que o meio ambiente responde através da estética, tátil e provisória. Nessa definição topofilia não é a emoção humana mais forte e quando se apresenta dessa forma, pode-se estar certos de que o lugar ou meio ambiente é veículo de acontecimentos emocionais fortes ou então é percebido como um símbolo. O autor alerta que este ambiente pode não ser diretamente a causa da topofilia, mas este é provedor de estímulos sensoriais que atreladas a imagem percebida, responde a emoções como alegria ou outros estímulos variados, mas que decidimos priorizar a partir da natureza individual e das forças culturais que determinam a época.

5.5. Considerações Finais

Os ensinamentos de Powell Lawton trouxeram grandes contribuições ao desvelar o quão importante são as mudanças dos ambientes. Estas provocariam resultados positivos acerca das potencialidades de idosos, já que o principal aspecto era que estes pudessem, dentre todas suas fragilidades, desenvolver competências que resultariam em processos de qualidade de vida.

Idosos percebem e vivenciam em seu cotidiano as pressões ambientais, porém não são fatores que os impedem na realização de suas atividades diárias. Desta forma, se faz importante reforçar a importância dos centros de convivência, projetos/programas para a terceira idade, pois intensificam o bem-estar e auxiliam em melhorias psicossociais.

As dificuldades atuais estão inseridas num espaço maior do idoso, que é a cidade que não os acolhe. Essa negligência se dá no fato dos transportes públicos estarem deteriorados, as ruas esburacadas e ausência de calçadas favoráveis ao deslocamento seguro. A deficitária infraestrutura de mobilidade se adiciona com outros elementos que contribuem para o isolamento dos idosos, que é a violência e insegurança presente no espaço público. É nesse cenário de grande pressão que os idosos com competências construídas ao longo da vida conseguem enfrentar as diversidades do dia-a-dia. Aos que estão empoderados, resta a melancolia de verem outros idosos vencidos pelos obstáculos e se isolando de tal forma que a doença e a tristeza os encarceram em suas casas.

A Docilidade Ambiental é algo implícito aos ambientes e devem ser reconhecidos pelos gestores de programas socioeducativos. Não bastam apenas programas com metas e atividades que promovam encontros, convívio e bem-estar, mas, sobretudo o arranjo dos lugares, a articulação para uma melhoria da mobilidade dos idosos e a ambiência proporcionada. São essas dimensões que formam aspectos de docilidade. O termo possui como objetivo, reduzir as pressões proporcionando competências aos usuários do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. Esta precisa ser incorporada nos estudos e praticada como aquela que desempenha melhorias nos ambientes, proporcionando qualidade de vida e possuindo um importante papel no auxílio de desenvolvimento de idosos.

Esta pesquisa demonstrou que os aspectos de docilidade ambiental devem ser incluídos como parte de intervenções em ambientes que promovam qualidade de vida, cabendo a docilidade ser utilizada em projetos que pensem na ambiência, isto é no arranjo

espacial, no design significativo do ambiente, na segurança do acesso, no apoio de mobilidade, na afetividade materializada no lugar.

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Esse trabalho analisou aspectos de docilidade ambiental dentro de um ambiente de centro de convivência com idosos. Para efetivo entendimento das nuances encontradas e observadas na pesquisa, é necessário destacar correntes percorridas para tal compreensão. Os processos identificados nesse desenvolvimento de idosos incluem aspectos de ordem biológica que inevitavelmente estão presentes. O idoso passa a viver e reconhecer uma degradação física próprio do envelhecimento. Da mesma forma, há um enfraquecimento das relações sociais, com a significativa perda da atenção por parte dos que estão mais próximos e dos demais que convive. No centro de convivência esse declínio é relativamente compensado com o afeto e a proximidade com seus pares. Nesse espaço inclusivo estão presentes não apenas pessoas com as quais esses idosos garantem o afeto e atenção, mas também objetos, coisas e entorno que os remete às memórias de um tempo vivido e que passa a fazer sentido pra si.

Perceber como idosos se identificam nesse momento da vida é compreender suas angústias, suas necessidades e seus papéis na sociedade. O centro de convivência lhes possibilita dignidade a partir da reconfiguração do ambiente, de modo que respeitem suas fragilidades ao mesmo tempo em que oferecem cuidados necessários em saúde. Então, entender que suas vidas possuem melhorias através de algum programa, é algo positivo dentro das políticas voltadas aos idosos. Apesar, desses feitos sociais, estes ainda trazem implicitamente a falta de prestígio numa sociedade que repete assintomaticamente os direitos. Tais direitos são como folhas ao vento, na percepção dos idosos. É isso que acontece quando sai de casa e se depara, por exemplo, no transporte público, na mobilidade em geral, na insegurança do andar. Os idosos dessa pesquisa percebem o isolamento de outros idosos ao relatarem tamanho descaso das pessoas acerca de quem envelhece. Os participantes do centro de convivência percebem que suas participações ocorrem devido competências adquiridas no enfrentamento de pressões que foram ao longo do tempo submetidos, mas enfrentaram com sucesso. Os que não estão, podem ter sucumbido às pressões ambientais e à falta da docilidade ambiental.

A partir dos aspectos de vida de idosos, como a fragilidade física e competências que são necessárias para uma vida independente, é que se coloca o ambiente como aquele que é um aspecto imprescindível e coadjuvante na promoção de qualidade de vida. Assim um centro de convivência é muito mais do que o programa social, físico ou psicológico. Este deve ser

um ambiente que ofereça concretamente o conforto físico, a paisagem significativa, o arranjo espacial seguro e atrativo. São tais condições que se deve incluir de forma tão decisiva quanto as relações sociais que se mostram decisivas na qualidade de vida.

Essa pesquisa visou buscar a compreensão da docilidade ambiental, dentro deste espaço. Para isto, conceitos como *affordances* auxiliaram no entendimento acerca da potencialidade dos ambientes. A partir da caracterização física dos ambientes ficou claro que lugares externos no PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM e em contato com a natureza, colaboram efetivamente com a manutenção física e psicológica dos idosos. Portanto, ambientes que advogam trabalhos que buscam inclusão social, devem propor um tipo de design acolhedor, que lhes dê o grau de docilidade ambiental para enfrentamento das pressões que vivem cotidianamente. A pressão ambiental sentida pelos idosos são voltadas aos aspectos urbanos de infraestrutura, porém estes são minimizados a partir das competências adquiridas no centro de convivência.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. M. Ambientes Restauradores. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A (Org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. São Paulo: Editora Vozes, 2011, p. 44-52.

ARAÚJO, L. F.; COELHO, C. G.; MENDONÇA, E. T.; VAZ, A. V. M.; SIQUEIRA-BATISTA, R.; COTTA, R. M. M. Evidências da contribuição dos programas de assistência ao idoso na promoção do envelhecimento saudável no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 30, n.1, p.80-86, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v30n1/v30n1a12/>>. Acesso em: 04 de mai., 2017.

ARAÚJO, L.; SÁ, E. C. N.; AMARAL, E. B. Corpo e Velhice: Um Estudo das Representações Sociais entre Homens Idosos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n.3, p.468- 482, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a04>>. Acesso em: 04 de mai., 2017.

AMADO, N. M. B. S. **Sucesso no envelhecimento e histórias de vida em idosos sócio-culturalmente muito e pouco diferenciados**. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa-, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/39>>. Acesso em: 07 Ago. 2018.

AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora de Língua Portuguesa**. Antônio Soares Amora (Org.). 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANDRADE, A. N.; NASCIMENTO, M. M. P.; OLIVEIRA, M. M. D, QUEIROGA, R. M. de; FONSECA, F. L. A.; LACERDA, S. N. B.; ACAMI, S. N. B.. Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**., Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 39-48, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.unifesp.br/handle/11600/8240>>. Acesso em: 13 ago.2018.

ANGEOLETTO, F. A busca por cidades saudáveis. **Vida urbana e saúde- Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 255- 259, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0255.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2018.

BANDURA, A. Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. **Educational Psychologist**, v. 28, n.2, p.117-148, 1993. Disponível em: <<https://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura1993EP.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: Panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 647-657, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838839017>>. Acesso em: 12 jan.2017.

BEAUVOIR, S. **A velhice: A realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro,1970.

BILAC, O. **Poesias Infantis** - “Projeto livro livre”. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, livro 149, 2014, p.44.

BONIFAS, P.R.; SIMONS, K.; BIEL, B.; KRAMER, C. Aging and Place in Long-Term Care Setting: influences on social relationships. **Aging Health**, v. 26, n. 8, p.1320–39, 2014.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BULLA, L. C.; SOARES, E. S.; KIST, R. B. B. Cidadania, pertencimento e participação social de idosos - Grupo Trocando Ideias e Matinê das duas: Cine Comentado. **Ser Social**, n. 21, p. 169- 196, Brasília, 2007. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/262>. Acesso em: 3 de jul, 2018.

BLEGER, J. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. São Paulo, Artmed, 1984, p.31-70.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e Envelhecimento: O significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4737/2661>>. Acesso em: 02 de ago., 2017.

BRANDÃO, V. M. A. T; MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou longevidade?**. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.

_____. Constituição: **Emenda constitucional nº 9**, de 9 de novembro de 1995. Lex: legislação federal e marginália. Brasília, DF, 1988.

_____. Estatuto do idoso: **Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providencias. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 13 de mar. de 2017.

_____. **Lei 8.842, de 04 de Janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L8842.htm>. Acesso em: 13 de mar. de 2017.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos**. Tradução André de Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 41- 54.

CACHIONI, M. Universidades da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NÉRI, A L.; DEBERT, A G. (Org.) **Velhice e Sociedade**, Campinas: Papirus, 1999. p. 141-178.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Revista temática Kairós – Gerontologia da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**, São Paulo, v. 15, n. 7, p.01 – 08, 2012. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/15225/11354>>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: Suporte familiar ou agente de mudança?, **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 35-64, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18396.pdf>>. Acesso em: 16 de mai. 2017.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. Arranjo espacial. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, Petrópolis: Vozes, 2011, p. 70-82.

CAO, X. J. How does neighborhood design affect life satisfaction? Evidence from Twin Cities. **Travel Behaviour and Society** 5, p. 68- 76, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214367X15000228>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

CARADEC, V. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo!**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.11-38.

CARNEIRO, C. R. **Análise da Acessibilidade Urbana em Manaus/AM**: Um olhar sobre a criação de espaços acessíveis para a pessoa com deficiência. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Psicologia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5176/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Cristina%20Rodrigues%20Carneiro.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

CARP, F. M. Significance of Mobility for the Well-Being of the Elderly. In: RICHARDSON, H. H.; GAMBACUNI, L. J.; DEEN, T. B. **Transportation in an aging society - Improving Mobility and Safety for Older Person**. v. 2. Washington: Committee for the Study on Improving Mobility, Transportation Research Board National Research Council, 1988. p. 01-20. Disponível em: <<http://onlinepubs.trb.org/onlinepubs/sr/sr218v2.pdf#page=14>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

CARSTENSEN, L. Evidence for a Life-Span Theory of Socioemotional Selectivity. **Current Directions in Psychological Science**, v. 4, n. 5, p. 151-156, 1995. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/d905/6513c7e1105145fce53b0b2a76c226fe0087.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

CASTRO, V. C.; RISSARDO, L. K.; CARREIRA, L. Violência contra os idosos brasileiros: uma análise das internações hospitalares. **Revista Brasileira de Enfermagem –REBEn**. v. 71, p.830-8, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s2/pt_0034-7167-reben-71-s2-0777.pdf>. Acesso em: 16 de mai. 2017.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S.(Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p.63-69.

CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Espaço e Lugar. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p.182-190.

CLOSS, V. E ; SCHWANKE, A. C. H. A evolução do índice de envelhecimento no Brasil, nas suas regiões e unidades federativas no período de 1970 a 2010. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 443-458, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838798006>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

CORDOVIL, R.; BARREIROS, J.; ARAÚJO, D. Risco, constrangimentos e affordances: uma perspectiva de desenvolvimento. In: BARREIROS, J.; CORDOVIL, R; CARVALHEIRO, S. (Eds.). **Desenvolvimento motor da criança**. Cruz Quebrada: Edições FMH, 2016. p. 155-166.

CORRALIZA, J. A; Emoción y Ambiente. In: ARAGONÉS, J. I. **Cognición Ambiental**. ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (Coords). *Psicologia Ambiental*. Madri: Ediciones Pirámide, 2002.

CUPERTINO, A. P. F. B.; ROSA, F. H. M.; RIBEIRO, P. C. C. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia: Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 20 , n. 1, p. 81-86, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/188/18820111/>>. Acesso em: 10 de mai. 2017.

CHAUDHURY, H. Quality of life and place-therapy. In: SCHEIDT, R. J; WINDLEY,P. **Physical environments and Aging: Critical Contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice**. New York, London, Oxford: The Haworth Press, Inc, 2003. p. 85-103.

CLARKE, P.; NIEUWENHUIJSEN, E.R. Environments for healthy ageing: A critical review, **Maturitas**, n. 64, p. 14–19, 2009. Disponível em: <[http://www.maturitas.org/article/S0378-5122\(09\)00257-6/pdf](http://www.maturitas.org/article/S0378-5122(09)00257-6/pdf)>. Acesso em: 05 jun.2017.

CRUZ, R.; FERREIRA, M. A. Um certo jeito de ser velho: Representações sociais da velhice por familiares de idosos. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 144-51, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/714/71419103017/>>. Acesso: 10 de mai. 2017.

ELALI, G. A. Mais do que paredes: algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação. In: CONGRESSO BRASILEIRO E IBEROAMERICANO HABITAÇÃO SOCIAL- CIÊNCIA E TECNOLOGIA, II, Anais, Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em:<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/84/1/CT%20HAB%2006_ELALI.pdf>. Acesso: 14 abr. 2017.

ELALI, G. A ; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S. (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, Petrópolis: Vozes, 2011. p. 53-6.2.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos** - Seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle**. New york: W.W.norton, 1980.

ERIKSON, E. H. **The life cycle completed**. New York: W.W. Norton, 1982.

FALEIROS, V. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. In: SANTOS, A. A. A.; CASTRO, A. L. S.; VERAS, M. C. B.; LOPES, D. C.; MERI, A. L.; GOLDFARB, D. C.; ANDRADE, F. W. C.; GÜNTHER, I. A.; AZZI, R. G.; LOPES, R. G. C. (Orgs). **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008. p.63- 77. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf>. Acesso em: 17 abr.2017.

FELIPE, T. W. S. S.; SOUZA, S. M. N. A construção da categoria velhice e seus significados. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v.7, n. 2, p. 19-33, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384>>. Acesso em: 30 de maio 2017.

FÉLIX, L. B.; ANDRADE, D. A.; RIBEIRO, F. S.; CORREIA, C. C. G.; SANTOS, M. F. S.O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, Recife, v. 5, n. 2, p. 198-217, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psisabersocial/article/view/20417>>. Acesso em: 02 jun.2017.

FERNANDES, M. G. M; GARCIA, L. G. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 771-783, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29701>>. Acesso em: 26 de abr.2017.

FERNANDES, B. M. **Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo**: Espaço e Território como Categorias essenciais. Universidade Estadual Paulista- UNESP, São Paulo-SP, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/artigo_bernardo.pdf>. Acesso em: 23 de jan.2018.

FERRETI, F.; SÁ, C. A.; CORRALO, V. S. Complementaridade de fatores: contribuições para um novo olhar em torno da velhice. **FisiSenectus**. Unochapecó. Ano 4, n. 1 , p. 1-3, 2016. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/fisisenectus/article/viewFile/3429/2064>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

FENG, J.; TANG, S.; CHUAI, X. The impact of neighbourhood environments on quality of life of elderly people: Evidence from Nanjing, China. **Urban Studies Journal Limited**, p.1-20, 2017. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0042098017702827>>. Acesso em: 05 Jun. 2017.

FISCHER, G-N. **Psicologia Social do ambiente**. Instituto Piaget, s/d.

FONTAINE, R. **Psicologia do Envelhecimento**. Tradução: Constância Maria Egrejas Morel, São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FONTES, A. P.; NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. Enfrentamento de estresse no trabalho: relações entre idade, experiência, autoeficácia e agência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 3, p. 620-633, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2820/282021784012/>>. Acesso em: 17 maio 2017.

FONSECA, A. Envelhecimento, saúde e bem-estar psicológico. In: FONSECA, A. (Ed). **Envelhecimento, saúde e doença - Novos desafios para a prestação de cuidados a idosos**. Lisboa: Coisas de Ler, 2014. p. 153-179.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBSON. J. G. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1986. p. 127-143.

GIBSON, J. G. The theory of affordances. In: SHAW, R.; BRANSFORD, J. (Eds.), **Perceiving, acting, and knowing**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1977.

GIL, A.C. (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANI, M. V. Theory of attachment and place attachment. In: BONNES, M.; LEE, T.; BONAIUTO, M. **Psychological theories forenvironmental issues**. Great Britain: Ashga, 2003. p.137-170.

GÓES, A. A. F.; CÁRDENAS, C. J.; GOMES, L.; TAVARES. A. B. Percepção dos Idosos sobre o Transporte Público no Distrito Federal. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 3, n. 1, p. 58- 65, 2008. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume3_n1/pdf/Goes_et_al.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/327/227>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GUIMARÃES, I. G. **Quando esquecer é o problema: Representações sociais de familiares sobre saúde mental no envelhecimento e os desafios impostos pela demência**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde Faculdade de Ciências da Saúde). Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2005. Disponível em: <<http://revisandopsicologia.com/wpcontent/uploads/2015/08/Completa.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GÜNTHER, I. A.; ELALI, G. A. Docilidade Ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 47-59.

GÜNTHER, H. Affordance. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, Petrópolis: Vozes, 2011. p. 21-26.

GÜNTHER, I. A.; NEPOMUCENO, G. M.; SPEHAR, M. C.; GÜNTHER, H. Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 8, p. 299-308, 2003.

GÜNTHER, I. A. Pressão ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**, Petrópolis: Vozes, 2011. p. 137-170.

GÜNTHER, I. A.; FRAGELLI, T. B. O. Estresse ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 191-206.

GÜNTHER, I. A. Envelhecimento, relações sociais e ambiente. In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F. (Orgs.). **Psicologia do Envelhecimento**. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2011. p.11- 25.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. **A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações**. Universidade de Brasília: Instituto de Psicologia, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2004. p. 01-09. (Série Textos de Psicologia Ambiental 23). Disponível em: <<http://www.beco-do-bosque.net/XTextos/23InterTransMulti.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. **Métodos de Pesquisa Estudos Pessoa-Ambiente**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.369-391.

GÜNTHER, I. A.; AZZI, R. G.; LOPES, R. G. C. (Orgs). **Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008. p. 63- 77. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017

HALL, S. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 294-334.

HERNANDEZ, D. C.; JOHNSTON, A. C. Individual and Environmental Barriers to Successful Aging: The Importance of Considering Environmental Supports, **Behavior Medicine Review**, v. 11, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1559827616672617>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

HIDALGO, D. M; HERNANDEZ, B. Place Attachment: Conceptual and Empirical Questions. **Journal of Environmental Psychology**, v. 21, p. 273-281, 2001. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027249440190221X>>. Acesso em: 18 de maio, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do CENSO demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=am&tema=sinopse_sensodemog2010>. Acesso em: 10 de mar. de 2017.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD): Síntese de Indicadores 2015/ IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M.; RIVLIN, L. G.; WINKEL, G. H. **Homem Ambiental**. Brasília: Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade de Brasília, n. 14, 2005. (Série Textos de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia).

JANSSEN, B. M.; REGENMORTEL, T. V.; ABMA, T. A. Identifying sources of strength: resilience from the perspective of older people receiving long-term community care. **European Journal of Ageing**, v. 8, p. 145–156, 2011. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10433-011-0190-8>>. Acesso: 01 jun., 2017.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The experience of nature: A psychological perspective**. LOCAL: Cambridge University Press, 1989.

KARSCH, U. M. Idosos dependentes: famílias e cuidadores, **Opinião**. Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 861-866, 2003. Disponível em: <http://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/grupo-tecnico-de-acoes-estrategicas-gtae/saude-da-pessoa-idosa/artigos-e-teses/idosos_dependentes_familias_e_cuidadores.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

KYTTÄ M. Affordances of Children's Environments in the Context of Cities, Small towns, suburbs and Rural Villages in Finland and Belarus. **Journal of Environmental Psychology**, v. 22, p. 109-123, 2002. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027249440190249X>> Acesso em: 20 dez., 2017.

KYTTÄ, M. The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 24, p. 179-198, 2004. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/journal/02724944>> Acesso em: 20 dez., 2017.

KÜCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios, **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922012000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 de jun.2017.

LAWTON, M. P. Residential Environment and Self-Directedness Among Older People - Philadelphia Geriatric Center. **American Psychologist**, v. 45, n. 5, p. 638-640, 1990. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/psycinfo/1990-22264-001>>. Acesso em: 14 abr.2017.

_____. **Environmental and aging**. Center for the Study of aging. Albany-New York, 1986.

_____. Environment and Other Determinants of well-being in Older people. **The Gerontologist**, v. 23, n. 4,1983.

_____. NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In: EISDORFER, C.; LAWTON, M. (Eds.). **The psychology of adult development and aging**. Washington: American Psychological Association, 1973. p. 619-674.

LANA, L. D.; SCHNEIDER, R. F. Síndrome de fragilidade no idoso: uma revisão narrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 673-680, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4038/403838839019.pdf>>. Acesso em:16 jul.2018.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, v. 21, p. 09-20, 1998. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/viewFile/6197/4794>>. Acesso em: 31 jan.2018.

LIMA, A. B. R. **Ambiente Residencial e Envelhecimento Ativo: Estudos sobre a relação entre bem-estar, relações sociais e lugar na terceira idade**. Tese (Doutorado em Psicologia, Social, do Trabalho e das Organizações), Instituto de Psicologia. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10277/1/2011_AnaBeatrizRochaLima.pdf>. Acesso: 10 mai.2017.

LIMA, P. M. R. **A arte de envelhecer: Um estudo sobre a história de vida e envelhecimento**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1907>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

LIN, N.; ENSEL, W. Life Stress and Health: Stressors and Resources. **American Sociological Review**, v. 54, n. 3, p. 382-399, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2095612>>. Acesso em: 09 jun.2017.

MAIA, E. M. C; FERREIRA, C. L. Envelhecimento e Desafios Adaptativos. In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F. **Psicologia do Envelhecimento**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2011. p.119-135.

MACEDO, L. A.; NEVES, L. R. Em busca do passado: Memórias e Identidade do Lugar. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 02, p. 741-756 , 2016. Disponível em: <<http://periodicos.clac.org/index.php/relacult/article/download/246/173>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

MACEDO, D.; OLIVEIRA, C. V.; GÜNTHER, I, A.; ALVES, S. M. O lugar do afeto, o afeto do lugar: O que dizem os idosos?. Brasília, **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 441-449, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12529/1/ARTIGO_LugarAfetoLugar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MANERICH, D.; SANDRI, JVA.;KNOLL, BM. Psicologia e educação: Universidade da terceira idade: reflexões sobre preconceitos e projetos. In: PLONER, KS.; MICHELS, L. R. F.; SCHLINDWEIN, L. M.; GUARESCHI, P. A. (Orgs). **Ética e paradigmas na psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 140-151. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854.pdf>>. Acesso em: 09 jul.2017.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER,W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARQUES, A. F. R. A. **Bem-estar subjetivo e qualidade de vida dos idosos Institucionalizados**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social Aplicada), Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2017.

MENDONÇA, J. M. B (Org). **Idosos no Brasil: políticas e cuidados**. Curitiba: Juruá, 2016.

MERCER, N. C. H. **Envelhecimento e longevidade produtiva sob a perspectiva da Psicologia social comunitária: reflexões a partir de duas indústrias de Curitiba-PR**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social Comunitária). Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2017. Disponível em: <<http://tede.utp.br:8080/jspui/bitstream/tede/1307/2/ENVELHECIMENTO%20E%20LONGEVIDADE.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2017.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs). **Pesquisa social: Teoria, método, e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de análise do material qualitativo. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 303-360.

MINAYO, M. C. S (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed., São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAIS, O. N. P. Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo, **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 29, n. 4, p. 846-855, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2820/282021779014/>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

MOOS, R. H; LEMKE, S. Specialized living environments for older people. In: BIRREN, J.E.; SCHAE, K. W (Eds.). **Handbook of the Psychology of Aging**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1985. p. 864-89.

MOORE, K. D.; VANHAITSMAB, K.; CURYTO, K.. A pragmatic environmental psychology: A metatheoretical inquiry into the work of M. Powell Lawton. **Journal of Environmental Psychology**, v. 23, p. 471-482, 2003. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494402001160>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

MOREIRA, E. V; HESPANHOL, R. A. M.. O Lugar como uma Construção Social. **Revista Formação**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

MOURA, M. M. D.; VERAS, R. P. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência. Rio de Janeiro, **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 1, p.19-39, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373312017000100019&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 jul.2017.

MOURA, G. A.; SOUZA, L. K. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 172 - 183, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3215/321527331016/>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MOLINA, E. H.; MAYORGA, I. M.; GALÁN, V. M.; GALA, M.C. Experiencias españolas en la promoción de la autonomía personal en las personas mayores. **Políticas en Salud**

Pública, v. 25, n. 5, p. 147-157, 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0213911111003219>>. Acesso em: 09 jul.2017.

MOSER, G. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Tradução Luis Guerreiro Pinto Cacais. Campinas: Alinea, 2018.

MOSER, G.; ROBIN, M.. Environmental annoyances: an urban-specific threat to quality of life?. **European Review of Applied Psychology**, v. 56, p. 35-41, 2006. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1162908805000824>>. Acesso em: 28 de. 2017.

NAHEMOW, L.; LAWTON, M. P. **Toward an ecological theory of adaptation and aging**. Philadelphia: Philadelphia Geriatric Center, 1973.

NICHOLLS, J. G.; COBB, P. ; WOOD, T.; YACKEL, E.; PATASHNICK, M. Assessing Students' Theories of Success in Mathematics: Individual and Classroom Differences. **Journal for Research in Mathematics Education**, v. 21, n. 2, p. 109-122, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/749138?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 30 maio 2017.

NOGAL, A. B. S. **À procura de significado(s) em narrativas de idosos sobre a viuvez**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Porto: Universidade do Porto, 2005.

ORDONEZ, T.N.; CACHIONI, M. Motivos para frequentar um programa de educação permanente: Relato dos alunos da Universidade Aberta à Terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, n.14, v.03, p.461-474, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n3/v14n3a07>> Acesso em: 16 out, 2017.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Hacia un consenso internacional sobre los programas de cuidados de larga duración para las personas mayores**. Traducción: Guiomar Manso de Zúñiga Spottorno, 2002. Disponível em: <<http://www.zaintzea.org/wp-content/uploads/2017/09/Hacia-un-consenso-internacional-sobre-los-Programas-de-Cuidados-de-Larga-duracio%CC%81n-para-las-Personas-mayores.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2018.

_____. **Informe mundial sobre la violencia e la salud**. Washington, D. C: Organización Panamericana de la Salud para la Organización Mundial de la Salud. 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/>. Acesso em 06 de ago, 2018.

PAIVA, M. M. B.; SANTOS, V. M. V. Ergonomia no Ambiente Construído em Moradia Coletiva para Idosos: Estudo de caso em Portugal. **Ação Ergonômica - Revista Brasileira de Ergonomia**, v. 7, n. 3, p. 56-75, 2012. Disponível em: <<http://www.abergo.org.br/revista/index.php/ae/article/view/169>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

PEREIRA, J. R.; COTTA, M. M. R.; FRANCESCHINI, C. C. S.; RIBEIRO, L. C. R.; SAMPAIO, F. R.; PRIORE. E. S.; CECOM, R. P. Contribuição dos domínios físico, social,

psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. **Revista Psiquiatria**, v. 28, n.1, p. 27-38, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v28n1/v28n1a05>>. Acesso em: 30 maio 2017.

PERES, P. M. S. **Percepção da Interação criança-natureza por cuidadores no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107221> Acesso em: 20 Jan.2018.

PINHEIRO, H. A; WITKOSKI, A. C. Percepções sobre a Ponte Rio Negro: Uma Constelação de Olhares. **Novos Cadernos NAEA**, v. 16, n. 1, p. 69-87, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/715>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A.; FERNANDES, O. S. Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa nos estudos de pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 75- 104.

PUGA BARBOSA, R.M.S.; MODESTO, P.D. Colaboradores da construção dos 25 anos do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM. In: PUGA BARBOSA, R.M.S.; MARQUES, N.; MODESTO, P.D.; MEDEIROS, A.; LIMA, A.B. (Orgs.) **Dinâmicas do PIFPS-U3IA-FEFF-UFAM 25 anos: como chegamos até aqui 1993-2018/Manaus, AM, EDUA, 2018. p.13-33.**

PUGA BARBOSA, R. M. S. et al. **Imagens: clínica, psicomotora – amostra da população de Manaus na faixa etária superior a 50 anos**. Manaus, 1987 (Monografia de Pesquisa) DEF-SUBPESP-UA, Manaus, 1987.

PUGA BARBOSA, R. M. S. et al. **Idoso feliz participa sempre**. 1988 (Monografia de Pesquisa) DEF-SUBPESP-UA, Manaus, 1988.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place- Identity: Physical World Socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83, 1983. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/276857882/Proshansky-Fabian-Kaminoff-PLACE-IDENTITY-PHYSICAL-WORLD-SOCIALIZATION-OF-THE-SELF>>. Acesso em: 31 Jan.2018.

RELPH, E. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia, São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17- 32.

RIZZOLLI, D.; SURDI, A.C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro- RJ, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4038/403838793007.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

RODRIGUES, L. S; SOARES, G. A. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

ROWLES, G. D.; OSWALD, F.; HUNTER, E. G. Interior Living Environments in old age. In: HANS. W.; SCHEIDT, R. J.; WINDLEY, P. G. (Eds.). **Annual Review of Gerontology and Geriatrics - Aging in context: Socio-physical environments**, v. 23, New York: Springer Publishing Company, 2004. p. 167-193.

ROLLERO, C.; PICCOLI, N. Place attachment, identification and environment perception: An empirical study. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, p. 198–205, 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409001066>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

ROSEL, N. Aging in place: Knowing where you are. **The International Journal of Aging and Human Development**, n. 57, p. 77-90, 2003. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2190/AMUD-8XVX-9FPK-MR8G>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

ROSENBERG, C. B. Social spaces for seniors: Exploring seniors' centres and clubs in Australia. **Journal of Sociology**, v. 51, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1440783312474083>>. Acesso em: 05 de jun. 2017.

SANTOS, N. M. Ajustamentos Criativos no processo do Envelhecimento na Contemporaneidade. **Psicologia.pt - o portal dos Psicólogos**, p. 01-25, 2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1086.pdf>>. Acesso em: 02 de agosto 2017.

SÉ, E. V. G. Como deve ser o ambiente favorável ao idoso. In: Saúde e bem estar. UOL, 2016. Disponível em: <http://vyaestelar.uol.com.br/post/337/como-deve-ser-o-ambiente-favoravel-ao-idoso/?ambiente_idoso.htm>. Acesso e : 27 mar. 2017.

SIXMITH, J.; SIXMITH, A.; FÄNGE, A.M.; NAUMANN, D.; KUCSERA, C.; KUCSERA, C.; TOMSONE, S.; WOOLRYCH, R.. Healthy ageing and home: The perspectives of very old people in five European countries. **Social Science & Medicine**, v. 106, p. 01-09, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953614000318>>. Acesso em: 10 maio 2017.

SILVA, E. B. A memória social de um lugar e seus conflitos. **Revista Espaço Livre**, v. 11, n. 22, p. 66-80, 2016. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/506>>. Acesso em: 27 mar 2017.

SILVA, E. A. R. **Interação social e Envelhecimento ativo: Um estudo em duas praças de Natal/RN**. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/19636/1/EduardoAlexandreRibeiroDaSilva_TESE.pdf>. Acesso em 02 mai. 2017.

SILVA, E. A. R.; ELALI, G. A. O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rey, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n2/14.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

SILVA, E. A. P. C.; SILVA, P. P. C.; SANTOS, A. R. M.; MOURA, P. V.; CABBICCO, P.; FREITAS, M. S. M. Resiliência e saúde: uma análise da qualidade de vida dos idosos. **ConScientia e Saúde**, São Paulo- SP, v. 11, n. 1, p. 111-118, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/929/92923617015/>>. Acesso em: 14 de mar.2017.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 15, n. 1, p.155-168, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

SILVA, M. J.; OLIVEIRA, T. M.; JOVENTINO, E. S.; MORAES, G. L. A.. A violência na vida cotidiana do idoso: um olhar de quem a vivencia. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 124-136, 2008. Disponível em: <<http://fen.ufg.br/revista/v10/n1/pdf/v10n1a11.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

SILVA, L. C. **Diretrizes para a Arquitetura Hospitalar Pós-Reforma Psiquiátrica sob o olhar da Psicologia Ambiental**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SOUZA, R. N. R.; BERNARDES, E. H. NASCIMENTO, E.; SILVEIRA, V. F. S.; QUEIROZ, C. A.; LEMOS, M. S. da; PÁDUA, L. M. S. O. de; MAIA, S. M.S; PEIXOTO, N.; QUEIROZ, N. C.; XAVIER, F. B.; SANTOS, A. L. dos; FERREIRA, V. D.; MELO, M. G.; CHAUD, S. G.; LIPORONI, A. R. de C. Análise das mudanças psicossociais de idosos participantes de um programa de universidade para terceira idade. **Ciência et Praxis**, v. 7, n. 13, 2014. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2137>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

SOUZA, E . C. S. **Amparo Social ao idoso: As antinomias aparentes dos textos legais**. Monografia (Pós-Graduação Previdenciária), Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/11532/1/51305631.pdf>>. Acesso: 07 ago.2018.

SOMAVILA, R. F.; PESSOA, J. C. S. Percepção dos Idosos quanto à Acessibilidade nas paradas de ônibus na cidade de João Pessoa. In: FECHINE, C. **Tecendo saberes UNIPÊ**, FECHINE, P.N.S.; SILVA. J.; COUTINHO, L.M. (Orgs.), João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2014. p.325- 342.

SUGIYAMA, T.; THOMPSON, C. W. Outdoor Environments, Activity and the Well-Being of Older People: Conceptualising Environmental Support. **Environmentand Planning A**, v. 39, p. 1943–1960, 2007. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1068/a38226>>. Acesso em: 05 Jun.2017.

SCHEIDT, R.J.; NORRIS-BAKER, C. Many meanings of community: Contributions of M. Powell Lawton. In: SCHEIDT, R.J; WINDLEY, P.G (Eds). **Physical Environments and Aging: Critical Contributions of M. Powell Lawton to Theory and Practice**. New York, London, Oxford: The Haworthpress, Inc., 2003. p. 55-66.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 137-149, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013>.

Acesso em: 02 mai.2017.

SNOWDON, J. How high is the prevalence of depression in old age?. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, p. 42-47, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s1/8856.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2017.

SMEDLEY, B. D.; SYME, S. L. Promoting health: Intervention strategies from social and behavioral research, Washington, DC: National Academies Press. **American Journal of Health Promotion**, v. 15, n. 3, 2001. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.4278/0890-1171-15.3.149>>. Acesso em: 06 jun.2017.

TORRES, L. A.; ELALI, A. G. Docilidade ambiental para idosos: Condição de qualidade de vida para todos. **Cadernos PROARQ24 - Revista de Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro, n. 24, p.175- 186, 2015.

TUAN, Y.-F. Tempo e Lugar.In: TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Tradução OLIVEIRA, L. Londrina: Eduel, 2013. p.219- 241.

_____. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel,1980.

ULRICH, R. S. Stress Recovery During Exposure to Natural and Urban Environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 11, p. 201-230, 1991. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494405801847>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

_____. Effects of interior Design on Wellness: Theory and recent scientific research. **Journal of Health Care Interior Design**, p. 97-109, 1991. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/13173950_Effects_of_interior_design_on_wellness_Theory_and_recent_scientific_research>. Acesso em: 03 fev.2018.

VIEGAS, C. C. L; SILVA, E. A. R; ELALI, G. A. Um Oásis Urbano: Dois Estudos das Interações Pessoa-Ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 3, p. 305-315, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5633352.pdf>> Acesso em: 22 dez.2017.

WAHL, H.-W.; WEISMAN, G. D. Environmental Gerontology at the Beginning of the New Millenium: Reflections on its Historical, Empirical, and Theoretical Development. **The Gerontologist**, v. 5, n. 43, p. 616- 627, 2003. Disponível em: <<https://academic.oup.com/gerontologist/article/43/5/616/633791/Environmental-Gerontology-at-the-Beginning-of-the>>. Acesso em: 20 mai.2017.

WEISMAN, G. D; MOORE, K. D. Visions and values: M. Powell Lawton and the Philosophical Foundations of Environmet-Aging Studies. In: SCHEIDT, R.J; WINDLEY, P.G. **Physical Environments and aging: Critical Contributions of M. Powell Lawton to Theory and Praticce**. New York. Oxford: The Haworth Press, Inc. vol.17, 2003. p. 23- 37.

WHITAKER, D. C. A.. O Idoso na Contemporaneidade: A necessidade de se Educar a sociedade para as Exigências desse ‘novo’ ator social, titular de direitos. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/28264>>. Acesso em: 10 jun.2017.

WILLIG, M. H. **As histórias de vida dos idosos longevos de uma comunidade: o elo entre o passado e o presente**. Tese (Doutorado em Enfermagem) Setor de Ciências da Saúde. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

WICHMANN, F. M. A.; COUTO, A. N.; AREOSA, S. V. C.; MONTAÑÉS, M. C. M. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 04, p 821- 832, 2013.

WOOLRYCH, R.; SIXMITH, J. Ageing, Urban Environments and Place: Moving towards a transdisciplinary research agenda. In: MIRA, R.G. (Org.). **Bulletin of people – Environmental Studies**, n. 44, 2016. p. 21-24.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World Report on Ageing and Health Louxemburgo, 2015. Disponível em: <<http://www.who.int/servicedeliverysafety/areas/people-centred-care/en/>>. Acesso em: 14 un. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A Roteiro de entrevista

Identificação:

Sexo: () M () F Idade: ____ Grau de Escolaridade: _____
 Aposentado: () Sim () Não Profissão/Ocupação anterior: _____
 Moradia: Sozinho () Com familiares () Com Amigos () Outro () Qual? _____
 Quanto tempo participa: _____

Percepções sobre idoso-envelhecimento:

Você se considera idoso? Como é ser idoso pra você (*aspectos positivos e negativos*)? Você considera que o idoso de hoje está em uma melhor ou pior situação que em outras épocas? Em relação à vida social, o idoso atual tem tido muitas oportunidades para sair de casa? O que estimula o idoso a sair de casa? Que tipo de dificuldades o idoso atual encontra para se deslocar fora de casa?

Percepções sobre a participação social:

O que levou a participar do PIFPS? Quais são as coisas mais importantes pra você aqui no PIFPS? Você sente que teve alguma mudança na sua vida depois de estar participando deste lugar? (*Saúde; interação; treinamento; aprendizagem...*). O que este lugar representa para você (*um sentimento que expresse algo pelo lugar*)?

Percepções sobre o ambiente:

Como é pra você chegar até aqui? (*deslocamento em termos de dificuldades e facilidades*) (*Explicar o que é pressão ambiental*) Quais destas pressões ambientais você considera que vivencia diariamente? A organização apresenta alguma dessas pressões (*física – Org. fixa, semifixa e pessoal; social – interações, segurança, etc.*)?

Percepções sobre o uso social e significados:

Gostaria agora de falar de outro assunto, que tem a ver com o ambiente físico onde vocês realizam as atividades aqui no PIFPS

Quando você chega ao PIFPS qual espaço você mais gosta de estar? Por que? Você acha que aqui cada coisa está no seu lugar para o idoso? O que vc mudaria nesse lugar (aspectos físicos)?

Complete para mim: Esse lugar para um idoso é....

APÊNDICE B Minuta do TCLE

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar da pesquisa “Docilidade ambiental: Espaços de Convivência na Promoção de Qualidade de vida de idosos”, sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês GasparettoHiguchi e responsabilidade de Denise Aparecida Rodrigues Amâncio estudante do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas - Faculdade de Psicologia, Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário Setor Sul, Bloco X, Coroadó, Cep 69077-000, Manaus, fone (92) 3305-4127, e-mail: pr.ufam.ps@gmail.com.

A pesquisa tem como objetivo verificar como os idosos percebem o ambiente de convivência social e sua importância para a qualidade de vida. Sua participação é voluntária consiste em uma entrevista que será agendada de acordo com sua conveniência, sua visão nos auxiliará nos estudos do comportamento psicossocial e o papel deste local no cotidiano das pessoas.

Os riscos de participação são mínimos, resumindo-se a possibilidade de algum constrangimento ou desconforto diante de alguma pergunta. Porém havendo qualquer indício desses, a pesquisa pode ser interrompida e os dados obtidos desconsiderados e oferecida assistência psicológica gratuita no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA), da Faculdade de Psicologia-UFAM, no mesmo endereço acima. Esses cuidados podem ser atendidos com a/o psicóloga/o responsável pelo serviço, com todas suas despesas e de seu acompanhante pagas.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar, estará contribuindo diretamente, para o desenvolvimento de estudos como a dissertação e artigos científicos que dela emergirem, como também contribuir para mudanças das realidades sociais vivenciadas por esta população, a fim de promover melhoria na qualidade de vida. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com Denise Aparecida Rodrigues Amâncio, no endereço acima citado, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181/2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós – informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável



Impressão
dactiloscópica

APÊNDICE C
Minuta do termo de anuência do CSPA



DECLARAÇÃO



Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, dos participantes da pesquisa intitulada “Docilidade Ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos”, sob a coordenação e a responsabilidade da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi, a ser desenvolvida pela mestrandia Denise Aparecida Rodrigues Amâncio. Projeto vinculado ao Departamento da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio deste Centro de Serviço Social de Psicologia Aplicada (CSPA).

Manaus, ____ de _____ de 2017

Rebeca Louise Pevas Lima de Freitas
Psicóloga Responsável

APÊNDICE D
Solicitação de Anuência dos Gestores das Instituições



Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Faculdade de Psicologia – PPGPSI
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPG/PSI

Manaus, 16 de Outubro de 2017

Ilma.Sr.^a.
Prof.^a Dr.^a Rita Maria dos Santos Puga Barbosa
Coordenadora do Programa Idoso Feliz Participa Sempre- Universidade da Terceira Idade
Adulta (PIFPS- U3IA)/ UFAM.
NESTA

Prezada Senhora,

Ao cumprimentar V.Sa. venho solicitar vossa anuência para desenvolver a pesquisa, “Docilidade Ambiental: Espaços de Convivência na promoção de qualidade de vida de idosos” como parte da minha formação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPG-PSI/UFAM. A referida pesquisa tem a orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

O objetivo da pesquisa é compreender aspectos de docilidade ambiental no uso social de espaços públicos de convivência de idosos, identificar fatores que potencializam este uso social, aspectos psicossociais desencadeados neste ambiente. Os idosos participantes desses espaços nos auxiliarão a compreender quais enfrentamentos ambientais estes vivenciam, como também as competências adquiridas por eles.

A pesquisa contará com observações no local (sessões previamente agendadas) e entrevistas aos idosos (previamente agendadas com os que concordarem em participar da pesquisa). O projeto segue em anexo para a sua apreciação.

Desde já agradeço sua disponibilidade em nos atender e aguardamos sua resposta.

Atenciosamente,

Denise Aparecida Rodrigues Amâncio
Psicóloga, Aluna do PPG-PSI/UFAM
e-mail: deniseamancio2015@gmail.com
Fone:(92)98244-5828

ANEXOS

ANEXO 1
Parecer Comitê de Ética**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Docilidade Ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos

Pesquisador: DENISE APARECIDA RODRIGUES AMANCIO

ÁREA TEMÁTICA:

Versão: 2

CAAE: 79107217.9.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.431.485

APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

A pesquisa aqui proposta está ligada ao número expressivo de idosos na sociedade brasileira e sua crescente relevância às demandas em saúde e principalmente a inclusão nas atividades sociais. A vida com índice de maior longevidade da sociedade atual é uma realidade emergente e requer estudos mais profundos e pesquisas que repercutam em políticas públicas e modos de vida saudáveis. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) nos anos de 2005 à 2015 a população brasileira apresentou crescimento de 58,8% em idosos com mais de 60 anos e 71,3% com os de mais de 80 anos e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da análise do último Censo de 2010, o Estado do Amazonas possui cerca de 4,5% de idosos, na faixa etária de 60 à 74. Esse fato nos conduz a relevância de pesquisas com esta demanda que só avança com este crescimento populacional (CLOSS; SCHWANKE, 2012; IBGE, 2010; IBGE, 2016). O Estatuto do Idoso Lei nº 10.741 (BRASIL, 2003), prescreve que este indivíduo tem direito a sua liberdade e respeito, alimentação, direito a saúde, da educação, cultura, esporte e lazer, da profissionalização, do trabalho, normas de proteção, assistência social, habitação, dentre outros benefícios. Além do benefício legal, tem-se que pensar na qualidade do bem-estar de quem envelhece, seja físico, social ou psicológico. De acordo com Küchemann (2012), o aumento da expectativa de vida proporcionou mudanças no cenário brasileiro. Por um lado ocorrem mudanças culturais e avanços obtidos através da saúde como diminuição da

fecundidade, diminuição da mortalidade infantil, alimentação saudável e cuidados com o corpo.

Continuação do Parecer: 2.431.485

Por outro lado, aponta para a possibilidade de doenças nos idosos e conseqüentemente tornando-os dependentes de cuidados (KÜCHEMANN, 2012; KARSCH, 2003).

O envelhecimento das pessoas no Brasil ocorre em um contexto de desigualdades sociais, economia frágil, crescentes níveis de pobreza e precário acesso aos setores de saúde. Essas mazelas afetam sobremaneira a qualidade do bem-estar prevista em lei ou requerido como direito humano. Nesse processo de envelhecimento ocorrem mudanças sociais, físicas e psicológicas, muitas vezes não esperadas e não preparadas pelo indivíduo. Envelhecer envolve, portanto, saber envelhecer e enfrentar as vicissitudes dessa condição de vida. A qualidade de vida inclui assim não apenas o estado de estar envelhecendo, mas também a percepção desse envelhecer, suas expectativas e possibilidades, suas necessidades e limitações. Várias são as propostas para que o indivíduo em envelhecimento tenha suas necessidades e expectativas alcançadas, porém nem sempre isso está ao alcance de todos e indistintamente. Além disso, há inúmeros paradoxos nas políticas públicas, tais como o fato de defender que quem envelhece necessita de autonomia e independência em sua rotina, mas há forte ênfase para que idosos permaneçam em seu ambiente residencial para que garantam a sua saúde (TORRES; ELALI, 2015; PEREIRA et al., 2006). Aparentemente prezando a segurança física, tais políticas limitam a mobilidade desse idoso que precisa de contato social, de amigos, de entretenimento e lazer.

Estudos contemporâneos afirmam que o idoso não é isolado do mundo. Os idosos incorporam em suas ações o mundo que o cerca, seja como produto ou produtor da realidade em que vive (CAVALCANTE; ELALI, 2011). Com vistas a esse pressuposto, a Psicologia ambiental busca estudar as relações recíprocas entre idoso e ambiente. Em outras palavras, ao compreender os idosos é necessário desvelar o espaço e lugar desse idoso, seja no âmbito objetivo ou subjetivo, incluindo elementos do ambiente físico e social como uma unidade indivisível. Como os demais indivíduos em idades diferenciadas, os idosos se constituem com pessoas num determinado espaço físico e social. Estes espaços se tornam significativos e são internalizados e se tornam vínculos de denominam apego ao lugar (ELALI; MEDEIROS, 2011). Esse vínculos são sobretudo afetivos, com valências positivas.

Na perspectiva da Gerontologia Ambiental, há uma ênfase da relevante necessidade em estudar a relação idoso-ambiente, pois auxilia na gestão de cuidados com idosos e políticas que envolvem o envelhecimento com espaço e lugar de qualidade. Conhecer espaços domésticos e privados, pode nos auxiliar a entender aspectos sobre mobilidade e acessibilidade, segurança e vulnerabilidade dos idosos no espaço urbano.

A gerontologia agrega vários temas, dentre estes a docilidade ambiental, que é a relação de competência, relativo a aspectos da funcionalidade biológica (percepção, cognição, habilidades motoras) e sua conexão com as demandas ambientais (pressão ambiental), que interferem na vida deste indivíduo. Outro tema é a proatividade ambiental que refere à situação de indivíduos que não estão inertes às restrições deste ambiente, podendo ter habilidades de enfrentar às adversidades e

aperfeiçoar suas competências (BATISTONI, 2014).

Continuação do Parecer: 2.431.485

OBJETIVO DA PESQUISA:

Objetivo primário

Analisar as implicações de aspectos de docilidade ambiental no uso social de espaços de convivência de idosos.

Objetivos secundários

- • Identificar aspectos ambientais que potencializam ou não o uso social do espaço de convivência.
- • Caracterizar aspectos psicossociais desencadeados a partir do uso social do espaço de convivência.
- • Analisar as competências dos idosos no enfrentamento das pressões ambientais para efetivo uso do espaço de convivência.

AVALIAÇÃO DOS RISCOS E BENEFÍCIOS:

De acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, a pesquisa atenderá as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados. Para tanto, caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa aos participantes, esta será imediatamente interrompida e os dados obtidos desconsiderados e oferecida assistência psicológica gratuita no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA), da Faculdade de Psicologia-UFAM, estabelecido na Av. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6200, Bloco X, Coroadó, Manaus/AM.

Continuação do Parecer: 2.431.485

Cumprir esclarecer que a pesquisa, através da instituição que a acolhe, garantirá indenização aos participantes (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos, uma vez que não há previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades na Resolução em tela e nem na Res. 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Preende-se colaborar para o desenvolvimento da melhoria de qualidade de vida em idosos que participam do centro de convivência pesquisado, onde esta pesquisa visa o interesse acerca dos aspectos de docilidade ambiental, que compreende possíveis intervenções no ambiente, promovendo bem-estar, como também contribuir para a construção de mais estudos acerca da longevidade.

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa apresenta relevância social e científica, com aporte metodológico compatível para a sua realização, assim como o desenvolvimento de instrumentais concernentes à realidade que será investigada. Todas as sugestões consideradas pelo Comitê de Ética e Pesquisa foram analisadas e efetivadas pela pesquisa.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TERMOS DE APRESENTAÇÃO OBRIGATÓRIA:

Desenho da pesquisa – claro e objetivo.

Termo de compromisso do responsável pelo projeto – adequado

Critérios de inclusão e exclusão – adequados, visto que todas as questões foram abordadas. Riscos e benefícios – adequados

TCLE – adequado

Continuação do Parecer: 2.431.485

Instrumental da pesquisa – adequado, com o título da pesquisa e as demais informações.

RECOMENDAÇÕES:

Ao considerar eu todas as sugestões do CEP foram realinhadas de acordo com as resoluções 466 de 2012 e 510 de 2016, considera-se parecer favorável a aprovação do referido projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de

Inadequações: Considera-se parecer favorável a aprovação do projeto. É o parecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A CRITÉRIO DO CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1008979.pdf	16/11/2017 14:56:18		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.docx	16/11/2017 14:50:43	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.pdf	16/11/2017 14:49:52	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/11/2017 14:48:29	DENISE APARECIDA RODRIGUES AMANCIO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	16/11/2017 14:47:36	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
Outros	CARTA_GESTOR.pdf	18/10/2017 17:48:16	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_CSPA.pdf	18/10/2017 17:28:49	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_idoso_feliz.pdf	18/10/2017 17:27:32	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Docilidade_Ambiental.pdf	18/10/2017 17:12:27	DENISE APARECIDA RODRIGUES	Aceito

Continuação do Parecer: 2.431.485

SITUAÇÃO DO PARECER:

Aprovado

NECESSITA APRECIÇÃO DA CONEP:

Não

MANAUS, 12 de Dezembro de 2017.

ASSINADO POR:

**Eliana Maria Pereira
da Fonseca
(Coordenador)**